

Decreto do "lay-off" publicado hoje

Foi publicado na folha oficial de hoje o decreto sobre a redução ou suspensão da prestação de trabalho, conhecido por «lay-off», a que poderão recorrer tanto as empresas do sector público como as privadas. O diploma estabelece os termos em que os trabalhadores podem ver reduzido o seu período de laboração normal ou suspenso o seu contrato pelo máximo de dois anos (incluindo a possibilidade de prorrogação). Mantém no entanto o direito a auferir o equivalente a dois terços do seu salário, bem como a beneficiar das demais regalias sociais. É uma medida a que as empresas só poderão recorrer em caso de a sua viabilidade estar em risco, o que deverá ser comprovado por documentos justificativos.

Pág. 15

Jornais diários mantêm preço

Págs. 3 e 7

Gonelha aos jovens médicos sem emprego no Estado

Para África rapidamente e em força

«A cooperação com os países africanos é o único horizonte para resolver a questão do desemprego dos jovens médicos» — afirmou, esta manhã, o ministro da Saúde, Maldonado Gonelha, no discurso de abertura do Simpósio de Cirurgia Vascular, qual está a decorrer no Hospital de Santa Marta.

Segundo o ministro existem apenas 1800 vagas nos quadros do internato complementar onde se processa a formação de especialistas, uma vez terminados os dois anos de internato geral.

Essas vagas, ligadas à capacidade dos hospitais, limitam as admissões dos 4100 médicos que

terminaram no ano lectivo passado o internato geral.

«Actualmente, vive-se uma proletarianização da classe médica. Qualquer estudante de medicina se considera hoje um funcionário público ou prestes a sê-lo» disse Maldonado Gonelha.

O ministro classificou, ainda, de «caótica» a situação em que encontrou o Ministério da Saúde, que, afirmou, «compreende 90 mil funcionários, mais de metade dos quais são administrativos e pessoal auxiliar».

«Na minha qualidade de gestor, nunca julguei possível que existisse uma estrutura assim. Não havia no Ministério nenhum

serviço que soubesse dizer quantas pessoas lá trabalhavam, quem eram e onde se encontravam» — declarou.

Em função desta situação caótica, o ministro disse ser sua intenção introduzir uma profunda remodelação na organização da saúde e, para já, nos hospitais a nível nacional.

Está pronto desde Agosto um anteprojecto de regionalização e reordenação dos hospitais que será em breve apresentado às autarquias. Posteriormente, todos os hospitais serão consultados acerca deste projecto de re-

Continua na pág. 19



Libaneses em Genebra: o impasse mantém-se

Jumblatt quis entrar armado na sala da reunião

Págs. centrais

Vai Portugal transformar-se em alvo militar preferencial?

Pág. 4

Futebol

Escoceses no Porto já fazem distúrbios

Ai temos nova (e decisiva) quarta-feira do futebol europeu, com três símbolos portugueses envolvidos no triunvirato de competições uefeiras: Benfica recebendo os gregos do Olympiakos (na Luz, às 21 horas, para a «Taça dos Campeões»), FC Porto atendendo os escoceses do Rangers (nas Antas, pelas 21 e 30, a contar para a «Taça dos Vencedores de Taças») e, em Glasgow, o Celtic abrindo as portas ao Sporting (às 19 e 30, para a «Taça UEFA»).

E os problemas principiaram porque, tal como se previa, a presença dos adeptos escoceses no Porto já deu que contar. Algumas horas após terem desembarcado em Pedras Rubras já andavam na «baixa» portuense com um «grão na asa» provocando algumas pessoas através do seu comportamento pouco habitual entre nós. Na sequência da sua conduta, um dos adeptos do Glasgow Rangers acabou por ser preso esta madrugada, depois de ter amolgado o tejadilho de um automóvel.

Págs. 16 e 17

Pershing já terão chegado a Greehan Common

Ministro inglês da Defesa admite que a Polícia dispare sobre manifestantes

Págs. centrais

Hoje

Sete Ponto Sete

Escritor Jorge Luís Ramos
Quatro dias no Funchal em torno do Cinema



Depois de não serem levados a sério
Pacifistas já são cidadãos da Europa

Americanos cercam embaixada

Diplomatas cubanos só aceitam sair de Granada acompanhados de presos, feridos e mortos

• Oitenta vítimas no hospital bombardeado

Págs. centrais

O "DL" acompanha o Rallye SAGRES EUROPA com o patrocínio



III FESTIVAL E SEMINÁRIO NACIONAL DE GASTRONOMIA EM SANTARÉM

Reportagens com o patrocínio do empreendimento

QUINTA DO GUALDIM

Esta piedosíssima crise

Beja Santos

E se Deus existe e nem tudo é permitido? E se demíurgos da autofagia política engendraram este pavor de fim de século para nos cortar cerca de repulsa aos novos Alanos, Ostrogodos e Hunos? E se há alternativas plausíveis para um viver melhor na tirania desta putrefacta estaglação? Tere-mos direito a uma crise doce?

É que o leitor anda desatento das novas revoadas da piedade, cismando com a carta de intenções do FMI, o imposto retroactivo, a electricidade mais cara, o seu «standing» ameaçado, os euromisséis, a invasão de Granada, as chacinhas libanesas, esmorecendo a fé recôndita que nem a filatelia, o caravanismo, a nomismática, o zen, o bricolage, o jogging, o bingo, conseguem fazer relampejar neste espírito cada vez mais turvado pelos objectos inacessíveis. E tanta gente a acenar-nos com o Sermão da Montanha a preços de liquidação total!

Confronte-se com a questão universal do utilitarismo. Se o País sofre da neurose da falta de

designio (nada de dramático, pois já António Sérgio escreveu que Portugal foi uma promessa não cumprida), porque não experimentar a cura do «eu», receber a mensagem do Amor, emagrecer, dominar, reencontrar, enfim, Calecute, a Mina, a Capanha Alegre, as insuspeitadas revoluções que interrompem com Garcia da Orta, Pedro Nunes, Duarte Pacheco Pereira?

Nada de mais exaltante do que lhe propomos um roteiro pio, anticonsumista, uma viagem no interior do Portugal que não desfalece. Desiluda-se se pensa que vamos nessas parvoíces do biogás, da agricultura em grupo, da entreajuda urbana. O nosso roteiro é uma proposta não utópica, um adormecido duende que iremos afagar contra a piedosíssima crise. Sim, a crise é um conceito imperialista. E nós podemos depilar essa crise com algumas decisões criteriosas. Optai, convivei, padronizai a saúde e a bonomia. Antes de mais, luz é vida. Vá ao Laboratório Científico Tony, em Trava-gem, Ermesinde. O Tony, que é professor naturista, doutor em metafísica pela Universidade

das Ciências do Homem, garante-lhe: Foi provado em tribunal diante de uma equipa de médicos, bem formada, a existência filosófica que transformou corpos impuros em puros quando lhes tinham dito não haver solução. Crendice? Hemorragia de divisas não é certamente e nem as multinacionais farmacêuticas falam assim. Vá ver já que a Judiciária não pode ver o Tony.

Já decidiu a sua nostalgia? Quantas crises e aventuras não despontam ou murcham na dança? Tango. Valsa. Rock. Bolero. Samba. Yé-Yé. Cha Cha Chá, etc. Você vai aprender em sua casa sem precisar de par. É simples e custa 700 escudos. Centro de Metodologia Natural. Apartado 21152, 1100 Lisboa. Um safanão à melancolia do Ernâni Lopes. Uma desforra da juventude irreverente ao Seabra. Mas, e se o seu problema é gordura, desvio capitoso ao déficit da balança comercial ou irresponsabilidade perante a seca? Pois emagrece 500 g por dia sem danificar a sua saúde. Contacte o Apartado 102-2800 Almada. Dentro de um mês, contemos o que aconteceu. Até se pode dar o caso de querer saúde, elegância, felicidade, com chá Diet da Bioform, ou magra e saudável com Bekunis, o tal chá instantâneo que quando é o n.º 4 descongestiona a vesícula, facilita a actividade hepática e auxilia a digestão.

Bonda de trivialidades. Um «nuance» do roteiro é conquistar e dominar, o que está fora de

propósito das coligações políticas. É uma procura constante de todos os emigrantes e não emigrantes. No entanto, nesta vida cruel surgem sempre obstáculos que mais parecem ser enviados pelas forças do mal. Ai surge o fracasso, a falta de ânimo para lutar, e o desespero. Escreva-me enviando o seu problema com o seu nome, foto que devolverei, data de nascimento e outros elementos que julgue interessante, juntamente com 100 escudos para despesas dos CTT, Apartado 304 - 2502 Caldas da Rainha Codex.

O roteiro inclui o trilho da Mesopotâmia, absurdamente esquecido desde que Afonso de Albuquerque preteriu o esmagamento árabe no Oriente Próximo. E este exitoso é tão acessível! Certamente que nunca o leitor pensou em dirigir-se a CMW, Apartado 3104 - 1301 Lisboa Codex: árvore dos desejos, anel «tu e eu», desviar os maridos das amantes, perfume paixão, envelopes mágicos, atrasos menstruais.

Desiluda-se com os trilhos da Mesopotâmia que não vão dar à Roma das novas e velhas profissões. A vitrinista não é uma ocupação banal. Há falta de «estetic centers», onde se perde peso sem fome, sem injeções, sem ginástica, sem pilulas, há que reinventar o creme universal de massagens à base de resinas, de plantas alpinas e extracto de propolis, as mais desvairadas espécies de peladas, ou ensinar sâncrito à distância - falar, ler e escrever em disco e

cassete.

E confronte. Desforre-se da crise imperialista. Em boa verdade, as farmácias magzinadas convidam-nos pela monta, pelo prospecto de balcão, têm marketing, são promessas indecifráveis a não ser pela afectuosidade beliscada: a anti-rugas, o sabonete adelgaçante, a espuma que devora a celulite. Brutos e brutais, esquecem-se da alma, convictos de que compramos só porque não somos de pau. O romanceiro dos bruxedos é um pozinho de crendice, de macumba, de efeito psicológico. Olhe para a China, país pobre onde os cidadãos ainda estão na fase de aspirar a ter bens de primeira necessidade. Se o salário do português (haverá estatísticas credíveis?) não é lisongeiro, olhe que o do chinês não ultrapassa 480 dólares e consta que os camponeses ainda não ultrapassaram a cota dos 140 dólares. Claro que o chinês não entende a nossa crise, nem o Tony, os cursos de dança e o anel mágico. Ninguém nega que o consumidor chinês dá a sua manifesta pretensão a um rádio, um relógio de pulso, satisficidas as suas necessidades básicas em arroz e bicicleta. Fica por apurar se o consumidor chinês tem acesso às maravilhas do Sermão da Montanha a preços de liquidação total. Há inúmeras diferenças entre Portugal e a China. A China não tem concorrência e nós temos; a China tem controlo de preços e nós já superámos essa idade do Ferro da economia aperrada; a China

concede uma intervenção para a defesa do consumidor, em Portugal o consumidor foi apanhado pelo despertar dos mágicos; a China quer «standing», os portugueses querem que não lhes afectem o posto de trabalho, o arroz e a bicicleta. E por aí adiante. Confronte modelos. O que os outros não têm é esta crise doce, o excesso de gordura, os centros esteticistas para nos limparem o último sebo. E a China não fica aqui ao lado.

E se estivéssemos a protagonizar um conto real? E se o conjunto de exemplos enunciados mais não fossem que situações de comunicação insólita?

Então, não sei. Aqui dou por findo o meu roteiro de perplexidades no Portugal que não desfalece. Nem eu sei se há crise nos meios de produção, se nos meios de comunicação, se nos fins do consumo. Aliás, se não existisse a alienação anulava-se a história, ou seja, este presente passaria ao cúmulo de um «buraco negro» sem perspectivar Portugal-84 e Portugal-85.

Como se o Tony, os chás, o combate dos videntes contra as forças do mal não nos tocassem no cerne das nossas contradições. Com o perfume fatal, entre nós e Deus tudo é permitido. A nossa opressão de classe é admirável. Os Tonys dão-nos um apartado. E o pavor de fim de século é uma balela. Os Tonys esperam-nos. Envie em notas de cem escudos, e não se esqueça dos selos postais. É fácil ter esperança. Deus, tem piedade de quem permite os Tonys!



Livre de canto

A. Flores de Andrade

VOLTA a discutir-se ansiosamente a possível entrada de Portugal no Mercado Comum europeu. Aliás, nunca o assunto foi abordado serenamente, na pura óptica dos interesses.

Em boa verdade, no que discutir significa esclarecer, nunca houve mesmo discussão. Temos estado permanentemente em vias de integrarmos uma organização extremamente complexa, como é a CEE, sem jamais ponderarmos colectivamente, seriamente, **democraticamente**, as implicações que poderão resultar de um passo dessa responsabilidade. Certo que têm acontecido, em meios restritos, uns colóquios, umas conferências, umas palestras, mas nem é em meios restritos que um assunto de tal magnitude deve ser discutido, nem a esmagadora maioria dos destinatários imediatos daqueles debates - **grosso modo** os homens de negócios - se sente minimamente esclarecida.

É claro que a mera sugestão de um debate democrático nacional, sobretudo a propósito de um assunto **especializado** como é a CEE, causa em muitos sectores da vida nacional um tecnocrático e inteligente sorriso, por enquanto paciente, mas já despojado. Nem colhe citar o povo norueguês que por referendo votou contra a adesão, ou o inglês, que, pela mesma via, votou a favor à quarta consulta: o sorriso, por enquanto paciente, mas cada vez mais altivo, contemplará a ingenuidade. Que sabe de economia o povo português? Quer pôr-se um assunto destes nas mãos de ignorantes? Aliás, pôr em causa a adesão ao Mercado Comum é, para já, fazer o jogo dos comunistas. Haverá mesmo ingenuidade nisso de **discussão democrática**? Tudo perguntas que vão respondendo à obstina-

ção ansiosa de querermos ser **europeus** a todo o custo. A perpétua permeabilidade sa-loia aos estrangeirismos, que desta vez pode revelar-se dramática.

Querer-nos no barco europeu não é crime, é mesmo um anseio perfeitamente legítimo para quem dispõe até da vantagem de estar geograficamente na Europa. Mas ninguém se faz piloto entrando levemente para o leme de um navio, que ainda para mais navega num mar de escolhos e com rombos no casco. Isso mesmo no-lo dizem os oficiais de bordo, que devem estar-se absolutamente nas tintas para as nossas ameaças de ir navegar outros mares. (ainda vão acusá-los também de fazerem o jogo do PC).

Facto é que nem a **alternativa americana** do Poder, nem a **alternativa africana** de alguns saudosistas (que não dos ditos terceiro-mundistas, os quais nunca defenderam a África por oposição à Europa), nem a **falta de alternativa** que o PC persiste sistematicamente em usar, têm apresentado virtualidades **diversas** para equacionar a componente externa da nossa economia, de vital importância, estrutural e conjuntural, face à enorme dívida externa e à tendência para crescer que ela evidencia.

Se a Europa é mesmo uma fatalidade nossa, então preparemo-nos para ela, conscienciosa e determinadamente. Se o não é, descubramos as alternativas, serena e patrioticamente. Mas nada disto pode conseguir-se sem um grande envolvimento do povo português, sem - em suma - uma alargada discussão e participação democráticas.

O que temo nos ministros deste Governo é apenas isto: que sejam demasiado inteligentes para perceberem a inteligência do povo. Já não seria a primeira vez a acontecer-nos esta tragédia.

Maurice Duverger
Serviço exclusivo Le Monde/«DL»

A partida, os vencedores das eleições de 1981 tinham elaborado uma política industrial que prometia perspectivas sedutoras. A um socialismo da distribuição, preocupado sobretudo em modificar a repartição dos bens, eles tinham preferido um socialismo de produção que tenderia a aumentar esses bens. Na euforia da vitória, apesar de tudo, eles tinham sacrificado de início o primeiro, para atenuar as injustiças agravadas pela crise económica. Para além dessa generosidade provisória, eles viam na renovação das estruturas industriais um dos objectivos principais da legislatura, sendo as nacionalizações um dos meios essenciais para atingir essa finalidade.

A recessão geral, tornando insuficientes os investimentos privados, obrigou a substituí-los por avultados investimentos no sector público. Alargando-o amplamente, constituindo com ele grupos estruturados à escala mundial, substituindo a lógica do interesse nacional pela dos lucros particulares, desenvolvendo racionalmente a investigação para a produção de alta tecnologia, poder-se-iam compensar as fraquezas de uma potência média afrontando um mercado planetário e permitindo-lhe entrar, em pé de igualdade, no jogo das multinacionais. A experiência do poder tinha mostrado a importância privadas na realização de um tal projecto: houve que concretizar as ajudas correspondentes. A não concretização e do lançamento esperado para 1982, o agravamento do déficit comercial, as dificuldades financeiras, obrigaram em seguida a travar este movimento sem que, no entanto, ele tenha sido posto em causa.

A reorganização coordenada da Thomson e da CGE demonstra que este programa não está

esquecido, e que, por vezes, audaciosamente, é posto em prática. Mas isto é insuficiente para convencer de que ele define ainda a orientação fundamental da esquerda, ou que esta tenha tido sempre um programa. Demasiadas demoras e contradições se sucederam nestes últimos meses, para que um acto audacioso possa, por si só, dissipar as dúvidas e as inquietações que alimentam as maledicências de vários sectores da maioria. Certamente que lentidão e prudência são necessários num campo em que não se deve confundir velocidade com precipitação. Sem imitar a lebre é possível, no entanto, não copiar a tartaruga. Mas o mais grave é que nem sequer se adoptou a regularidade de marcha da tartaruga, e que as decisões tomam um caminho em ziguezague, tantas vezes opondo-se aos princípios proclamados há dois anos.

Que há de comum, por exemplo, entre as decisões aparecidas este Verão, exactamente antes do acordo Thomson-CGE? O Governo inicialmente fez um esforço para salvar a Manufrance, cooperativa operária sentimentalmente emocionante mas catastrófica na sua falta de produtividade. Alguns dias mais tarde, sabia-se que a Havas, encarregada de organizar a quarta cadeia de televisão, tinha preferido passá-la a uma filial da Philips, principal concorrente da Thomson, empresa nacionalizada, da qual se queria fazer um pioneiro no sector da electrónica para o grande público. E eis que há poucas semanas se fez luz sobre o caso La Chapelle-Darblay, onde os holandeses foram encarregados de realizar a reorganização da maior fábrica de papel de jornal francesa, após a saída de três quartos do seu pessoal.

Caso a caso?

Como uma dezena de outras que não é necessário referir, nenhuma das decisões precedentes é, em si própria, absurda. Para cada uma é possível encontrar razões muito válidas.

Mas essas razões são contraditórias entre si e algumas delas contrárias ao objectivo da renovação das estruturas industriais que era uma das prioridades do socialismo à francesa. Manter de pé a velha casa de Saint Etienne é o exemplo perfeito do que não se deveria fazer, se não se quisesse afundar a nossa indústria na impotência e no marasmo. Oficialmente justificada por um preço de venda ligeiramente inferior e pela presença da mais valia ajustada nacional, a escolha da Havas assenta sobre dois argumentos em que o primeiro corresponde à lógica capitalista e o segundo a uma visão de miope. Somente a chamada da Pareto para reorganizar a nossa indústria do papel de jornal se mantém na linha do modelo definido em 1981-1982: a firma dos Países Baixos, sendo uma das melhores neste sector, poderia assim permitir-nos uma modernização eficaz e rápida, sem que ficassemos em seguida amarrados a uma empresa estrangeira.

Estas flutuações e estas contradições dão a ideia de que a esquerda governa caso a caso e que se vai afastando do modelo de socialismo elaborado dois anos atrás sem que o tenha substituído por um outro. Em resumo: que a esquerda deixou de ter uma política industrial. Para os comunistas o caso é assaz transparente, uma vez que eles proclamam abertamente uma prioridade absoluta para o emprego. Em si próprias, a renovação das estruturas e a luta contra o desemprego, não se opõem e a esquerda, desde a sua chegada ao poder que manifestou a vontade de as conduzir simultaneamente. Se o progresso técnico faz baixar os custos de fabrico de uma empresa através de uma diminuição da mão-de-obra, a firma assim modernizada beneficia de um crescimento que vai levar a uma multiplicação de postos de trabalho no exterior. Mas o P.C.F. e a C.G.T. não aceitam este deslocamento e opõem-se a qualquer alteração. Se seguíssemos esse caminho, os dinheiros públicos serviriam para escoar

indefinida as estruturas estabelecidas.

Um tal comportamento é normal num partido que nunca desejou verdadeiramente o sucesso do socialismo à francesa, fortemente afastado da sua ortodoxia. O que já pode parecer estranho é que um teórico do socialismo apareça agora como que a encaixar-se na linha dos comunistas. Jean Pierre Chevenement não declarou na sua entrevista ao «En Jeu», revista próxima da CERES, que a sua política «faz do emprego a prioridade essencial»? Algumas linhas antes não criticara ele violentamente o presidente de uma empresa estatal que lhe «dissera que o custo actual de um contrato - compreendendo as cotizações sociais - o impedia de fazer investimentos de produtividade e a interromper completamente qualquer novo recrutamento»? Mas então, o que é feito da teoria de um sector público cuja capacidade de competição seria a ponta de lança da reconquista dos mercados externo e interno?

O antigo ministro da Indústria e da investigação vilipendia, e com razão, o crescimento zero. Pensará ele que o poderá ultrapassar com uma produtividade zero. Esta é a questão crucial. Ele não a ilude totalmente pois que inclui uma correcção notável à posição dos comunistas. A sua política «faz do emprego prioridade essencial, antes da defesa do poder de compra global que evoluirá em função da produção e do esforço de cada um».

Forma sibilina esta que não permite saber se a prioridade do emprego se refere apenas ao poder de compra, ou se tem um carácter absoluto que engloba até a produtividade da empresa considerada. Encontramos aqui o claro-escuro tão querido dos estrategos políticos. A vontade de se colocar à esquerda empregando um vocabulário agradável ao P.C.F. unindo-se habilmente a um propósito próximo do pensamento de Edmond Maitre.

Não esqueçamos, no entanto, que a entrevista de Jean Pierre

Continua na pág. 19

política de A a Z

Quando a paz e a independência estão em perigo

1 — A questão da Paz e da Guerra

Em Lisboa, no Porto, em Coimbra, na Figueira da Foz, em Évora, em Beja, em Vila Real de Santo António, muitos milhares de homens e de mulheres, muitos milhares de jovens, afirmaram a sua vontade de Paz. Milhares de portugueses e de portuguesas vieram à rua proclamar que não queriam armas nucleares no território de Portugal. Esta vontade de Paz, esta condenação da ameaça nuclear nada tem de estranho e só merece registo nestas notas cursivas porque, depois de aberrantes declarações públicas do vice-Primeiro-Ministro e de lamentáveis palavras dirigidas pelo Primeiro-Ministro aos militantes do seu partido, as manifestações, em sete cidades de Portugal, assumiram um carácter de contestação das fidelidades políticas do Governo.

Terá Mário Soares, na sua obstinação doentia, a atenuante de, em reunião partidária, ter falado, na qualidade de secretário-geral do PS, a quadros da direcção nacional do seu partido. Mas Mota Pinto não tem atenuantes, falava como membro do Governo. E o que das palavras dos dois dirigentes políticos se poderá concluir não os prestigia.

Do interesse nacional, e de uma lúcida estratégia de segurança europeia, vemo-los alheados. Atentos, sim, à «orientação» que nos é estranha e adversa. Com efeito, a nossa «pequena política de guerra» é uma política de enfeudamento a estratégias globais que outros decidem e não contemplam os interesses nacionais. O simples trânsito de armamentos nucleares compromete a segurança nacional. A utilização de portos portugueses, de bases em território português, continental e insular, remete-nos para a situação de «alvos estratégicos». Põe em perigo a vida dos Portugueses.

O Governo não mede os riscos de uma política de subordinação a interesses estrangeiros — militares, políticos, económicos. A política, dos partidos coligados, ou de alguns dirigentes dos partidos coligados, sobrepõe-se à prossecução dos verdadeiros interesses nacionais. Perde-se a perspectiva do interesse nacional em questões graves como a da segurança do território, como a do desenvolvimento socioeconómico, como a da política diplomática autónoma, como a da política de cooperação com a África, o Brasil, a Espanha, os países árabes.

E como os desvios relativos ao autêntico patriotismo são maus conselheiros, repetem-se as banalidades do reacçãoarismo primário. Não tardará que, para o histerismo anti-soviético dos dirigentes coligados do PS e do PSD, um homem político como o dirigente social-democrata alemão Willy Brandt seja um agente de Moscovo. Quem fala de Paz é suspeito. A Paz, para os dirigentes coligados do PS e do PSD, é subversiva. A Academia do Vaticano está controlada pelos sábios soviéticos. Os trezentos bispos norte-americanos obedecem a instruções secretas de Yuri Andropov.

E o braço longo do Conselho Mundial da Paz, à voz de Romesh Chandra, movimentou como títeres obedientes, os milhões de cidadãos europeus que se manifestaram pelo Desarmamento e pela Paz, em Roma, Bona, Paris, Londres, Madrid, Haia, Moscovo, Praga, e em tantas outras cidades. Em capitais de países onde os partidos comunistas são extremamente minoritários. Perguntemos, aos histéricos do anticomunismo, que relação poderá haver entre a força do pequeno PC da Holanda e a multidão de meio milhão de holandeses que desfilou nas ruas de Haia?

É que, ao contrário do que pensam alguns limitados políticos da nossa terra, muitos milhares, milhões, de homens e de mulheres, compreenderam toda a gravidade dramática da advertência dos bispos norte-americanos: «Somos a primeira geração desde a Criação do mundo com poder para destruir a vida criada».

rios do Mar e da Agricultura, respectivamente, 12 178 (milhares de contos) e 15 500, são menos de metade da verba destinada às despesas de Defesa Nacional, 68 738 (milhares de contos).

A nossa «pequena política militar», uma política mendicante de auxílio externo, custar-nos-á 68 738 (milhares de contos) e para a política de Indústria e Energia consignamos a verba de 8911 (milhares de contos), para o Equipamento Social 49 581, para Trabalho e Segurança Social 60 973, para a Cultura (englobando a Investigação Científica, as Bibliotecas e Arquivos nacionais, a defesa do Património Cultural) dedicamos 2935 (milhares de contos).

Precisamos de utilizar, como aliás já tem sido pontualmente utilizada, a capacidade da nossa Engenharia Militar; precisamos de utilizar a Marinha e a Aviação em missões de assistência e de vigilância da nossa vasta Zona Marítima. Mas essas necessidades nacionais condicionam o tipo de meios com que convém dotar, no interesse nacional, a Marinha portuguesa e a Aviação Militar portuguesa.

Estamos em Paz com as outras nações. Não temos inimigos externos. Mas estamos em guerra contra a crise.

3 — A política dita de «austeridade» e a paralisia nacional

O Orçamento Geral do Estado (OGE) para 1984 é o instrumento de uma política restritiva. Uma drástica contracção da actividade económica terá elevados custos sociais. Destes o desemprego será o mais espectacular, mas não é o único. A severa contracção do consumo terá como consequência uma redução da actividade comercial e industrial no que respeita às

Pequenas e Médias Empresas (PME), dado que, como afirma o Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais (MPMCI) a «política de austeridade» impõe «quebras bruscas nos consumos de bens essenciais, o que para o comércio representa novas baixas de vendas, maiores dificuldades e tesouraria, drásticas limitações das suas encomendas às indústrias, consequentes acumulações de 'stocks' nestas e retracção, no geral, dos investimentos». Por outro lado, o comércio ressentir-se da redução crescente das vendas, provocada, segundo o MPMCI, «pela descontrolada subida dos preços» e pela «degradação do poder de compra dos consumidores». E o MPMCI alerta para a crise de vendas do Natal que será a resposta do consumidor ao «recente imposto retroactivo de 28 por cento sobre os rendimentos do trabalho no final do ano» (Reproduzimos a argumentação do MPMCI, do «Diário de Notícias», edição de 1/11/1983).

Por seu turno a Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte (AICCOPN), face à retracção dos investimentos no campo das Obras Públicas e do Equipamento Social, comenta queixosa: «...não poderemos considerar normal que num país fortemente carecido em matéria de habitação e de infra-estruturas básicas, as empresas se debatem com quebras brutais de procura, que, a par dos atrasos de pagamentos por parte do Estado, as estão arrastando para dificuldades financeiras que a curto prazo poderão ser intransponíveis.» («Seis Perguntas ao Governo», texto publicado como publicidade em 29/10/1983).

Para a AICCOPN a «compressão das despesas públicas pela via do investimento neste sector» está errada. A redução do investimento público terá como consequência, em 1984, uma «quebra da actividade do subsector das obras públicas, que irá reflectir-se, a montante e a jusante, em desemprego, falências, agravamento da escassez de habitações, insuficiência e degradação da rede de comunicações, insuficiências do equipamento social em vários campos: o escolar, o cultural, o social, o sanitário.

A Confederação do Comércio, em amargo comentário à situação presente, falou de paralisia nacional.

No Conselho de Ministros (27/10/1983), o Governo debateu,

ou tomou conhecimento, de um conjunto de intenções e de medidas que foram apresentadas como uma «proposta de estratégia industrial». Sucede que o atraso em que o País se encontra não é compatível com um compasso de espera neste domínio. Das duas uma: ou a retracção financeira ou uma «estratégia de desenvolvimento industrial», a lançar imediatamente, uma imediata «política de desenvolvimento socioeconómico».

O Primeiro-Ministro, umas vezes com a força das convicções mal inspiradas, outras vezes para satisfazer a solidariedade governativa, proclama, *urbi et orbi*, que para a política do Governo PS-PSD não há alternativa. Repousa, sem mais problemas, na «maior maioria de sempre», mas os problemas existem, crescem, multiplicam-se. É Emâni Lopes que reconhece no seu tecnocrático frio: «Seria muito negativo para a economia portuguesa se, ao vencermos os obstáculos meramente conjunturais da crise, não viessemos a ser capazes — Governo, trabalhadores, empresários e gestores — de lançar os fundamentos de um processo sustentado de desenvolvimento».

Esse é o problema. A ilusão de Emâni Lopes reside na calendarização do processo, no timing — como por aí se diz. Se a correcção conjuntural não for acompanhada de medidas relativas à transformação estrutural, corremos o risco — Governo, trabalhadores, empresários e gestores — de vencidos os «obstáculos conjunturais» ficarmos sem qualquer futuro social, nacional. E isso pela óbvia razão de nenhum «obstáculo conjuntural» ser verdadeiramente obstáculo para a «paralisia nacional», para a degradação económica, para a subordinação aos interesses estrangeiros, para a completa dependência, económica e política, do estrangeiro.

Sombria perspectiva, sem dúvida. A cura financeira poderá condenar-nos a um mal de mais difícil remédio: à «paralisia nacional», ao desemprego, às falências, ao subconsumo, à penúria, à crise social.



O preço dos jornais não aumenta

A Associação de Imprensa Diária (AID), confrontada com a decisão da EPNC («Diário de Notícias» e «A Capital») de manter o actual preço dos jornais diários, decidiu que o preço de 20\$00 seria mantido. A EPNC («Diário de Notícias» e «A Capital»), pela força da sua participação no capital da empresa proprietária do «Jornal de Notícias», do Porto, levou o diário português a alinhar com a sua posição desfavorável ao aumento do preço.

Se esta decisão não poderá ser considerada como equivalente a uma resolução adoptada pelo Governo, na realidade funciona como tal.

O Estado, na consideração do que entende ser o interesse da gestão de órgãos de Imprensa de que é proprietário, consente que estes desrespeitem uma decisão associativa, arrostem a vontade da maioria, se separem da cooperação associativa.

O «Diário de Lisboa» verifica os factos. E deles tira consequências à luz do dia. Nada temos que ver com guerras estranhas, guerrilhas pessoais, estratégias competitivas. Mas, já temos que ver com a vida da Imprensa e dessa problemática ninguém nos distrairá.

Dissemos que a decisão de aumentar o preço dos jornais diários era de uma incontestável gravidade e que os sucessivos aumentos de preço não representavam, em si, uma solução global para os problemas da Imprensa. Tínhamos presente que no final dos anos 50 o jornal custava 1\$00, que no final da década de 60, custava 1\$50, que em Abril de 1974, custava 2\$50. Dos sucessivos aumentos de preço posteriores, das modificações da vida urbana e da vida familiar, da concorrência de outros meios de Comunicação Social, resultou nítido retraimento percentual da área de opinião pública informada e formada pelos jornais. Esta situação não pode o Estado ignorá-la, nem deixar de preocupar governos de orientação democrática.

Alega a EPNC — e essa foi a opinião expressa pelo «Diário de Lisboa» na Assembleia Geral da AID, realizada a 30 de Setembro — que «o momento não é adequado ao aumento do preço dos jornais diários». Mas, retirando-se da AID, colocando-se à margem do movimento associativo, a EPNC constitui-se em juiz da oportunidade do aumento do preço dos jornais. Ora, sabendo-se como é público e notório, que o Estado subvenciona com alguma generosidade a EPNC, fica criada uma situação de desigualdade e de uma moralidade contestável. A Imprensa diária terá que enfrentar as suas dificuldades com os meios próprios. A EPNC será beneficiada, para vencer as suas dificuldades, com fundos públicos.

O Estado não tem uma política. Tem duas medidas. Toda-via, uma só e a mesma crise aflija a Imprensa diária. A nossa estrutura de produção implica encargos muito pesados em relação à produção dos semanários. Ora, nos termos do «comunicado» emanado do seu conselho de gerência, a EPNC declara que «o aumento dos nossos jornais deverá ser concertado no tempo com o aumento de capa dos semanários». Onde serão as empresas editoras de «semanários» que avaliarão se, e quando, os jornais diários deverão aumentar o seu preço.

O «Diário de Lisboa» mantém, em consequência da decisão associativa e da necessidade, que nunca ocultou, de acompanhar os jornais que lhe são próximos, o preço actual de 20\$00.

E, como jornal livre e independente — porque politicamente autónomo e não dependente financeiramente — espera dos seus amigos e leitores o apoio que se traduz em preferência, a preferência que é o melhor apoio.

«DL»



2 — A política de defesa nacional e o Orçamento de 1984

A entrada da Espanha na NATO, a verificar-se, como já tem sido referido por especialistas militares e por comentadores políticos, alteraria os dados relativos à nossa presença militar na «Aliança» e à coordenação militar (comandos e funções operacionais) nas áreas do Atlântico e do Mediterrâneo Ocidental.

Não falemos já das implicações políticas no plano internacional. Pensemos, sim, tendo presente a lição das manobras conjuntas hispano-americanas no Sul da península Ibérica, na posição subalterna que as Forças Armadas portuguesas, e designadamente a nossa Marinha e a nossa Aviação, teriam no conjunto militar peninsular. Não se esqueça qual o interesse nacional em relação ao apetrechamento e modernização da Marinha e da Aviação. Não se esqueça, igualmente, que em fase de «austeridade» a nossa «pequena política militar» é cara. Cara para as nossas posses e militarmente insuficiente.

Na realidade, na situação actual, e quaisquer que sejam as solicitações no quadro da «Aliança», este país não se pode permitir a gastar mais em despesas militares do que em Agricultura, Indústria e Energia, Trabalho e Segurança Social, Equipamento Social, Mar (Pesca, Portos e Marinha Mercante) e Cultura.

O desequilíbrio do nosso comércio externo é motivado, numa parte substancial, pelas importações maciças de produtos directos ou indirectamente destinados à alimentação. Uma política de auto-suficiência no que respeita aos recursos alimentares exige a modernização da Agricultura e da Pesca, implica uma verdadeira revolução tecnológica, a mecanização agrícola, a renovação da frota pesqueira, redes de frio, investimentos e incentivos às indústrias alimentares. As verbas que, no Orçamento de 1984, estão consignadas aos Ministé-

Aurélio Trindade no comando da RMN

O general Aurélio Trindade é o novo comandante da Região Militar do Norte (RMN). A nomeação foi feita pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, após consultas no interior deste ramo das Forças Armadas. Todavia, a nomeação carece ainda de confirmação do Conselho Superior de Defesa Nacional, o que sucederá na reunião de sexta-feira. Círculos militares e governamentais referiram-nos que não haverá problemas em relação a tal confirmação.

O general Aurélio Trindade era até agora director da Arma de Infantaria, e substitui o general Mário Delgado, que passou recentemente à reserva. Aurélio Trindade, que foi há dias recebido pelo Presidente da República, assumirá o comando da Região Militar Norte no início de 1984.

Entretanto, sob a presidência do ministro da Defesa reuniu hoje o Conselho Superior Militar. Preparou a agenda da próxima reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional.

Mota Pinto no Canadá: entre a NATO e os emigrantes

Questões relacionadas com a cooperação militar entre Portugal e os Estados Unidos foram abordadas pelo vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Mota Pinto, durante a sua recente permanência no Canadá, onde assistiu a uma reunião do Grupo Parlamentar Nuclear da NATO. Aquele membro do Governo, que ontem regressou a Lisboa, revelou que havia tido conversações sobre aquele tema com o secretário de Estado da Defesa dos EUA, não adiantando, no entanto, pormenores.

Sobre a reunião do Grupo Planeamento Nuclear da NATO, Mota Pinto falou do empenhamento dos membros da Aliança Atlântica nas instalações dos euromísseis, em caso de não haver acordo entre Washington e Moscovo quanto à redução de armamento nuclear na Europa.

O vice-primeiro-ministro referiu ainda a intenção da NATO de dispensar os mísseis antiquados existentes, que seriam substituídos pelos Pershing-II e Cruiser.

O lado político

Para além daquela reunião da NATO, Mota Pinto, a quem, no Canadá, se juntou a secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, aproveitou a deslocação para contactos com emigrantes portugueses, na linha das acções que vem desenvolvendo ultimamente com vista àquilo a que a generalidade dos observadores políticos classifica como «reforço da sua posição no PSD» na perspectiva das eleições presidenciais de 1985.

Sobre este segundo ponto, Mota Pinto disse ter contactado comunidades de emigrantes em Montreal e Toronto, junto das quais terá recolhido manifestações de «confiança na capacidade do Governo», para além de «algumas preocupações» relacionadas com questões adu-

neiras e sobre a legislação sobre o arrendamento.

Completando as declarações do vice-primeiro-ministro, a secretária de Estado da Emigração acrescentou que os emigrantes no Canadá, que investiram na compra de habitações para arrendar em Portugal, têm as rendas congeladas, ao passo que se tivessem investido no Canadá teriam rendas actualizadas.

Afirmou que outro problema avançado pelos emigrantes foi o da necessidade de serem autorizados voos «charter», mais baratos que os normais, para os Açores, de onde são oriundos cerca de metade dos emigrantes portugueses no Canadá.

Conferência em Lisboa

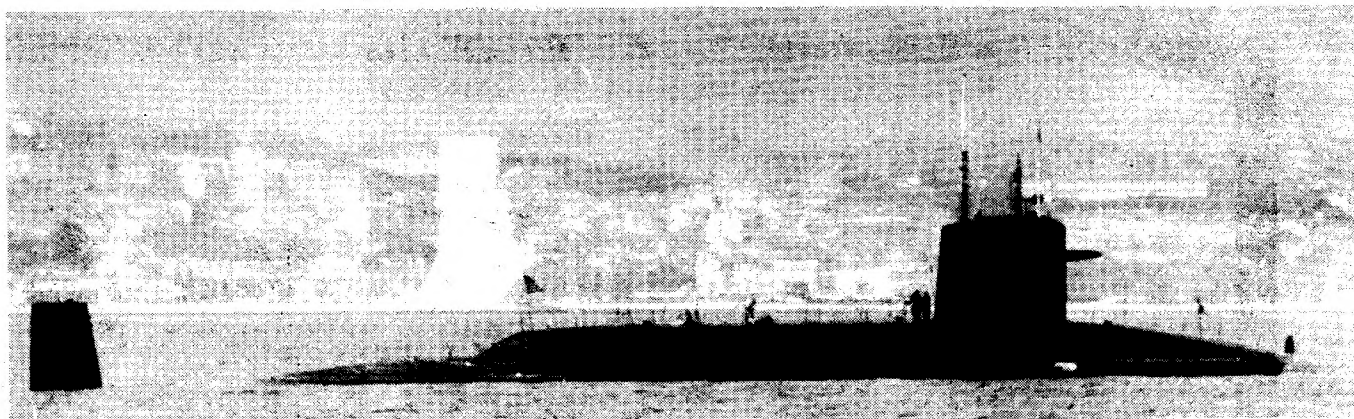
Manuela Aguiar revelou que Portugal se candidatou à organização da III Conferência de ministros responsáveis pela Emigração do Conselho da Europa durante a segunda conferência, que decorreu recentemente em Roma.

Adiantou que houve receptividade à candidatura portuguesa, o que considerou natural dada a experiência de Portugal no domínio da emigração.

A reunião de Roma tratou da integração dos emigrantes nos países de acolhimento, do seu regresso e da emigração clandestina.

A secretária de Estado da Emigração revelou que um dos principais problemas debatidos foi o da participação dos emigrantes na vida dos países de acolhimento, sublinhando os progressos registados neste domínio desde a I Conferência, realizada em 1980, até à reunião de Roma.

Em 1980 — sublinhou — só a Suécia dava direito de voto aos emigrantes nas eleições locais, direito que três anos depois é concedido em todos os países nórdicos, enquanto a Holanda e a Itália preparam legislação neste sentido.



Cortegaça tem uma misteriosa base-Nato; na Fonte da Telha há os depósitos de munições; no estuário do Tejo passeiam-se, frequentemente, submarinos nucleares norte-americanos (como este que vemos na imagem); das Lajes é o que se sabe. Chegou a vez do Alentejo (Beja) e do Algarve (Fóia)?

Mais facilidades militares para os EUA (I)

Eanes: 'informações classificadas'

Fim de tarde, em Setembro, dia 21. Na enorme suite cor-de-rosa do Waldorf Astoria de Nova Iorque, Ramalho Eanes conversa informalmente com alguns jornalistas que cobrem a sua visita oficial aos EUA. Passados os minutos iniciais de hesitação, de mehos ávontade, de dúvida (a segurança norte-americana impedira-nos, uma hora antes, de assistir à recepção e discurso de Carlucci), a conversa brota natural, espontânea, e as questões são claras e di-

rectas. A dada altura pergunto: Sr. Presidente, quais são, além das Lajes, as facilidades militares que os Estados Unidos pretendem em Portugal?

A resposta não é imediata. Eanes ensaia vagas considerações, até que, socorrendo-se da experimentada linguagem militar e sem perder o tom aberto e coloquial da conversa, dispara breve: «São informações classificadas.»

Três dias antes, em Washington, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, fora mais loquaz. Num estilo despreendido, embora paternal, a querer dar a ideia de que nada lhe escapa, que domina todos os temas da vida internacional, Gama admitiu o interesse do Pentágono noutras facilidades. Citou mesmo Beja, e não excluiu a alta importância de outras bases ou portos, e do centro de radares, a construir em Monchique (Algarve), para o «patrão» da NATO.

«Loucura»

Recordo, dessa conversa ainda, o quase-terror do Fernando Dacosta, pelo tom demasiado fácil, complacente, do titular do MNE, perante a inevitabilidade do «sim» português a tais facilidades. «Mas isto é uma loucura. Querem transformar Portugal num paiol, num porta-aviões...» — dizia abismado o grande repórter de «O Jornal».

Os países nórdicos a Áustria a Grécia do PASOK, a própria Espanha de Gonzalez, foram logo ali apontados a Jaime Gama como exemplos de políticas nacionais positivas, independentes e geradoras de melhores aberturas para mundos que nos importam mais como África. Definitivo, o ministro avançou com a nossa situação «geoestratégica», com o «crescente poderio militar soviético», e garantiu que a «conversa» de Papandreou de correr com os «marines» das bases gregas não era para levar a sério.

«Vocês verão que as bases americanas continuarão na Grécia» — disse calmamente.

Na reunião efectuada, num desses dias, no Pentágono, com Eanes, Mota Amaral e Gama rodeados por Weinberger e por destacados oficiais superiores dos EUA, incluindo o general Vassey, chefe da Junta dos Estados-Maiores, não se falou apenas das Lajes ou da modernização das Forças Armadas portuguesas. Houve muitas perguntas da parte americana e terá ficado claro que não bastavam o aeroporto açoreano, a misteriosa base de Cortegaça, os «secretos» paióis da Fonte da Telha, os trens no Montijo, os desembarques na Costa de Gale, os abastecimentos dos submarinos nucleares na



Fuzileiros norte-americanos passeiam-se em Beirute, antes do atentado chiita. Vamos tê-los por cá, mesmo de passagem?

Trafaria e o «amém» permanente e sistemático às acções da Casa Branca (vide exemplo recente da invasão de Granada...).

A administração Reagan queria (quer) mais, e apesar da advertência de Eanes, no encontro do Astoria («as negociações vão ser duras...» — disse), tudo parece indicar que o tal «jardim plantado» pode terminar num triste servil e pequeno «quartel» alugado.

«Região vital...»

Porquê o súbito interesse do Pentágono pela base de Beja e pela instalação-via NATO — de um poderoso centro de radares no Sul português (Monchique), controlando os caminhos que do Atlântico vão até ao Norte de África e Próximo Oriente?

R. Tucker, um dos especialistas da actual política externa dos EUA, afirmou em 1980, aquando da formação da Força de Intervenção Rápida (FIR), que o Médio-Oriente é a «chave indispen-

sável para a defesa da posição global da América...». E não foram palavras de acaso as de Reagan, horas depois do atentado que, há dias, vitimou mais de duzentos «marines» em Beirute, ao frisar, em directo pela TV, que o Médio Oriente «é uma região vital e estratégica» para os Estados Unidos.

Ali residem três quartos de todas as reservas de petróleo até agora detectadas; ali se cruzam e aproximam três continentes decisivos; por ali se estende o flanco Sul da União Soviética.

Nascidas da interpretação ou explicação norte-americana para o «atoleiro» vietnamita e esboçadas a partir de 1980, as FIR dispõem já de efectivos superiores a 150 mil homens, altamente equipados e em condições de rápida colocação em qualquer zona do Mundo.

Num bem documentado trabalho sobre as FIR e sobre o desenvolvimento da nova política de intervenção dos EUA («A todo o momento, em toda a parte, com todas as armas») M.T. Klare, outro especialista de defesa ocidental, apontava como conclusão dessas reflexões post-Vietname, a ideia de que «cada uma das futuras intervenções terá de ser conduzida com muito mais preci-

são, velocidade e crueldade, nunca antes por nós vivida».

Ora uma tal política de intervenção não poderá substituir apenas com um parceiro, por muito forte que seja. Há que «dividir trabalho», para dividir responsabilidades e custos. «As tropas americanas só podem alcançar rapidamente a região do Golfo Pérsico através de vias de trânsito euro-ocidentais e do espaço aéreo euro-ocidental», lembrou, em 1981, outro especialista norte-americano de Defesa, D. Newsum.

Citando o apoio dado aos ingleses na operação-Malvinas, o secretário de Defesa da Casa Branca, Weinberger, não teve dificuldade em afirmar (Maio-1983) que os EUA «deveriam ter a possibilidade, da mesma forma como a Grã-Bretanha enviou as suas tropas para as ilhas Malvinas, de deslocar forças terrestres, aéreas e navais para o Próximo-Oriente», utilizando para isso as «armas e equipamentos instalados na Europa».

«Alguém ousará...»

Aqui se inscreve, pois, o recente apetite norte-americano pela base de Beja e pelos radares de Fóia (Monchique). Os 13 e 14 milhares de quilómetros entre a costa oriental dos EUA e as bases do Egipto, Omã, Quênia e Somália — com grandes obras em curso — não poderão ser feitos, sem escalas, pelas FIR. O aeroporto das Lajes e mesmo as bases em Espanha e na RFA são consideradas insuficientes. Por isso Washington quis englobar Beja no acordo das Lajes. O esquema falhou. Nem Mota Amaral, nem Lisboa concordaram. Haveria que garantir novas e satisfatórias contrapartidas financeiras.

Dias antes da viagem presidencial aos Estados Unidos, o principal líder da Oposição portuguesa perguntou em Lisboa, perante uma impressionante multidão reunida no Alto da Ajuda, se «alguém ousará dizer que, com a formação do Governo PSP/PSD, se afastaram os perigos de serem concedidas ao Governo de Reagan novas facilidades militares em território português, designadamente a utilização da base de Beja pela agressiva Força de Intervenção Rápida norte-americana? E mesmo a instalação de mísseis?»

Quem vai responder?

Eugénio Alves
(Amanhã: Beja quer outras «facilidades»)



**Acreditamos
que a qualidade
de um serviço
é produto
de um esforço.**



Na procura constante de uma maior qualidade de serviço,
os TLP vão levar a cabo, de 31 de Outubro a 5 de Novembro,
uma série de acções de inauguração e ampliação de Centrais Telefónicas.

Lumiar, Amoreiras, Azeitão, Palmela, Abóboda e Coia são as zonas abrangidas.
Uma maior capacidade de resposta telefónica vai ser realidade para mais de 171 mil pessoas.

Estes empreendimentos vão contribuir para um melhor escoamento de tráfego telefónico.

Investimos para um serviço telefónico melhor. Para si.



Telefones de Lisboa e Porto

*"Yankee vai p'rá rua,
Granada não é tua!"*

Concentração na embaixada dos EUA exigiu retirada

Como forma de protesto contra a invasão de Granada pelos «marines» norte-americanos, largas centenas de pessoas concentraram-se na segunda-feira, ao fim da tarde, em frente da Embaixada dos EUA em Lisboa.

«Norte-americanos fora de Granada», «Yankee vai p'rá rua, Granada não é tua», «Granada, Salvador, Guatemala, a mesma luta» foram algumas das palavras de ordem incessantemente gritadas pelos manifestantes ao longo da concentração. No final, uma delegação entregou a um representante do embaixador americano uma moção aprovada pelos manifestantes e na qual se exprimia «o mais vivo repúdio» pela acção armada desencadeada pelo gigante americano contra a minúscula ilha.

No documento lido-se ainda que a invasão de Granada constituía «uma grave ameaça à paz mundial e à possibilidade da resolução pacífica dos conflitos na América Central e Caraíbas». Os manifestantes classificaram a invasão como «um acto que viola as mais elementares regras do direito internacional», chamaram a atenção para o facto de ter já provocado centenas de mortos, manifestaram a sua solidariedade com «o povo de Granada e os povos da região na luta pela paz, pela independência e pela democracia» e exigiram a «retirada total e imediata das tropas norte-americanas de Granada».

Durante a concentração usaram as palavras António Marques, da direcção do GSAL, e Manuel Lopes, da CGTP-IN. Margarida Marques, da JS, leu a moção que viria a ser aprovada e entregue na Embaixada.

António Marques sublinhou que os crimes da Administração Reagan não poderão ficar impunes, lembrou que o que se está a passar em Granada é apenas mais um dos muitos actos de agressão praticados nos últimos anos pelos norte-americanos na zona (falou da República Dominicana, Cuba e Guatemala) e denunciou o facto de a agressão contra Granada estar já planeada desde Março. «As recentes questões internas da ilha não passaram de um pretexto que não convence ninguém» — disse, antes de ler um texto de Sandino sobre a luta de libertação na América Latina.

Manuel Lopes, por sua vez, disse da sua e «nossa indignação e repulsa por mais este vil atentado da Administração Reagan aos Direitos do Homem e ao direito dos povos, soberanos e independentes, escolherem o seu próprio destino».

Manuel Lopes, que deixou bem claro que os americanos, com esta invasão, visam mais longe, pois pretendem avisar que estão a preparar terreno para intervir igualmente em El Salvador, Nicarágua e até em Cuba, disse depois:

«Nós portugueses, não podemos aceitar que o Governo de Mário Soares e Mota Pinto assumam sobre este problema a inqualificável posição de apoiar a invasão do território de Granada pelos EUA. Nenhum outro Estado europeu foi tão longe, ou desceu tão baixo: (...) Se Thatcher é para os ingleses a «caniche» do presidente norte-americano, que haveremos nós, portugueses, de dizer dos srs. Mário Soares e Mota Pinto?»

Comércio e pescas dificultam negociações

Êxito da cimeira luso-espanhola depende de vontade política

As delegações técnicas que preparam a «Cimeira» luso-espanhola reúnem-se novamente no dia 7 para a formulação de propostas concretas para a reunião de 11 e 12 de Novembro — soube a ANOP em Madrid. Esta reunião, que ainda não tem local marcado, será a terceira entre as delegações dos dois países.

As dificuldades encontradas tanto no sector das pescas como no do comércio, os dois pontos mais importantes da «Cimeira» e das relações entre os dois países, provocaram apreensões em alguns meios espanhóis sobre os resultados da reunião dos dois Governos.

Fontes governamentais espanholas e o próprio presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, reconheceram as dificuldades, mas reafirmaram nos últimos dias, a «confiança e esperança» de que a reunião de Novembro seja um marco histórico nas relações luso-espanholas.

Para as autoridades espanholas, a «vontade política» está por cima das eventuais dificuldades e vamos procurar encontrar solução — afirmaram as fontes consultadas pela ANOP.

Depois das divergências das duas primeiras reuniões, a do próximo dia 7 tem por objectivo apreciar e dar resposta às propostas apresentadas pelas duas delegações

sobretudo no campo do comércio.

A pesca constitui a principal dificuldade e as conversações sobre este tema ficaram praticamente paralisadas na última reunião.

A intransigência das duas partes nas suas posições faz com que se duvide se o tema será abordado na reunião do próximo dia 7.

Fontes portuguesas consultadas pela ANOP, manifestaram que «talvez seja necessário mais tempo para que o tema amadureça ou então seja desbloqueado durante a reunião governamental».

No sector comercial, avançou-se mais e na reunião da semana passada tanto uma delegação como outra apresentaram propostas concretas a que reciprocamente se dará resposta na próxima segunda-feira.

As posições «estão bastante distantes, mas é possível uma aproximação pois existem pontos concretos de negociação», afirmaram fontes da delegação espanhola

que reconheceram a existência de avanços neste campo.

As propostas estão sobretudo relacionadas com mudança de produtos de lista, desagravamento fiscal, aprovação de um plano intercalar, maior transparência nos intercâmbios comerciais, redução do proteccionismo espanhol e da contingência de alguns produtos portugueses e mudança do tipo de imposto que Portugal aplica actualmente aos produtos espanhóis.

A principal dificuldade está em que Portugal exige um tratamento mais favorável por parte de Espanha, partindo do princípio de que o «Anexo P» que regula as relações comerciais é prejudicial a Portugal, dando lugar, a um forte desequilíbrio na balança comercial, negativo para o comércio português.

As autoridades espanholas alegam que «o acordo está aí e foi assinado por dois países soberanos e democráticos», embora reconheçam que foi mal negociado, por Basílio Horta.

As negociações na área comercial contêm ainda dificuldades pela falta de clarificação de algumas áreas do sector industrial português que se mostram reservadas a uma maior abertura nos intercâmbios com Espanha.

Fontes espanholas admitiram a possibilidade de na reunião do dia 7 se avançar no

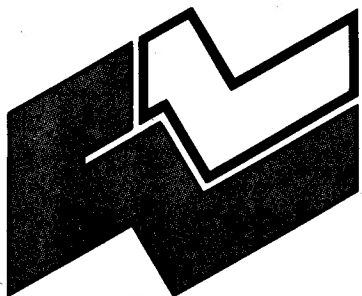
estudo das posições na área do comércio, duvidando que se consigam resultados no tema da pesca mesmo que este venha a ser tratado e reafirmando a esperança de que a vontade política permita acordos mínimos ou um desbloqueio da situação na «Cimeira».

As autoridades espanholas estabelecem, no entanto, uma certa correlação entre os temas da pesca e do comércio, embora a negociação seja separada.

As esperanças de que as delegações técnicas possam chegar a acordos concretos a propor na «Cimeira» são bastante «reduzidas» para as autoridades espanholas, que confiam no entanto na referida «vontade política» que permita um desbloqueio das actuais posições.

Dá a intenção de que a «Cimeira», convocada para permitir a adopção de acordos «práticos e imediatos», seja apenas o ponto de partida e não a a culminação do processo alimentado pelos dois Governos de melhorar as relações entre os dois países.

Se assim acontecer os acordos em matérias concretas poderão ser tomados na reunião do Conselho Hispano-Luso que se realizará a 21 e 22 de Dezembro em Madrid, sob a presidência dos ministros de Negócios Estrangeiros dos dois países.



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES VIDREIROS DA MARINHA GRANDE

SR. PRESIDENTE
SRS. REPRESENTANTES

Os trabalhadores vidreiros são hoje, no nosso país, dos mais atingidos pela política de direita iniciada pelo governo do PS sozinho aliado de facto à direita, continuada pela «AD» e agravada pela nova versão «AD» PS/PSD, Soares/Mota Pinto.

São os salários em atraso, alguns dos quais há mais de 18 meses, caso dos trabalhadores de Fontela. Desde sempre defenderam, os trabalhadores vidreiros, medidas sérias e concretas apresentando propostas para resolver a grave crise do sector, no entanto, patrões e governos sempre fizeram ouvidos de mercador, nunca levando em linha de conta as propostas dos trabalhadores deixando desse modo arrastar várias empresas para a falência e os trabalhadores para a miséria.

Porque pretende o governo iludir as realidades concretas, iludindo-se a si próprio, e os seus principais responsáveis enterram a cabeça na areia como a avestruz, não querendo ver o que os rodeia?

Nunca em 100 dias os trabalhadores foram tão atingidos nas suas condições de vida, nos seus direitos e liberdades. O governo lançado, em pleno, na reconstituição acelerada do poder económico e político dos monopólios, promove de maneira bruta a acumulação de capitais, intensificando a exploração e a miséria dos trabalhadores.

Sr. presidente, srs. representantes, os trabalhadores vidreiros são apenas uma pequena parte da grave realidade deste país que o governo faz que não vê. Empresas encerradas, salários em atraso, a miséria e até o suicídio.

A falta de resposta às suas justas reivindicações, reestruturação do sector, o pagamento dos salários, tiveram os trabalhadores de encetar novas formas de luta de modo a que fossem ouvidos.

Solicitam audiências ao Primeiro-Ministro, Presidente da Assembleia da República, ministro da Indústria. No dia 10 arrancaram em Marcha contra a fome, rumo a Lisboa. A solidariedade, a simpatia das populações e trabalhadores ao longo de mais de 100 km, confronta-se com a atitude do governo no dia 13, na Horta Seca a PSP, em S. Bento o desprezo; o Primeiro-Ministro recusa-se a recebê-los, o presidente da Assembleia da República manda-lhes o chefe de Gabinete. Será deste modo que o Governo pretende resolver os problemas do País e dos trabalhadores? Para estes o desprezo, para os capitalistas o regabofe.

Mas, a determinação dos trabalhadores vidreiros forjada na luta de muitos anos, tem sido bem o exemplo e a certeza de que só através da luta conseguirão atingir os seus justos objectivos fazendo valer os seus direitos.

É deste modo que, no dia 21 de Outubro, face ao desprezo do Governo pelos graves problemas que os atingem, mais uma vez tiveram de tomar medidas de modo a alertar a opinião pública e o Governo, para a miséria que lhes bate à porta, exigindo aquilo a que qualquer ser humano tem direito, e a Constituição Portuguesa garante, o direito ao trabalho, o pão para os seus filhos. Afinal uma das prerrogativas dos direitos do homem.

Sr. presidente, srs. representantes, lamentavelmente o Governo ouviu mal as reivindicações dos trabalhadores, à miséria respondeu-lhes com a repressão através de violenta acção repressiva e fascizante da GNR e polícia de choque, enviadas pelo MAI do sr. Eduardo Pereira, da qual mais de uma dezena de trabalhadores foram feridos.

Sr. presidente, srs. representantes, de que vale os srs. Mário Soares e Mota Pinto, ladeados de fascistas e reacconários condenarem fantosmamente a falta de respeito pelos direitos do homem noutros Estados, quando no nosso país se assiste às maiores arbitrariedades contra os direitos humanos.

Perseguições políticas, não cumprimento das decisões dos tribunais, milhares de trabalhadores no desemprego, centenas de milhar sem salários ou em atraso, repressão, esbulho aos direitos dos trabalhadores ao arrepio da Constituição, censura e manipulação dos órgãos de Comunicação Social, etc.

Conscientes destas duras realidades e preocupados com o evoluir da situação do País, os eleitos na Assembleia Municipal de Loures decidem:

- 1.º — Repudiar a atitude do Primeiro-Ministro, presidente da Ass. da República e ministro da Indústria ao furtarem-se ao diálogo com os trabalhadores vidreiros da Marinha Grande para a resolução dos graves problemas do sector.
- 2.º — Repudiar a atitude do Governo por ter uma vez enviado dezenas de GNR, para reprimir os trabalhadores, quando estes procuram apenas fazer valer os seus direitos constitucionais.
- 3.º — Manifestar profunda preocupação e solidariedade aos trabalhadores vidreiros, pela defesa dos seus postos de trabalho e dos seus salários.
- 4.º — Solicitar do Governo que receba os trabalhadores e que, através do diálogo, sejam encontradas as soluções concretas para resolver a grave crise no sector vidreiro e o pagamento dos seus salários em atraso.

Loures, 24 de Outubro de 1983

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

CONTRA A INVASÃO DE GRANADA

Solidariedade com os povos da AMÉRICA CENTRAL e CARAÍBAS



SESSÃO SOLIDÁRIA:

Com a participação de:

FANHA • JANITA • JORGE PALMA

SÉRGIO GODINHO • VITORINO

PEDRO CALDEIRA CABRAL • GRUPO

OQUESOMTEM • e o grupo salvadoreño

YOLOCAMBA I.T.A

VOZ DO OPERÁRIO

4/NOV • SEXTA • 21.30 H

Bilhetes no GSAL — Telf: 57 47 18/54 13 08

GSAL-GRUPO DE SOLIDARIEDADE COM A AMÉRICA LATINA

Contrato da Imprensa há dois meses por publicar

Acordado há mais de dois meses entre a associação patronal e a comissão negociadora sindical, o CCTV da Imprensa e Agências Noticiosas continua depositado no Ministério do Trabalho a aguardar publicação.

Trata-se de uma demora injustificada, segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gráfica e Imprensa do Norte, que considera a situação incompreensível, uma vez que lesa os trabalhadores em termos imediatos e futuros.

Algumas administrações invocam a não publicação para não cumprirem a revisão acordada e cujo conteúdo, no entanto, conhecem. A não publicação é ainda encarada como forma de o Governo pôr em causa a duração de 12 meses da tabela salarial.

Mencione-se que o Sindicato já enviou telegramas de protesto ao Primeiro-Ministro, ministro do Trabalho e Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Silêncio do Governo sobre os trabalhadores da ANOP

O Governo está a envolver a situação da ANOP num silêncio preocupante que permite todas as especulações sobre o futuro da Agência Noticiosa Portuguesa — I-se num comunicado dos sindicatos representativos da agência.

O comunicado acrescenta que, enquanto os trabalhadores da ANOP são mantidos no total desconhecimento dos planos do Governo em relação à agência. O Executivo negocia com representantes de uma agência privada, a NP, e que embora afirme que as negociações visam apenas a precisão do contrato com esta última, a morosidade do processo e informações entretanto surgidas fazem admitir que o silêncio pretende encobrir negociações que vão muito além do objectivo anunciado.

Os Sindicatos dos Jornalistas, dos Gráficos e Imprensa, dos Escritórios e das Telecomunicações e a Comissão Intersindical da ANOP sublinham que não aceitam «que se negocie com entidades estranhas à ANOP questões que a possam afectar, não admitindo que qualquer solução se processe à custa do emprego dos trabalhadores da agência».

Ao salientar que o silêncio a que o Governo se

remeteu e a falta de diálogo com os trabalhadores da agência não se coadunam com as propostas de diálogo recentemente apresentadas pelo Primeiro-Ministro aos sindicatos do sector — nomeadamente a formação de uma comissão tripartida e ainda não concretizada — os sindicatos exigem o início imediato dos trabalhos da comissão tripartida, em condições de operacionalidade.

Até à conclusão dos trabalhos da comissão, que deverá participar na reestruturação do sector público da Comunicação Social, «não deverão ser tomadas, quer a nível de empresa, quer sectorial, quaisquer medidas lesivas do interesse e direitos dos trabalhadores» — consideram ainda os sindicatos.

O comunicado refere por fim que os sindicatos exigem que o Governo dote a ANOP dos meios financeiros necessários ao seu funcionamento, denunciando «a situação de asfixia financeira da empresa» — que criou já grandes entraves (como o risco de paralisia das suas delegações em África), bem como a falta de pagamento dos subsídios de férias e dos salários de Outubro dos trabalhadores.

Granada também foi furo jornalístico

Um repórter-«cameraman» francês da agência Sygma, Michel Parbot, de 45 anos, conseguiu a semana passada, por ocasião da intervenção americana na ilha de Granada, o que todo o jornalista sonha fazer uma vez na vida: um furo jornalístico mundial.

Tendo sido o único a filmar os três primeiros dias de combates, enquanto o Pentágono decidia proibir a ilha aos jornalistas, Parbot fez com que a agência Sygma — até aqui essencialmente especializada em reportagem fotográfica — tivesse conseguido o maior furo jornalístico da sua história ao vender às televisões do mundo inteiro documentos únicos, a um preço de que não se sabe o montante, mas que deve ser no entanto dos mais elevados de sempre, incluindo os que certa vez uma cadeia americana de TV pagou na altura da guerra do Vietname.

A reportagem foi passada na segunda-feira à noite pela cadeia de TV francesa «Antenne 2».

Michel Parbot chegou sozinho à ilha no dia 24 de Outubro para filmar para a «Antenne 2» os dias seguintes ao golpe de Estado que custou a vida ao primeiro-ministro Bishop. Na terça-feira de manhã aconteceu a intervenção das tropas americanas. Bloqueado no hotel, o «cameraman» francês filmou o volteio dos helicópteros e dos aviões de combate que bombardeavam a residência do primeiro-ministro. Equipado com uma câmara de

video de fabrico japonês com magnetoscópio incorporado e que pesa apenas 8 quilos, as condições permitiram a Parbot operar sozinho e com uma relativa discrição.

Quarta-feira, ajudado por um médico cubano-americano e um responsável político local, pôde circular em automóvel e dar uma volta pela capital St. George's. Quinta-feira, por fim, consegue juntar-se a uma unidade americana de «rangers», não sem ter sido, conta ele, interrogado com todas as regras durante três quartos de hora, em condições de uma absoluta submissão.

Só lhe restava deixar a ilha sem se fazer notar demasiado, com as suas 13 «cassettes» de 20 minutos que tinha gravado com a câmara de video. Tal acabaria por acontecer sem grandes dificuldades, graças a um jornalista da cadeia de TV CBS que o conduziu a um avião especialmente fretado até Barbados.

A partir desta ilha, chega a Nova Iorque onde acontece então um regateio de negócio entre as três grandes redes americanas de TV, CBS, NBC e ABC. Finalmente, foi a NBC quem acabou por agarrar o «petisco» (caro, muito caro) e difundiu em exclusividade, por três vezes, as únicas imagens que a América haveria de ter a oportunidade de ver sobre as tropas em acção.

A cadeia britânica ITV obterá, por seu lado, e por satélite, as mesmas imagens para depois serem difundidas na Europa e na Ásia.

AID critica Governo e EPNC

A Associação da Imprensa Diária divulga, por intermédio dos jornais seus associados, o seguinte comunicado:

«A Associação da Imprensa Diária deliberou, em 30 de Setembro passado e, mais tarde, em 25 de Outubro, por maioria, e face à situação económica criada pelo sucessivo agravamento dos custos, o aumento do preço de venda dos jornais diários. O preço actual vigora já há um ano e meio e as empresas, de uma forma geral,

não têm capacidade para o manter, tanto mais que, neste período de tempo, o auxílio do Estado à Imprensa, já de si diminuto, foi substancialmente reduzido.

«Ora, acontece que o Governo, através da Empresa Pública do «Diário de Notícias»/«Capital» — que vai subsidiar com a outra mão — interveio, impedindo esta actualização do preço. O Governo tem, com certeza plena consciência de que esta decisão bloqueia, por motivos de concorrência, os

jornais de Lisboa, directamente, e os jornais do Porto, indirectamente, através do «Jornal de Notícias».

«A intervenção nesta matéria coloca, na prática, todos os jornais diários de expansão nacional na dependência directa do Governo, e estes mais não têm, assim, a partir de agora, do que aguardar as ordens do mesmo Governo, através do seu secretário de Estado, dr. Anselmo Rodrigues, sobre a gestão económico-financeira de todos os jornais. Entretanto, dado desta for-

ma se encontrarem economicamente intervencionados, todos os jornais esperam vir ao menos, a receber os mesmos subsídios que estão a ser concedidos pelo Estado às suas empresas públicas.

«A AID não lhe resta outra alternativa que não seja de repudiar com veemência a atitude indirecta do Governo, através do «Diário de Notícias» e de «A Capital», atitude que leva a Imprensa portuguesa à dependência do poder monopolista do Estado — apesar dessa independência, face ao poder político, ter sido uma das medidas mais notáveis da Lei de Imprensa.»

Otto Reinhold / Karl-Heinz Stiemerling

ECONOMIA POLITICA

ECONOMIA POLITICA

Curso Básico

Esta obra explica e comenta, de forma simples e compreensível a todo o iniciado, as leis fundamentais dos modos de produção capitalista e socialista.

Contém uma análise detalhada da crise geral do capitalismo, incluindo o estudo da crise de 1974.

ELEMENTOS
FUNDAMENTAIS
DO COMUNISMO
CIENTIFICO

20 | edições
Avante!

LISBOA

LIGAÇÕES INTERURBANAS

A partir do dia 22 de Outubro, os Indicativos Interurbanos, a marcar nas chamadas automáticas da área de Lisboa (TLP) para qualquer ponto do Continente e Regiões Autónomas, passam a ter um só zero, seguido do indicativo de zona.

Exemplo:

- de Lisboa para Faro, deve marcar-se o indicativo 089 (e não 0089), seguido do número de telefone desejado.

Este é mais um passo para a normalização e melhoria da Rede Telefónica Nacional, a que os CTT têm vindo a proceder.

AJUDE-NOS A SERVI-LO MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE

TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

de ontem para hoje

Bomba explode em Leiria próximo do posto da GNR

Os asutodenominados GAR (Grupos Autónomos Revolucionários) reivindicaram a autoria da explosão ocorrida pelas 23 e 45 de ontem, em Leiria, no portão da Igreja do antigo Convento de Santo Estêvão, junto ao quartel da GNR. O engenho, que era constituído por cerca de 200 a 300 gramas de trotil, destruiu uma almofada do portão da igreja, danificou alguns degraus de acesso ao edifício e vidros traseiros das viaturas estacionadas nas imediações do local da deflagração, tendo ainda provocado a deslocação de uma porta da camarata do posto, dando assim origem a algum alarme entre os guardas que ali se encontravam a pernoitar. Um porta-voz da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP disse que o trotil deveria estar acondicionado num saco de plástico.

Um novo cemitério em Lisboa



Um novo cemitério irá ser construído em Lisboa na zona de Camide, integrando 6600 jazigos municipais, 1360 osários, campos colocados em desníveis de terreno, realçados por conjuntos arborizados, duas unidades crematórias, salas mortuárias para todos os credos religiosos, instalações para autópsias, lavagem de corpos, acolhimento, meios audiovisuais e câmaras frigoríficas. A nova unidade deverá entrar em funcionamento dentro de dez a quinze anos, devendo assim minorar o problema da superlotação dos cemitérios da capital, de que o Alto de S. João (foto) é já um exemplo.

Adolescente em apuros no Porto

A PSP do Porto afirma que, na madrugada de anteontem junto à Rotunda da Boavista naquela cidade, quatro jovens (três rapazes e uma rapariga) assaltaram um menor de quinze anos, de apelido Serafim, a quem roubaram um anel em ouro avaliados em cinco contos. Os assaltantes actuaram munidos de duas navalhas.

Incêndio numa fábrica de cerâmica

Um violento incêndio destruiu cerca das 22 horas de anteontem um dos blocos de uma fábrica de cerâmica, na freguesia de Alvarães, concelho de Viana do Castelo. O bloco encontrava-se paralisado há alguns dias devido à crise que atravessa o sector da cerâmica. Os prejuízos, de acordo com os bombeiros, rondam os milhares de contos, pois era, no edifício sinistrado

que se encontravam armazenadas as matérias-primas destinadas à laboração, nomeadamente óleos, pneus, valvulina, correias e materiais de serralharia. Os bombeiros acrescentaram que o incêndio deverá ter sido provocado por um curto-circuito. A unidade conta 25 anos de existência e é especializada na produção de tijolos em alvenaria.

Disparo «fantasma» na Rotunda do Relógio

A Polícia Judiciária procura identificar o autor do disparo que atingiu, junto à Rotunda do Aeroporto, Delmar Rodrigues Duarte, de 28 anos, casado, o qual teve de ser submetido a uma delicada operação cirúrgica no Hospital de S. José, uma vez que o projectil se lhe alojou junto ao fígado. A vítima afirma estar à espera de um autocarro, no local onde se realiza a chamada «Feira do Relógio», quando foi ferido, tendo de imediato perdido os sentidos.

Condenado por matar o cunhado

Foi condenado em cinco anos e meio de cadeia e no pagamento de 700 contos de indemnização, fora o imposto de justiça e as procuradorias no montante de 18.500 escudos, o comerciante Joaquim dos Reis Barbedo, de 47 anos, que estava acusado de ter morto a tiro o cunhado, Jorge Pereira Camelo, de 53 anos, também comerciante, ambos residentes em Cinfães. Conforme foi relatado na altura pelo «DL», réu e vítima

travaram-se de razões por causa da divisão de um terreno no Largo das Pombas, em Cinfães, ao qual ambos se julgavam com direito. Palavra puxa palavra, Joaquim Barbedo empunhou a sua pistola e disparou sobre o cunhado. O tribunal, presidido pelo juiz dr. José Dias Barata de Figueiredo, não deu como provada a intenção de matar e daí a razão por que a pena foi tão reduzida.

Presumível assalto num «casino» da Malveira

A GNR da Malveira procura investigar a versão posta a circular naquela vila do concelho de Mafra, segundo a qual sete homens armados teriam roubado 450 contos (em dinheiro, relógios, pulseiras, e anéis) a um grupo de cerca de trinta indivíduos que se dedicavam ao jogo da batota num salão do Clube Desportivo da Venda do Pinheiro. Acontece que até este momento não existe qualquer participação na GNR dos presumíveis lesados, facto que dificulta naturalmente a investigação das autoridades.

Jovem recluso de Pinheiro da Cruz afirma-se violentado sexualmente por guarda prisional

Pessoalmente endereçada (com a indicação de que exemplares idênticos foram enviados à dr.ª Manuela Eanes, Embaixada da RFA e secretário-geral do PCP) recebemos de um jovem recluso do Estabelecimento Prisional de Pinheiro da Cruz, em Grândola, uma carta que é, na sua essência, um grito de profunda angústia de alguém (e esse alguém dá pelo nome de Francisco António Durão Serpa) que escreve a dado passo: «Esta carta é algo como o único recurso, a última esperança, o último grito de socorro, para que possa sair da situação infernal e diabólica em que presentemente me encontro, a qual tanto me pode levar à loucura como ao suicídio». E mais adiante: «Sou, e hoje posso dizê-lo para minha desgraça, um jovem bem parecido. Condição que longe de me ajudar numa vida normal se transformou para mim num pesadelo, já que com ameaças e coações psicológicas, um guarda prisional se aproveitou do meu corpo, como se eu fosse uma qualquer prostituta, obrigando-me a ceder aos seus apetites depravados e a práticas sexuais as mais aberrantes».

Mas, ultrapassado este infortúnio, passemos a transcrever na íntegra a carta de Francisco Serpa (que assume publicamente a sua identidade): «São neste momento 23 horas e oito minutos. Altura em que começo a escrever esta missiva. Algo como o único recurso, a última esperança, o último grito de socorro, para que possa sair da situação infernal e diabólica em que presentemente me encontro, a qual tanto me pode levar à loucura como ao suicídio. E isto se alguém não vier em meu auxílio em nome de uma «Justiça» que neste país parece só existir para ser aplicada aos deserdados da sorte ou para aqueles que não usufruem de uma capa protectora ou de uma farda».

Um guarda chamado Silvestre

«Sou ainda muito jovem, pois apenas conto 23 anos de idade, mas mais do que isso sou um recluso, internado no Estabele-



O jovem Francisco Serpa, em alto contraste: ainda assim a coragem de uma denúncia

cimento Prisional de Pinheiro da Cruz, em Grândola, uma cadeia que desde há cerca de dois anos a esta parte a Imprensa não se cansa de chamar à atenção das entidades oficiais e do ministro da Justiça para as muitas irregularidades que aqui se passam e que a vêm transformando não numa instituição de recuperação de delinquentes, mas sim numa fábrica de criminosos, de revoltados e de homens desesperados. Há anos atrás, ainda com dezasseis anos de idade, dei entrada numa prisão. Era quase uma criança normal que cometeu um erro. Desde essa altura comecei a conhecer o sistema podre, e destruidor, de algumas das cadeias portuguesas, fomentado pelas pessoas que nomearam (e nomeiam) «guardas», nada interessados em recuperar, antes pelo contrário, homens marginalizados pela sociedade.

«Era então e sou-o ainda, e hoje posso dizê-lo para minha desgraça, um jovem bem parecido, condição que longe de me ajudar numa vida normal se transformou para mim num pesadelo, já que com ameaças e coações psicológicas, um guarda prisional se aproveitou do meu corpo, como se eu fosse uma qualquer prostituta, obrigado a ceder aos seus apetites depravados e às práticas sexuais, as mais aberrantes e infames. E isto com a ameaça de que se não cedesse me fariam aqui passar uma vida de cão».

Assim, e desde há meses a esta parte, que o guarda Silvestre Raposo Canastro, que tem o n.º 1601, aproveitando a calada da noite, quando de serviço nocturno, e quando todos os outros reclusos se encontram fechados, vem à minha cela, e com ameaças, obriga-me a manter relações sexuais das mais aberrantes, com ele. Deixando-me por vezes como «pagamento» um frasco de bebida, que ele, e outros guardas da sua laia, dizem servir para esquecermos e para mantermos a boca calada para «nosso bem».

Quase todos do Ultramar

«Acontece que já saturado de ser usado por este «homem» depravado que se aproveita da sua posição (expressa na farda que usa e na arma que ostenta) para intimidar, tomei coragem e há dias aproximei-me do director da cadeia. Mas não foi protecção ou justiça que encontrei na sua pessoa. Antes pelo contrário. Fui vexado, ridicularizado, ameaçado e por fim metido no «segredo», e depois numa cela, em regime de segurança, onde me encontro há cerca de uma mês.

«Com a agravante de que a partir dessa data quase todos os funcionários e guardas se pareceram virar contra mim, para defender o guarda Silvestre, tendo passado a chover sobre mim as mais aterradoras ameaças (algumas de morte) e as mais duras represálias».

«Perante isto, pergunto: o que poderei fazer? Já não confio em ninguém, já não posso esperar aqui nesta cadeia justa de ninguém, na medida em que é triste a mentalidade da maioria dos funcionários que integram o quadro deste estabelecimento, vindos do Ultramar, outros alcoólicos ou drogados, ou vindos de outras cadeias por castigo, levam os a estarem sempre (e só) preparados para se unirem quando é necessário defender as suas irregularidades, de forma a poderem espezinhar as regras prisionais em vigor, perante a indiferença das entidades oficiais a quem os reclusos recorrem.

«Em Pinheiro da Cruz verificam-se assim coisas abomináveis e estranhas, raramente acontecem inspecções da respectiva Direcção-Geral. E quando algum preso se queixa, acaba por ser espancado, sem que ninguém se preocupe em vir verificar a veracidade ou o fundamento das queixas. Basta, por isso, um desmentido do director, para que as entidades responsáveis coloquem uma pedra sobre o assunto.

«Depois os reclusos queixosos, e são já muitos nestas condições, passam meses, e até anos, isolados numa cela, com medidas de segurança, e sem direito ao benefício das saídas precárias ou da liberdade condicional, por muito bem comportados que sejam. Por todas estas razões rogo a publicação desta minha carta para que ela permita ao menos a minha transferência para outra cadeia. Única esperança para ainda poder salvar o que resta do meu desespero, da minha dignidade humana.»

A atenção da alta autoridade

Francisco Serpa, um grito de angústia, diríamos de revolta, que nos chega de Pinheiro da Cruz, a exigir uma resposta, um inquérito imediato, sob pena das palavras e dos códigos morais ou jurídicos, deixarem de ter qualquer significado naquilo que se entende pela nossa ética (moral) colectiva. E iremos mais longe: sob pena da agora tão apregoada alta autoridade anticorrupção tomar a forma de um «monstro» alienatório. Pois como poderemos, (poderá) o poder instituído arvorar-se em moralizador da sociedade portuguesa, às altas esferas, se nem sequer tem capacidade (vontade política) para resolver (dar resposta) aos problemas que se passam ao nível de um substracto reduzido, e ainda por cima controlado, e bem localizado, que se chama Estabelecimento Prisional de Pinheiro da Cruz, e que tem como queixoso um cidadão (recluso, logo numerado) que dá pelo nome de Francisco António Durão Serpa?...

Manuel Geraldo

A BARCA SEM OS CORVOS

«Artificial intelligence» cânica

«... As Digital Productions de Hollywood, adquiriram recentemente um Cray X-MP, um modelo aperfeiçoado do Cray-1 por 12,6 milhões de dólares, a fim de criarem simulações de computador em «écran» total. A empresa vai fabricar cenas de acção para um novo filme chamado «Starfighters» que é apenas uma amostra do que está para vir. Um representante da empresa acredita que «nós seremos evulmente, capazes de simular a morfologia física dos humanos». Se o conseguissem, poderiam teoricamente, pôr de lado os actores humanos.»

«O JORNAL» — suplemento «Informática» 21/Out./83 pg. IX — (cop. Washington Post).

— Bill, viste o resultado a que chegou o Lassworth no Pennsylvania Tech.? Ampliando a 800 Mhz a sincortimância do sinal soft-sense em «Wide-feeling range» levou a capacidade pan-express até ao nível de 65 Kilo-Duses, quer dizer, aí uns 10 à quinta vezes o que estava ao dispor de um Lawrence Olivier desses! Fabulous!

— Yeah! A propósito sabes que já descobri quem era esta Duse que usaram como unidade de medida? Uma french broad qualquer, llinora ou something, que gritava que se fartava no teatro no tempo do Shakespeare e do Sófocles, no show-business antigo. É isto que dá, ter que aturar as convenções internacionais. Porque é que não medimos em Streeps? KiloS-treep soa melhor que KiloDuse.

— Ou então KiloBrandos...

— Ou MegaHoffmans...

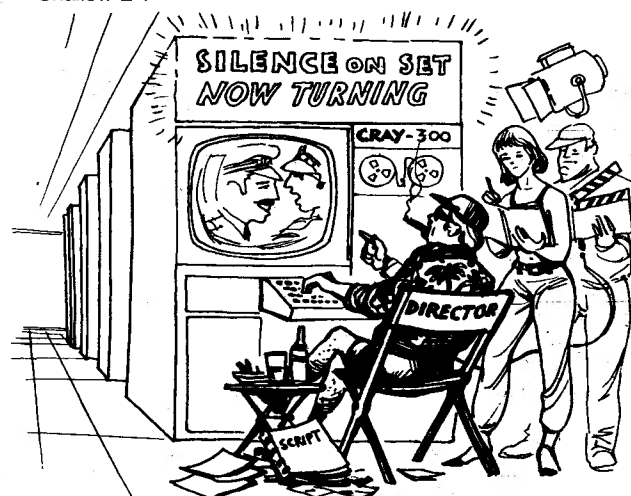
— E muita sorte, agora com os japs a quererem impingir a 6.ª geração, não termos que ter TeraMifunes...

— Larry, de qualquer modo, temos que confessar que é fantástico (e então agora depois desse avanço do Lassworth!); nada nos está vedado! Os mais fabulosos depths da criação e da expressão na ponta dos nossos dedos! O génio nas nossas mãos! A «artificial intelligence» varreu de vez as limitações

expressivas daqueles pobres diabos todos. Lembra-te do que fazíamos com aquele registo antigo de um tal Barrymore? Que barraca! E de uma velha inglesa Dame Qualquer-Coisa? Hoje, fazíamos aquilo com menos de 400 Mgs...

— É. Bem. Vamos a isto. Está aqui o listing do que chegou ao Departamento de Encomendas, com o cross-check das sondagens automáticas por V-Hint em três bandas de Instant-Recept com o allowance-ratio de Set-Go já determinado.

Há primeiro mais uma dose de 30 «Dallas» mas em que é preciso corrigir o personagem «Pamela», porque o público não aceita bem a sua tremenda profundidade psicológica. Mas é fácil, corrige-se com a injeção parametrada da sub-rotina «Shallow-2».



E aqui, damnl!, o que é isto?

Ah! É outra encomenda daquelas...

É da RTP. Portugal, somewhere. Vê aí as files e vê se estes gajos têm crédito, que com estes países nunca se sabe. Ora deixa ver o que é que eles querem... Mais programas do tipo «run of the mill». Uma coisa com a nossa versão dos caracteres locais, Nicolò Breine, Mark Paula, não, Marcos Paula, António Salo e Carlos Paio. Vê se consegues produzir isto que eles gostam com menos de 90 Tfs/sec por figura, que para eles chega bem.

Mas what a funny name para o programa! «Sababaduchocolatofoguete»!

J. P. Barata

Centralismo Municipal/(in)acção descontinua

Toponímia rodoviária

R. Toulson A. Leite

Classificamos de «toponímia rodoviária», com licença, para que apelamos, dos Serviços de Toponímia da CML, e da respectiva Comissão Consultora, a «técnica» de designação de espaços públicos e de utilização de novos tipos de letreiros que (desde Março de 1967 pensamos, a ter-se dado continuidade — a partir de 10.Ago.72

— aos estudos por nós iniciados) deveria ter, irrecusavelmente, presidido e orientado a referenciação eficiente das moradas dos utentes da nova urbanização (que, também com licença dos urbanistas, para que igualmente apelamos, temos classificado de «urbanismo rodoviário») da zona oriental da cidade: Olivais-Norte, Sul e Chelas.

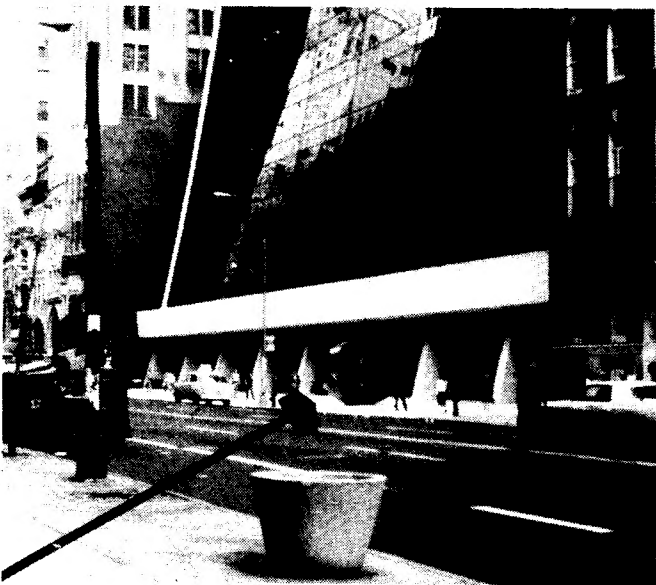
O artigo de hoje, a que esperamos poder dar seguimento com relativa brevidade, apresentamos duas fotografias do n.º 9 (número de polícia, assim se designa, municipalmente falando) da 57.ª Rua, lado Oeste da 5.ª Avenida, de Manhattan, Nova Iorque, instantâneos obtidos em 1.Out.80. A Rua 57 é também a do Carnegie Hall, mais a Oeste do que o prédio n.º 9, e no passeio fronteiro, mas na esquina da 7.ª Avenida. Ali estivemos na noite da véspera dos instantâneos fotográficos, para ouvir a Orquestra de Filadélfia, direcção de Eugène Ormandi, em primorosa execução, é bem de ver e de ouvir, com excelentes condições acústicas

de alto nível (como se sabe): Abertura «In Spring», op. 36, Goldmark; sinfonia n.º 1 de Brahms e, depois do intervalo, Concerto n.º 1, com Eugen Istomin ao piano, de Tchaikovsky. Noite inolvidável, como se deve calcular. Ao dirigimo-nos, com contra parentes Freire de Andrade, ali radicados, e minha mulher, para a sala de espectáculos de 2784 lugares (inaugurada em 1891 com um Concerto dirigido pelo próprio Peter Ilyich Tchaikovsky), edificada com o patrocínio do «rei do aço», Andrew Carnegie, deparamos com o n.º 9, de vermelho vivo, decorativamente pousado no passeio. Na manhã seguinte, ainda cedo, disparámos

da Rua 62 (esquina da 3.ª Avenida, «a very good adress» por ser East Side — lado Este) do apartamento de Ana Freire de Andrade, ausente na ocasião na Califórnia, e que, obsequiosamente, no-lo dispensara, disparámos, dizíamos, para obtermos diversas imagens fotográficas coloridas em «slides» das quais escolhemos estas duas para inaugurarmos o tema que nos propomos desenvolver.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar um outro instantâneo do edifício RCA, fachada sobre a Rua 49, onde do outro lado da 6.ª Avenida (a das Américas, como também é conhecida)

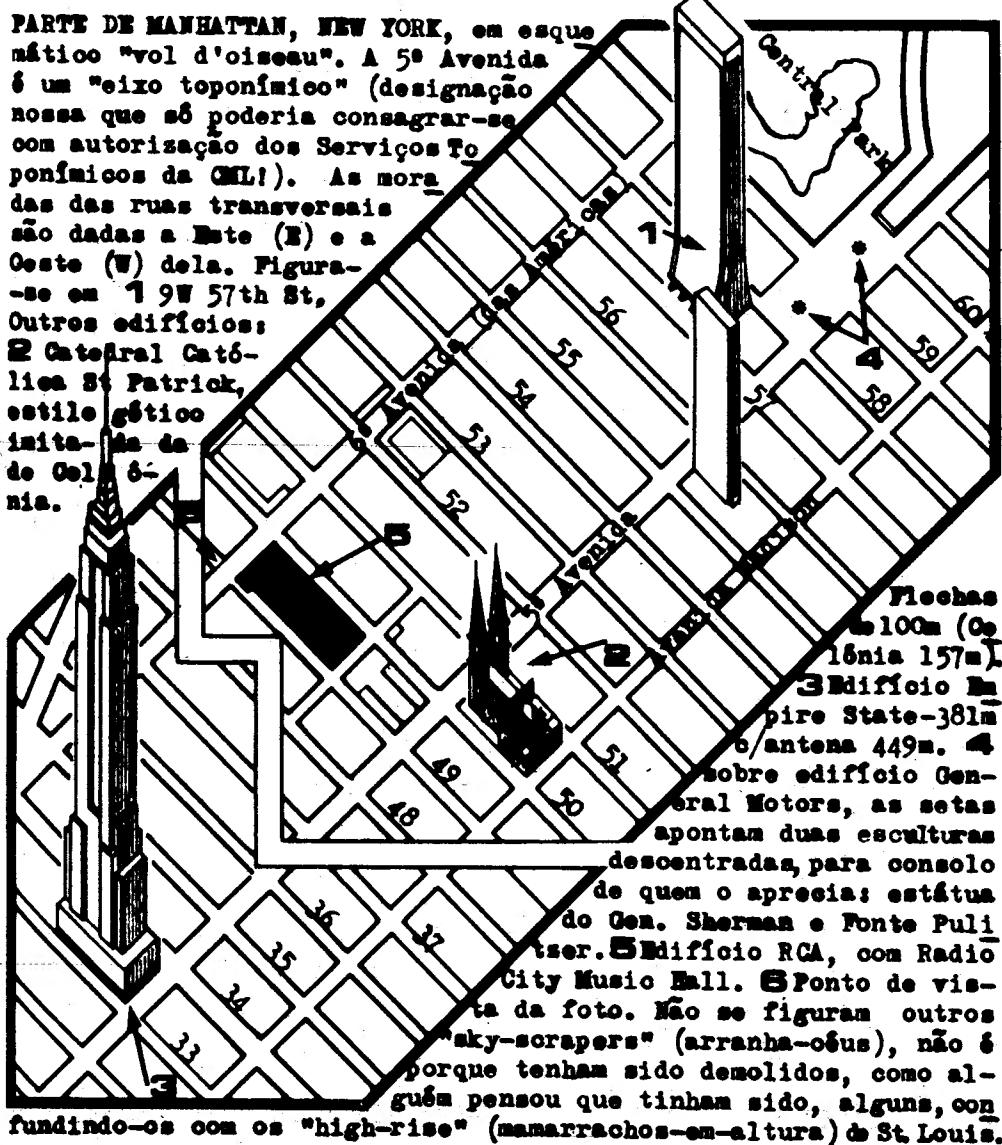
nos colocámos para obter o instantâneo. Saíramos do 30.º andar do arranha-céus da multinacional MacGraw-Hill e depara-se-nos (na lisa esplanada pedestre, pavimentada a mármore, com taças, elevadas, de flores e arbustos) o «prediozinho» de 3 andares (que é um restaurante) que desafiou o alargamento da Rua 49 porque, provavelmente, não quis ser expropriado. E que parece, com a RCA e o seu edifício, desejar desafiar, não a eternidade certamente, mas ao menos uma conservadora e gloriosa entrada pelo século XXI em diante. Também o Carnegie Hall se livrou de investida demolidora, reabrindo, em festa, a 26.Set.60.



1 — O n.º 9 da 57.ª Rua de Manhattan, New York, lado Oeste da 5.ª Avenida (9W 57 th Street)



5 e 6 — Rua 49, em Manhattan. Ao fundo — no topo do edifício — Newsweek e 85° (Fahrenheit, i.e. 29° Celsius ou Centígrados)



SÓ NO DISTRITO DE LISBOA

30.000 TRABALHADORES TÊM SALÁRIOS ATRASADOS

O ESTADO E O PATRONATO DEVEM AOS TRABALHADORES DE LISBOA MILHÃO E MEIO DE CONTOS

NÃO PAGAR OS SALÁRIOS É ILEGAL! É IMORAL!

TRABALHADOR COM SALÁRIOS ATRASADOS
TRABALHADOR SOLIDÁRIO
CIDADÃO PATRIOTA E CONSCIENTE

USL/CGTP-IN

TODOS A S. BENTO

3 NOV 83-5.F.

15 h. Plenário-Concentração
a partir das 17 h.-Concentração

Caiu o pano no Festival de Gastronomia

Balanço de defeitos e virtudes na certeza da repetição

Que balanço fazer deste III Festival de Gastronomia que ontem terminou em Santarém, onde decorreram onze dias de provas?

«No próximo ano vai realizar-se no IV Festival» — será, provavelmente a frase de Carlos Abreu, vereador da Cultura e Turismo da Câmara de Santarém, que melhor sintetiza o seu estado de espírito, na hora do encerramento de portas.

O outro balanço possível é o da qualidade quanto ao que foi dado ver, comer e beber, mais o contacto directo com problemas que ali se tornou possível estabelecer. A iniciativa está, evidentemente, relacionada com o turismo nacional, mas ainda com a nossa cultura e até com a qualidade de vida.

Vistas as coisas nesta óptica, deve assinalar-se que no campo gastronómico as coisas correram geralmente bem, com as limitações inerentes ao facto de serem confeccionadas de um dia para o outro, em cada 24 horas qualquer coisa como 300 refeições, sendo que algumas delas são de receita complicada.

O resultado final nem sempre poderá ser brilhante, nessas condições. E tal tornou-se particularmente visível no caso da Figueira da Foz, não sendo, contudo, o único factor a considerar.

A segunda parte do festival foram os pavilhões do artesanato onde ficou patenteada uma larga mostra do que se faz por esse Portugal, das cestas algarvias aos foles de Trás-os-Montes, havendo aqui e ali misturas com vinhos, alguma literatura e o mais que podia enriquecer cada pavilhão.

O terceiro aspecto eram as tasquinhas, sem dúvida o lado mais popular da iniciativa. Mas nem tudo eram rosas nas antigas cavalariças da Casa do Campino. As especialidades regionais em cada uma das tascas não eram a régua, os preços excediam frequentemente a qualquer lógica, a qualidade do que era verdadeiramente característico também chegou a ficar muito aquém do que seria minimamente exógeno.

Algumas palavras, por último, para o trabalho de organização. Uma iniciativa como esta a que nos referimos movimentou muitas centenas de pessoas, das meninas que irão servir à mesa aos artesãos que precisam de ser

instalados e alimentados. A confusão resultante tornava-se praticamente inevitável.

O que bem poderia ter sido evitado era uma certa desatenação entre convidados e «vips». Convidados foram vários (ou todos) jornais e alguns jornalistas em particular. «Vips» apareceram vários, profissionais do autógrafo, muitos deles com discutível dedo para a cozinha e indesejável incapacidade para utilizarem as papilas gustativas na desatenação entre uma truta e um cabrito.

Nem sempre os últimos são os primeiros

A expectativa deste Festival de Gastronomia estava desde o início particularmente criada para a mesa que Viseu apresentaria pela mão de um dos seus restaurantes mais afamados. A ementa era farta e digna das tradições daquela região do Centro do País.

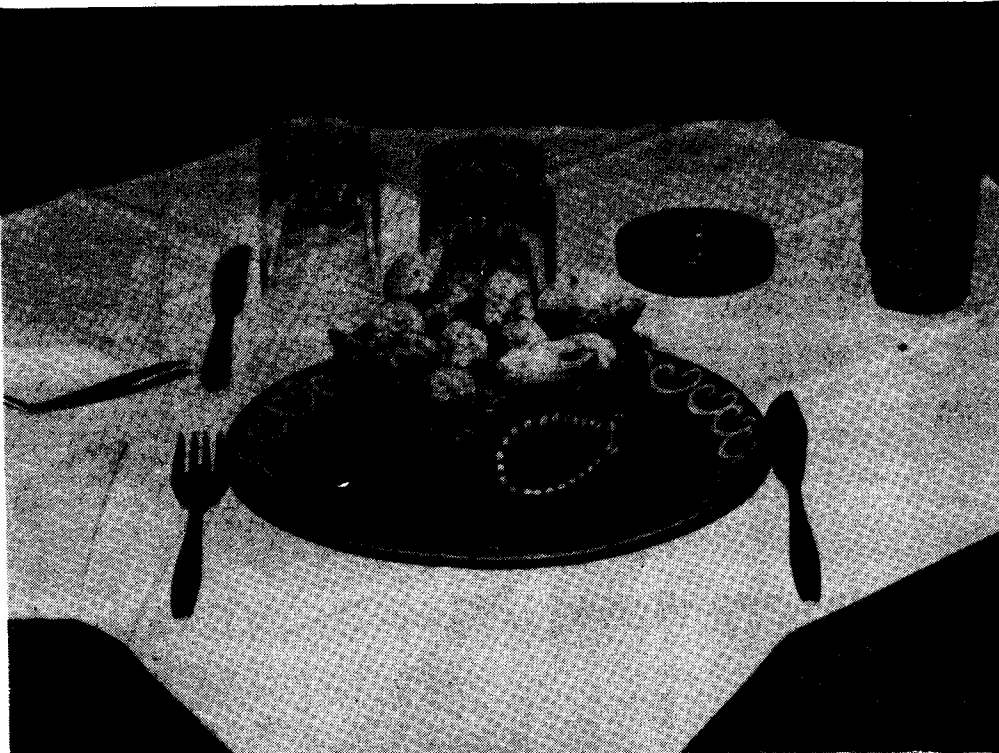
A pressa, para tão farta ementa, foi quase fatal. As mesas da grande sala do campino sentavam-se qualquer coisa como 336 pessoas, que tal era a capacidade em matéria de pratos, talheres e cadeiras. Era um sinal de lotação esgotada desde muitos dias atrás como se de uma importante finalíssima futebolística se tratasse.

O que menos se ressentiu de todo o cardápio foi o caldo com cebola à moda da tia Arminda, o que resulta óbvio. O mesmo, apesar de tudo, para o entrecosto e chouriço com grelos à moda de Viseu, onde o passo decisivo na cozinha é a cozedura, sobre produtos de qualidade.

Ressentiram-se muito um bacalhau surpresa à Trave Negra que tinha todos os condicionais, pela receita, para ser recordação grata, e, também, o cabrito assado à sarranos de Côta. Neste último caso, a operação fundamental da preparação é uma vinha de alhos com algumas horas. Os cabritos que vieram à mesa, pelo menos à nossa, não tinham tido tempo para guerrear com a emulsão.

E, assim, se ficou por festividade o que poderia ter sido um grande festim.

Contrariamente às expectativas que reinavam quanto à representação da serra da Estrela. Daí chegou uma sopa à Beira Baixa



que elogiava a região; umas trutas que já tinham deixado fugir o azeite na distância entre a cozinha e o salão; um cabrito que, por ser barrado e não de vinha de alhos, trazia os sabores mínimos para fazer crer nas suas potencialidades.

A curiosidade neste último caso foi que a confecção de cada um dos itens foi entregue à equipa que normalmente o apresenta na respectiva unidade hoteleira da região.

«Há pormenores a ultrapassar»

«Há um certo número de pormenores que temos de ultrapassar no futuro» — reconhecia Carlos Abreu, no balanço que nos fez destes onze dias de festival.

«As comissões de turismo — acrescentava, pondo o dedo numa das «maiores feridas» — têm de vir aqui não com estruturas comerciais mas com aquilo que é verdadeiramente regional. Não podem escolher a sua representação só com o objectivo de não haver prejuízo.»

O mesmo elemento da organização do festival considerava que enquanto algumas das regiões fizeram este ano um sério esforço

para melhorar ou pelo menos manter a qualidade de edições anteriores, outras houve que tiveram pouca preocupação com esse aspecto.

O ponto de vista de Carlos Abreu é que também as deficiências verificadas no campo das tasquinhas é imputável, pelo menos em parte, às comissões de turismo. Deverão ser elas, diz, a seleccionar os restaurantes e as especialidades a apresentar de modo a que sejam verdadeiramente representativas.

O artesanato, ainda no balanço do vereador da Câmara Municipal de Santarém: o êxito, diz, ficou evidenciado não só com o facto de os «stocks» se terem esgotado em muitos dos «stands», como pelo movimento de escolas que se deslocaram à Casa do Campino, para que os alunos pudessem ver os artesãos em actividade e com eles trocarem impressões.

Notável é, ainda, que uma iniciativa como esta tenha sido con-

cretizada sem que as instâncias governamentais tenham dado um mínimo de garantias prévias quanto à sua subsidiação. Só no local, confrontados com uma realidade que lhes entrava pelos olhos dentro (sem esquecer os defeitos que só reforçavam o ponto...), alguns deles mostraram disponibilidade para abrir cor-dões às verbas.

A incerteza, neste domínio, não joga muito a favor de futuras iniciativas que os homens de Santarém têm na manga, algumas delas em reedições do que já vem sendo feito. É o caso nomeadamente do III Festival Internacional da Flor que no próximo ano se concretizará. Na lista, também, a repetição do Festival de Carros Agrícolas.

E, como novidades a estudar, uma biennial de teatro amador, até talvez um concurso de adegas cooperativas ou mesmo uma exposição de doçaria regional portuguesa.

Rogério Vidigal

Suecos fornecem 60 por cento dos turistas escandinavos

A TAP tem no mercado turístico sueco cerca de sessenta por cento da totalidade de turistas escandinavos que anualmente visitam Portugal. Pois, apesar desse forte contingente de turistas pasme o leitor, a Transportadora Aérea Portuguesa ainda não voa para Estocolmo por alegada falta de equipamentos e reestruturação — afirmou o director do Centro de Turismo de Portugal (CTP) em Estocolmo, César Faustino.

Por seu turno, e também na capital sueca, o chefe de vendas da TAP (Francisco Silva) afirmou que a transportadora portuguesa está a estudar a possibilidade de efectuar um voo «charter» de Estocolmo para Portugal. Segundo Francisco Silva essa proposta está em análise na administração da TAP e incluirá Lisboa e Funchal, «dada a importância do mercado nórdico para o nosso País».

«É extremamente necessário e importante que a Transportadora Aérea Nacional passe a operar em Estocolmo, pelo que do êxito dos voos «charter» agora propostos poderá depender a realização futura de carreiras regulares, a exemplo do que acontece actualmente com outras companhias», disse Francisco Silva.

O facto de a TAP, cuja delegação em Estocolmo é constituída apenas por quatro funcionários (além de dois em Gotemburgo), possuir um orçamento anual de 35 mil coroas suecas e apresentar, em contrapartida, uma facturação anual de cerca de 15 milhões de coroas suecas, foi recordado por aquele representante da empresa na capital sueca.

As afirmações de Francisco Silva e de César Faustino, feitas ao mesmo tempo em Estocolmo, coincidem na generalidade sobre a necessidade de Portugal aproveitar aquele mercado turístico. O director do CPT na capital sueca acentuou ainda que «a adopção de uma estratégia promocional previamente idealizada com a colaboração de todas as entidades oficiais e privadas ligadas ao sector».

César Faustino recordou ainda que, actualmente, quarenta e quatro países possuem em Estocolmo centros de turismo devidamente apetrechados e dotados dos meios necessários «o que evidencia o interesse que depositam num mercado que continua a ser um dos mais potenciais na Europa».

Interrogado por jornalistas sobre as orientações aprovadas pelo Conselho de Ministros em matéria de centros de turismo, César Faustino classificou de «muito positivo» o encontro que manteve recentemente, em Estocolmo, com o ministro do Comércio e Turismo, Álvaro Barreto, «porque se constatou a necessidade de Portugal manter uma presença constante e activa na Escandinávia».

FESTIVAL GASTRONÓMICO

Organização do Pelouro de Cultura e Turismo da
CÂMARA MUNICIPAL
DE SANTARÉM



A receita do dia

Bacalhau surpresa à Trave Negra

Ingredientes: bacalhau, leite, azeite, alho, vinagre, batatas e couve.

Confeção: Põe-se o bacalhau a demolhar. Depois de bem demolhado, limpa-se e assa-se de um lado e de outro sobre brasas bem vivas. Na meia assadura retira-se para nova demolição, desta vez no leite. Voltam às brasas, as postas assim embebidas. Quando esta segunda volta sobre as brasas estiver terminada, o bacalhau é desfiado e temperado com azeite fervente com alho e vinagre.

É servido bem quente, com batatas com pele e couves cozidas. (As couves são as de consumo habitual pelo Natal).



Empreendimento

da

QUINTA DO GUALDIM

(Santarém)

Governo dá prioridade à propaganda a favor da opção nuclear

Com data de 10/9/83 foi publicado no «Diário da República» um despacho do ministro da Indústria e Energia, requisitando um técnico da EDP para integrar o Secretariado de Informação do Plano Energético Nacional (PEN).

O facto não merecia atenção se aquele técnico não fosse um especialista em energia nuclear, oriundo da ex-Junta de Energia Nuclear. Integrado no sector nuclear da EDP há alguns anos, é considerado um defensor desta fonte energética e está bem relacionado com o grupo que, dentro e fora daquela empresa pública, tenta impor a sua utilização no País.

Aquele Secretariado, que já conta com elementos fortemente conotados com a opção nuclear, ficará assim robustecido neste componente, o que revela que para o ministro da Indústria e

Energia o debate sobre o PEN significa propaganda desta opção. Aliás, este Secretariado não pode desenvolver uma acção equilibrada, se não contar com a participação de elementos independentes, entendidos como técnicos de diferentes formações profissionais que não procurem impor uma orientação pré-determinada.

Por outro lado, o técnico em questão trabalhou também durante alguns anos no sector de relações públicas e informação da EDP, onde obteve uma importante experiência no campo da Comunicação Social. Está, pois, em excelentes condições para realizar a propaganda do nuclear.

Em 1977, participou na organização de um Seminário para Jornalistas sobre Energia Nuclear, de iniciativa da EDP com o apoio da Junta de Energia Nu-

clear, para o qual foi convidado este jornal. Nesta realização foi notória a preocupação daquele técnico em abordar os representantes de jornais da Imprensa Regional, em especial os da vizinhança de Ferrel.

Segundo apurámos, o mesmo técnico é o autor de uma brochura editada pela EDP sobre centrais nucleares e o ambiente, em que se contava uma história cor-de-rosa, com a preocupação explícita de justificar a escolha de Ferrel. A brochura, intitulada «Estudos de sítio para a central nuclear», luxuosamente realizada, acabou por não ter difusão pública, por ter sido retirada pela gerência da EDP, a qual, provavelmente, considerou que o seu conteúdo era demasiado pró-nuclear.

Serão agora as centrais nucleares do PEN apresentadas ao povo português e à Assembleia

da República também artisticamente embaladas, como presente de Natal?

Outra informação interessante que conseguimos obter, reporta-se às tarefas que o mesmo técnico desempenhou na EDP antes de requisitado: escolha de sítios para centrais nucleares.

Atendendo a que o Governo considerou esta tarefa da máxima prioridade, e que existe naquela empresa um pequeno número de técnicos em condições de realizá-la, parece poder inferir-se que a mesma tarefa já se encontra concluída e escolhido o local onde se pretende instalar a primeira grande instalação de poluição radioactiva do nosso país. Provavelmente, são mesmo correctas as notícias vindas a público sobre selecção de sítios. Provavelmente dos quatro locais apontados já foi escolhido um.

Exigem "luz verde" para actuar contra sindicalistas

Oficiais do Exército na PSP poderão demitir-se em bloco

Os oficiais do exército destacados na PSP, em número de cerca de duzentos, poderão colocar ainda esta semana o seu lugar à disposição do ministro da Administração Interna, caso Eduardo Pereira não lhes dê «luz verde» para actuarem com maior firmeza sobre os elementos mais dinâmicos do Pró-Associação Sindical da PSP.

A fonte desta informação, que solicitou o anonimato por razões de segurança, referiu que a posição dos oficiais do Exército ficará definida após uma reunião que terão hoje ou amanhã com o comandante-geral da corporação, brigadeiro Almeida Bruno.

Esta movimentação surge nas vésperas da consulta que a Pró-Associação Sindical da PSP irá realizar junto da classe de 8 a 26 do corrente e, sobre o seu grau de adesão ao futuro sindicato, cuja sede nacional foi inau-

gurada na passada semana, na Calçada do Combro, 127, 2.º eq., em Lisboa. Na conferência de Imprensa que precedeu à inauguração da sede um membro da referida Comissão disse bastarem apenas dez por cento dos votos favoráveis dos efectivos da PSP para a constituição legal do Sindicato. Por sua vez o primeiro-comissário Joaquim Santinhos apelou, na oportunidade, e à «hierarquia militar para que permita, com liberdade e serenidade, que os agentes e quadros da PSP cumpram democraticamente o seu dever de voto».

Recorde-se, por outro lado, a propósito deste assunto, que numa visita recente que fez à Escola de Polícia, Eduardo Pereira admitiu a hipótese de substituição, a médio prazo, dos oficiais do Exército, por quadros formados na própria PSP.

Se o Governo não revogar taxa de saída

Hoteleiros algarvios ameaçam ficar com imposto de turismo

Hoteleiros do Algarve estão dispostos a reter o imposto de turismo cobrado em hotéis e restaurantes, cuja receita reverte em parte (25 por cento) para os cofres municipais da região, até que o Governo suspenda a aplicação da «taxa dos mil» para saída do País a nacionais e estrangeiros por período superior a três dias. A situação é tensa no sector hoteleiro algarvio, cuja Associação começou já a reunir-se em separado com os presidentes das Câmaras Municipais da região, visando os seus dirigentes com tais encontros, sensibilizar os autarcas para o quadro «ruinoso» em que ficará o turismo nesta zona se o Governo mantiver o imposto de fronteira.

Foi o próprio presidente da Associação dos Hoteleiros do Algarve que ontem pôs o dedo na «ferida», afirmando que os estabelecimentos turísticos da região estão vazios, o que considerou «anormal», mesmo para a época baixa. Cabrita Neto referiu que um grupo de operadores turísticos britânicos se reúne hoje «expressamente» para analisar a situação criada com o imposto de fronteira decidido pelo Governo português.

Uma delegação de alto nível daqueles operadores deverá deslocar-se a Portugal, após reunião que efectuarão em Palma de Maiorca na próxima semana — acrescentou.

A decisão de reter o imposto de turismo na origem foi ontem tomada sem reservas, e após vários encontros, pelos hoteleiros algarvios. Enquanto isso, a poucos quilómetros de Elvas, concretamente na fronteira do Caia (saída para Badajoz), catorze autocarros com cerca de setecentos espanhóis provocavam o caos naquele posto fronteiriço, recusando-se a pagar a taxa pelo facto — segundo eles — de não terem permanecido mais de 72 horas em Portugal. Aliás, a estada de três dias, ou por um período que não exceda as setenta e duas horas, tem suscitado protestos e dúvidas, uma vez que, aquando da passagem fronteiriça, não é registada na respectiva guia de entrada (ou saída) a hora. Foi essa a razão do pandemónio de ontem no Caia, provocando uma interminável «bicha» de automóveis e autocarros naquele posto fronteiriço durante uma hora, perturbação essa que se reflectiria pela tarde fora a ponto da passagem apenas se normalizar já à noite. Uma fonte da Guarda Fiscal referiu que os turistas espanhóis, transportados em vários autocar-

ros, alegavam não ter permanecido no País 72 horas, considerando portanto, que não deviam pagar a taxa. O mesmo informador precisou que o incidente gerou uma demora de três horas no preenchimento dos impressos de saída, mas que os turistas acabaram por pagar a taxa.

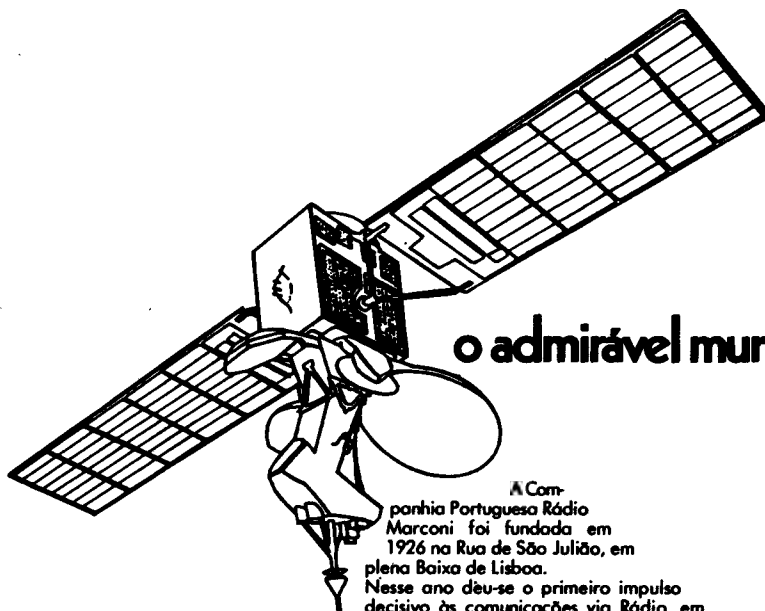
Câmaras reagem a hoteleiros algarvios

A decisão dos hoteleiros algarvios em reterem na fonte o imposto de turismo como forma de pressionar o Governo a revogar a lei da «taxa dos mil» foi ontem tomada no decorrer de uma reunião em Albufeira, convocada de emergência pela respectiva Associação. As Câmaras Municipais reagiram de pronto à posição dos hoteleiros, considerando que com tal medida estavam a prejudicar os interesses da região. O presidente da edilidade de Albufeira foi o primeiro a exprimir o seu desagrado por tal decisão, afirmando que os hoteleiros «arranjaram uma situação em que é pior a emenda que o soneto». Para Xavier Xufre, tal medida «só irá agravar a situação». Também o presidente da CM de Portimão se pronunciou sobre os hoteleiros da região, considerando «irreflectida» a sua decisão. De acordo com Martim Gracias, «se eles (hoteleiros) não pagarem o imposto de turismo também não vão ter água, electricidade e estradas».

O imposto que os hotéis e restaurantes cobram reverte em 50 por cento para o organismo coordenador do turismo algarvio (CRTA), 25 por cento para as Câmaras Municipais da região e os outros 25 por cento para o Governo Central. Em contrapartida à medida, os hoteleiros e agentes de viagens dispõem-se chamar assim o pagamento da taxa de fronteira aos turistas que deixam o Algarve.

Na reunião, alguns empresários defenderam uma proposta no sentido da suspensão imediata do pagamento ao Estado de todos os impostos, excepto os de carácter social. Em declarações à ANOP, um dos hoteleiros afirmou que «não se pretende fazer ameaças aos órgãos de soberania, mas sim tomar decisões».

No entanto, foi dito na reunião que, se a taxa de fronteira não for revogada os hoteleiros vão mesmo para uma medida drástica, ou seja, a suspensão do pagamento de todos os impostos, menos os de carácter social.



o admirável mundo das telecomunicações

A Companhia Portuguesa Rádio Marconi foi fundada em 1926 na Rua de São Julião, em plena Baixa de Lisboa. Nesse ano deu-se o primeiro impulso decisivo às comunicações via Rádio, em Portugal.

Desde então, a dimensão e desenvolvimento técnico da Marconi não parou nunca mais. Potentes emissores aumentaram e diversificaram os raios de acção.

O serviço radiotelegráfico chegou a todo o mundo. Era um meio rápido e seguro de comunicar a longas distâncias.

Em pouco tempo tornou-se popular a figura do bofetineiro na entrega pronta e directa dos telegramas.

O aperfeiçoamento, as novas técnicas e a expansão são constantes de ano para ano.

Lançam-se os cabos submarinos intercontinentais. Os telefones ultrapassam as fronteiras.

O telex torna corrente a comunicação escrita e directa com diversos países.

Os computadores controlam, aceleram e multiplicam a utilização das comunicações.

As comunicações telefónicas e de telex são encaaminhadas em fracções de segundo. No momento da ligação!

A tecnologia Marconi integra imediatamente o programa de satélites. As estações terrenas de satélites em Sintra, Funchal e Ponta Delgada reforçam as ligações telex e telefónicas com dimensão intercontinental. Está aberto o acesso aos Bancos de Dados dos EUA para recolha automática de informações e utilização dos computadores em tempo parcial. 1983. O progresso na Marconi está sempre em evolução.

para
comunicar
PORTUGAL



24 horas

«marines» ausentes das manobras Crisex

Cerca de 23 mil homens, 32 navios de guerra e cem aviões participam nas manobras militares hispano-norte-americanas Crisex-83, iniciadas ontem no sudoeste de Espanha.

As manobras começaram na ausência de três mil fuzileiros navais norte-americanos da Força de Intervenção Rápida («Joint Task Force»), que foram reforçar, nas Caraíbas, as tropas ocupantes da ilha de Granada.

Um dos objectivos das manobras Crisex-83, que serão presenciadas pelo rei Juan Carlos, chefe supremo das Forças Armadas espanholas, é o planeamento e condução das operações de acordo com as normas da NATO.

1300 mortos na Turquia

O número de vítimas do tremor de terra no leste da Turquia já ultrapassou os 1300 — disse ontem à Anop, em Erzurum, um porta-voz oficial.

Inicialmente, havia sido dito que o número de mortos do terremoto, registado domingo, na

pior das hipóteses, não ultrapassava os mil.

Mais de 430 aldeias da província de Erzurum foram quase totalmente destruídas pelo violento sismo que atingiu a intensidade 7 na escala de Richter.

Sabotagem no Japão

As comunicações através da rádio da base aérea americana de Iwakuni (sul de Iroxima) foram interrompidas parcialmente, ontem de manhã, na sequência da sabotagem de uma antena, alguns dias antes de uma visita que o presidente Reagan deverá efectuar ao Japão, soube-se de fonte policial.

O atentado foi reivindicado, em telefonemas para as agências de Imprensa japonesas, em nome de um grupo radical, que visava protestar contra as recentes manobras conjuntas americano-japonesas.

Miséria na Inglaterra

Quinze milhões de britânicos, ou seja mais de um quarto da população, estava economicamente na miséria em

1981, contra 11,5 milhões em 1979, segundo um relatório publicado terça-feira, pelo Ministério da Saúde e dos Serviços Sociais.

Estudantes palestinos cercados

Soldados israelitas cercaram ontem centenas de estudantes palestinos no «campus» da Universidade de Belém depois de os terem atacado com gases lacrimogêneos.

Os universitários, que protestavam contra a detenção de vários dirigentes do sindicato estudantil ocorrida há mais de uma semana, foram reprimidos pelo Exército que prendeu um número indeterminado de jovens árabes.

Afastamento na TV soviética

Viktor Liubovtsev, chefe de redacção do serviço informativo da TV soviética, foi afastado destas funções devido a vários

lapsos registados recentemente nos boletins noticiosos, anunciou à agência France-Presse o Departamento da Informação Televisiva.

«Coca» apreendida no México

O Exército mexicano apreendeu, terça-feira, um carregamento de 500 quilos de cocaína e 12 toneladas de marijuana, num navio de contrabandistas americanos, cruzando o largo das costas pacíficas do México.

A tripulação do navio, que foi presa nas águas territoriais mexicanas, era na maioria de origem colombiana, indicou-se de fontes oficiais.

Incêndio no «Ranger»

Um incêndio numa das salas de máquinas do porta-aviões norte-americano «Ranger» causou ontem a morte de seis tripulantes e ferimentos em outros 35, informaram fontes da marinha dos Estados Unidos.

O incêndio surgiu durante

as manobras que o porta-aviões está a realizar no mar, Árabe, onde chegou proveniente da área centro-

-americana após ter participado em manobras programadas pelo Pentágono nas proximidades da Nicarágua.

Proibida manifestação franquista

A manifestação organizada todos os anos, no dia 20 de Novembro, em Madrid, para comemorar a morte do general Franco e a de José António Primo de Rivera, fundador das Falanges, será proibida, este ano, segundo um comunicado do Governo Civil da cidade de Madrid, citado ontem pelo jornal de extrema-direita «El Alcazar».

Atentado na China

Um atentado bombista causou recentemente dois mortos na parte oriental da China.

Segundo o relato de um jornal da província costeira do Zhejiangn chegado a Pequim,

o autor do atentado, um camponês sem trabalho, e o director de um a exploração agrícola de Dinghai morreram nesse incidente.

Luanda na mira da UNITA

O secretário da UNITA para os Negócios Estrangeiros, Jeremias Chitunda, disse numa entrevista ao «Le Soir», de segunda-feira, que o próximo objectivo do seu movimento é atingir Luanda.

Apointou também a retirada das tropas estrangeiras de Angola, como um factor condicionante de uma reconciliação com o MPLA, visando refazer a unidade nacional e a organização de eleições após um período de transição.

“Galaxy” aterrou em Greenham Common

Euromísseis chegaram à Grã-Bretanha

Os primeiros mísseis de cruzeiro norte-americanos destinados à Grã-Bretanha terão ontem chegado à base de Greenham Common, segundo divulgou a cadeia de televisão britânica ITV. Apesar do desmentido das autoridades, que no entanto, se recusaram a indicar qual a carga transportada pelo avião militar «Galaxy», todos os observadores apontam para a veracidade da notícia veiculada pela ITV. Corroborando esta informação, os jornalistas apontam as excepcionais medidas de segurança tomadas em torno da base e um «curioso» debate bem pouco britânico, ontem travado no Parlamento entre o ministro da Defesa, Michael Heseltine e a oposição trabalhista.

Sob o olhar e acenos de cabeça de compreensão da primeira-ministra Margaret Thatcher, o ministro da Defesa levou a bancada parlamentar trabalhista ao rubro quando admitiu a possibilidade de as forças de segurança dispararem sobre os manifestantes pacifistas.

Em Greenham Common, ignorando as ameaças do gabinete Thatcher várias centenas de manifestantes cercavam a base. Um porta-voz governamental nitidamente influenciado pelas palavras do ministro Heseltine, diria ao fim da tarde de ontem à Imprensa não saber qual a diferença entre um manifestante e um terrorista.

Todas estas atitudes provocaram da bancada trabalhista o mais vivo repúdio. A declaração do ministro da Defesa foi classificada de «histórica» por um dos dirigentes do «Labour», para o qual «qualquer governo demo-

crático e civilizado deve equilibrar a segurança do Estado com a tolerância e a compreensão».

Maioria apoia Thatcher

No debate parlamentar, para além das considerações sobre a natureza do movimento pacifista, a questão central colocada pela oposição trabalhista foi a da decisão quanto à utilização das novas armas.

Para Dennis Healey, o caso de Granada tornou absurdo o processo de decisão conjunta adoptado por Londres e Washington em 1951, que deverá adaptar-se à utilização eventual dos mísseis de cruzeiro a instalar em solo britânico.

O líder trabalhista defendeu a oferta de Iuri Andropov, que consiste em reduzir a 140 o número de SS-20 soviéticos em troca do não desenvolvimento dos 572 mísseis «Cruise» e «Pershing» previstos pela NATO.

Retomando a questão da decisão, David Owen, da oposição social-democrata, defendeu a ideia de uma «dupla chave» que daria às forças britânicas um controlo físico da utilização eventual das novas armas.

Em resposta, o ministro da Defesa apenas invocou argumentos de confiança, e, dado a maioria que os «Tories» dispõem na Câmara, a opção governamental foi aprovada. No entanto, vários deputados conservadores, entre eles Sir Ian Gilmour, antigo ministro adjunto do «Foreign Office», mostravam-se preocupados com a atitude americana no caso de Granada, que, segundo eles, põem em

causa o processo de decisão conjunta anglo-americana.

RFA: euromísseis a 15 de Dezembro

A primeira bateria dos novos mísseis nucleares norte-americanos de médio alcance «Pershing-2», destinados à Alemanha Federal estará montada dia 15 de Dezembro, anuncia na sua edição de ontem o semanário «Stern».

A notícia coincide com a declaração do chanceler Helmut Kohl, feita em Tóquio, de que o Governo da RFA tenciona começar a instalação dos novos mísseis no final deste mês.

De acordo com o semanário alemão federal «Stern», a bateria, que constará de nove rampas de lançamento e um total de 13 mísseis, será instalada na base militar norte-americana de Schwaebisch-Gmuend, em Baden-Wuerttemberg, que foi recentemente bloqueada pelos pacifistas.

O semanário que cita o director do programa no Ministério norte-americano da Defesa, William Fiorentino, assegura que o Governo de Bona deu, na passada Primavera, a sua aprovação ao calendário para a instalação dos mísseis.

Acrescenta que, ao contrário do estabelecido num acordo germano-norte-americano, segundo o qual não deveria ser transportada para a RFA nenhuma peça dos novos mísseis antes de 15, encontram-se já armazenados desde Outubro determinados elementos, num depósito norte-americano em Francfort.

Na Conferência de Genebra

Acordo libano-israelita é o centro da discórdia

A Conferência sobre o Diálogo no Líbano recomeça hoje, às 10 horas locais (9 horas em Lisboa), em Genebra, enquanto o primeiro dia de trabalhos não deu ontem lugar a avanços, apesar das várias horas de encarniçadas conversações.

Logo a partir da reunião de ontem de manhã, o ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Abdel Halim Khaddam, abordou a questão do acordo libano-israelita firmado no passado dia 17 de Maio, que apareceu como o problema chave da Conferência. O ministro sírio voltou ao assunto durante o encontro que teve com o presidente libanês, Amine Gemayel, soube-se de várias fontes.

Durante a sessão de ontem à tarde, registou-se uma polémica sobre o acordo libano-israelita, entre as várias partes antagonistas: a Síria reclama a sua revogação pura e simples; a Frente de Salvação Nacional (oposição libanesa) rejeita-o, mas admite que é preciso concluir um acordo com Israel que garanta unicamente a segurança do Estado hebraico; a Frente Libanesa (coligação dos partidos conservadores cristãos) e o estado libanês declaram-se dispostos a examinar o acordo de 17 de Maio, mas recusam-se a revogá-lo ou a introduzir emendas enquanto não tiver sido encontrada uma fórmula de substituição.

No termo desta segunda sessão de trabalho, os participantes

decidiram formar uma comissão encarregada de «definir a identidade do Líbano». Os observadores pensam que se tratará de dizer se o carácter árabe do Líbano é compatível ou não com um acordo com Israel.

A comissão começou os seus trabalhos ao princípio da noite de ontem, devendo entregar hoje um projecto de resolução à sessão plenária da manhã, precisou-se de fonte oficial libanesa. De acordo com as mesmas fontes, a Conferência plenária poderá ser convidada a pronunciar-se já hoje sobre os principais pontos de um projecto de resolução elaborado pela comissão.

Esta é composta por cinco membros, representando as várias correntes políticas presentes na Conferência.

De fonte oficial libanesa indica-se que a formação da comissão constitui um progresso. Por seu turno, Walid Jumblatt, principal fundador da oposição libanesa, referiu não falar, perante os jornalistas, «nem de progressos nem de recuos».

Paralelamente aos trabalhos da Conferência, decorreram em vários hotéis de Genebra intensos contactos, nos quais participou um dos enviados especiais americanos ao próximo Oriente, Richard Fairbanks.

Segundo algumas informações, o embaixador israelita, Yitzhak Lior, director da divisão «Próximo-Oriente» no Ministério

dos Negócios Estrangeiros, que se encontra em Genebra desde a última segunda-feira, também estabeleceu contactos com vários participantes na Conferência, cujas identidades não foram reveladas.

Curiosidades

O chefe do Partido Socialista Progressista libanês (PSP) e principal dirigente da oposição armada ao regime do presidente Amine Gemayel, Walid Jumblatt, estava armado com uma pistola quando chegou ao Hotel Intercontinental de Genebra onde decorre a Conferência para o Diálogo Nacional Libanês.

Walid Jumblatt, que era acompanhado pelos seus colaboradores mais chegados, Marwan Hamade e Khaled Jumblatt, ambos antigos ministros, bem como por dois guarda-costas, recusou-se a passar sob o pórtico de controlo electrónico por onde devem passar todas as pessoas que entrem no Hotel.

O chefe druso, o último a chegar, seguiu imediatamente para um dos apartamentos dos andares superiores do edifício, reservados aos participantes na Conferência. Foi devido à intervenção do embaixador do Líbano na Suíça, Johnny Abdo, que Jumblatt aceitou desembaraçar-se da sua arma, antes de se deslocar para a sala de conferências, no décimo oitavo andar do prédio.

Po
mas

Cuba apelou hoje ao se
para que impeça o governo
meter «um novo massacre» c
banos em Granada.

Em telegrama urgente di
Cuellar, o ministro cubano do
ros, Isidoro Malmierca, inform
geral de Granada, Paul J
ao pessoal da Embaixada cub
ne a ilha dentro de 24 horas.

O ministro explica que os di
plomatas cubanos não obede
cerão à ordem por esta carecer
de autoridade legal.

A autoridade do governador,
refere o telegrama, «baseia-se
apenas na ocupação militar de
Granada por tropas do governo
dos Estados Unidos, cujas de
terminações o senhor Scoon
segue».

Malmierca informa o secre
tário-geral da ONU de que o
seu governo comunicou a
Washington a intenção do pes
soal diplomático em Granada
de não cumprir as ordens de
Paul Scoon e responsabilizou
os Estados Unidos por tudo o
que aconteça à Embaixada e
ao pessoal que nela se encon
tra.

O ministro refere que o edifi
cio se encontra «rodeado e
hostilizado por forças dos Esta
dos Unidos, que impedem a
entrada ou saída de pessoas».

«Pedimos a sua intervenção
como secretário-geral da ONU
para impedir que o governo
dos Estados Unidos cometa
um novo massacre contra as
pessoas protegidas pela imuni
dade diplomática de que, se
gundo o Direito Internacional,
disfruta a Embaixada de Cuba
em Granada», acrescenta o te
legrama.

Malmierca transcreve de
pois o texto do comunicado cu
bano enviado à Casa Branca
através da Embaixada da Suí
ça e no qual se declara que «o
pessoal diplomático cubano,
com excepção de mulheres e
crianças, tem instruções para
não sair do país, enquanto não

Raul A

Com 317 dos 600 lugares do
Colégio Eleitoral, a União Cívica
Radical alcançou a maioria abso
luta naquele órgão, sendo assim
garantida a eleição de Raul Alfons
sin para novo presidente da Re
pública argentina. Os radicais ob
tiveram também, conforme já n
oticiámos, a maioria na Câmara
dos Deputados. Com efeito, os
resultados oficiais das eleições
de domingo na Argentina garanti
ram aos radicais 129 deputados,
enquanto os peronistas contam
com 111, numa Câmara de 257
lugares.

Com a vitória já certa, Raul Al
fonsin aguarda agora o próximo
dia 30, data em que o Colégio
Eleitoral elegerá o presidente e
vice-presidente argentino. No en
tanto, os radicais têm, antes da
sua posse, uma nova batalha a
vencer: a antecipação, para De
zembro, da data prevista, pelos
militares, para a entrada em fun
ções do novo governo (30 de Ja
neiro de 1984).

Entretanto, num encontro reali
zado na passada segunda-feira,
em Buenos Aires, Alfonsin e o seu
adversário peronista, Italo Luder,
acentuaram a necessidade de re
forçar a «coexistência democrá
tica no país». O encontro foi da ini
ciativa de Italo Luder que garantiu
a Alfonsin o «apoio dos peronis
tas ao governo constitucional».

Apelo de Havana ao Secretário Geral da ONU

Pode estar iminente em Granada o massacre dos diplomatas cubanos

ao secretário-geral da ONU
verno norte-americano de co-
re» contra os diplomatas cu-

ente dirigido a Javier Perez de
ano dos Negócios Estrangei-
informa que o governador
l Scoon, lançou um ultimato
da cubana para que abando-
nora.

saiam todos os colaboradores
cubanos que trabalhavam em
Granada: prisioneiros, mortos
e feridos».

A transferência dos cubanos
foi sucessivamente adiada, e
tinha-se como certo que seria
hoje, finalmente, efectuada. A
questão levantada quanto à si-
tuação do pessoal diplomático
vem colocar novas dúvidas.
Entretanto, em Barbados, o
avião da Cruz Vermelha que
deverá fazer o transporte conti-
nua aguardando.

Nem rasto de cubanos em Carriacou

As tropas norte-americanas
que ontem entraram na ilha
de Carriacou, ao norte de Gra-
nada, não encontraram rastos
de soldados cubanos no local
— informou uma fonte do Pen-
tágono.

A incursão naquela ilha foi
efectuado por cerca de 300 fu-
zileiros navais, a bordo de bar-
cos anfíbios e helicópteros,
que capturaram 17 soldados
granadinos, 700 armas, muni-
ções e explosivos.

A ilha tem uma povoação
de cerca de sete mil civis e foi
ocupada após uma operação
militar que durou aproximada-
mente seis horas — adiantou o
Pentágono.

A invasão de Carriacou foi
ordenada após ter sido recebi-
da «a informação sobre a pre-
sença de cubanos» na ilha —
disse a mesma fonte.

Entretanto, em Granada, jo-
rnalistas descobriram, ontem,
corpos de soldados granadi-

nos em avançado estado de
decomposição, perto de uma
antena repetidora de Rádio
Granada Livre. Os soldados te-
riam sido mortos, aparente-
mente, pouco depois do de-
sembarque, na semana passa-
da, das tropas americanas.

Estes corpos em putrefac-
ção encontravam-se em edifi-
cios de cimento armado situa-
dos em pleno campo, a pouca
distância de Saint Georges, a
capital da ilha.

Por outro lado, soube-se em
Saint Georges que o balanço
provisório da pilhagem que se
seguir à invasão se eleva a
cerca de 250 mil dólares ameri-
canos (cerca de 31 mil e 250
contos).

Os pilhadores aproveitaram
a confusão que se seguiu ao
desembarque e aos bombar-
deamentos americanos. Ata-
caram sobretudo os armazéns
de electrónica e de mobílias.

As máquinas de escrever, os
minicomputadores, os rádios,
as televisões, os frigoríficos e
as cozinhas eléctricas e a gás
foram os alvos principais dos
pilhadores, que não foram in-
quietados pelas actuais «auto-
ridades» locais.

Oitenta mortos num hospital

Nesta curiosa guerra condu-
zida desde há uma semana em
Granada por 5000 soldados
americanos contra alguns ati-
radores isolados, um dos inci-
dentes mais deploráveis foi o
bombardeamento de um asilo
de doentes mentais, tomado
por um objetivo militar e que,
num último balanço, custou a
vida a oitenta pessoas, anun-
ciou a agência noticiosa TASS
citando a REUTER.

Assembleia Geral da ONU

A Assembleia Geral da ONU
debate hoje a situação em Gra-
nada, a pedido da Nicarágua.

Após o debate, será votado
um projecto de Resolução se-
melhante ao que obteve a
maioria dos votos favoráveis

do Conselho de Segurança,
mas foi vetado pelos Estados
Unidos.

O projecto condena a inva-
são de Granada, pelos Esta-
dos Unidos e exige a imediata
retirada das tropas deste país.

É aguardada com expectati-
va a prevista aparição de «sir»
Paul Scoon, o governador de
Granada, na Assembleia Ge-
ral. Na sessão de segunda-fei-
ra, o representante em funções
(próximo do assassinado Mau-
rice Bishop) recusou-se a
abandonar o seu lugar, como
pretendiam os EUA, alegando
que o seu país estava ocupado
por uma força estrangeira. A
sua atitude foi aplaudida por
largos sectores da Assem-
bleia.

O secretário-geral da organi-
zação internacional terá agora
que decidir sobre quem será o
legítimo representante de Gra-
nada.

Manobras perto das costas cubanas

O porta-aviões «América» e
mais oito unidades da Marinha
norte-americana partem hoje
da base de Norfolk, Virgínia,
para efectuar manobras perto
das costas cubanas — anun-
ciou a cadeia de televisão
ABC, citando fontes do Pentá-
gono.

Um porta-voz do Departamen-
to da Defesa confirmou à
agência espanhola EFE que as
forças navais realizarão em
breve manobras militares, mas
não confirmou nem desmentiu
que teriam lugar perto de Cuba.

A mesma fonte disse que há
cinco mil homens a bordo do
«América», um porta-aviões
convencional, não nuclear, e
300 homens a bordo de cada
uma das outras oito unidades
navais.

«Trata-se de manobras sem
aviso prévio, para dar aos exer-
cícios um carácter mais realista»,
acrescentou.

Segundo o Pentágono as
manobras não estão relaciona-
das com os acontecimentos
em Granada, mas «constituem
mais uma advertência a Fidel

Castro, de que os Estados Uni-
dos não tolerarão que se ex-
panda a influência cubana na
região».

O Conselho Mundial para a
Paz reúne-se, a partir de hoje,
até ao próximo dia 4, na Cidade
do México, para examinar «a
ameaça que a invasão ameri-
cana de Granada faz pesar so-
bre a Paz na América Latina e
no mundo», soube-se ontem
na capital mexicana.

Na reunião participarão vá-
rias personalidades oriundas
do continente americano, de
África, da Ásia e da Europa.

Na agenda da reunião figu-
ram igualmente o exame da
ameaça de «agressão ameri-
cana à Nicarágua» e o proble-
ma levantado pela instalação
de novas bases militares dos
Estados Unidos na América
Central, que «põe em perigo a
Paz no istmo e no mundo».

Entretanto, por toda a Améri-
ca, incluindo os Estados Uni-
dos e excluindo, naturalmente,
os países das Caraíbas que os
apoiam, continuam a regis-
tar-se manifestações de repú-
dio pela invasão de Granada.

Entre os norte-americanos
que desaprovaram a acção de
Reagan, a contestação aumen-
ta à medida que sobe o nú-
mero declarado de baixas entre
os soldados invasores: o úl-
timo balanço fala em 18 mor-
tos, 86 feridos e um desapare-
cido. Até agora falava-se de 16
mortos, três desaparecidos e
67 feridos. O Pentágono, que
afirma ter-se estabelecido, fi-
nalmente, um clima de acalmia,
continua a manter silêncio
quanto ao número de mortos
entre cubanos e granadinos.

Por outro lado, de Havana,
anuncia-se que Pedro Tortole
Comas, um dos dirigentes da
resistência, juntamente com
um punhado de companheiros,
saiu a 26 de Outubro dos es-
combros do seu posto de co-
mando, situado na principal
instalação cubana, totalmente
destruída e pode passar atra-
vés das linhas «yankees», es-
tando agora refugiado na Em-
baixada de «um país amigo».

Conflito Irão-Iraque

ONU apela ao fim da guerra no Golfo

O Conselho de Segurança da
ONU lançou um apelo na segun-
da-feira ao Irão e ao Iraque tendo
em vista um cessar-fogo imediato
na região marítima do golfo e afir-
mou o direito à liberdade de nave-
gação e comércio nas águas in-
ternacionais.

O apelo do Conselho faz parte
de uma resolução que foi adopta-
da por 12 votos e 3 abstenções —
as de Malta, Paquistão e Nicará-
gua. Estes três países manifesta-
ram o seu receio de ver esta reso-
lução não passar de letra morta,
por não levar em conta as preten-
sões do Irão, que não considerou
útil explicar a sua posição durante
a reunião do Conselho.

Entretanto, o Irão recusará de
ora em diante qualquer mediação
do Conselho de Segurança da
ONU, declarou o representante
iraniano na ONU, Said Rajaei-
Khorassani, na sequência do
apelo ao cessar-fogo no golfo lan-
çado pelo Conselho.

Khorassani denunciou o «espí-
rito satânico» desse órgão da
ONU, e afirmou que este «perde a
sua última possibilidade» de res-
taabelecer a sua imparcialidade.

Acrescentou que o seu país vê a
adopção da resolução sobre este
novo cessar-fogo «como uma
conspiração» conduzida pela
França.

De facto, a votação desta reso-
lução, consideram nos meios di-
plomáticos da ONU, constitui so-
bretudo uma vitória para a Fran-
ça, que está na origem do projec-
to, e cujo embaixador na ONU se
bateu vigorosamente nas últimas
sessões de consultas do Conse-
lho para obter que este plano fos-
se submetido a votação.

Com efeito é para replicar à
venda pela França de cinco
aviões «Super-Etendard» ao Ira-
que que os dirigentes de Teerão
agitam a ameaça de um bloqueio
do golfo, que provocaria prova-
velmente uma nova crise petroli-
fera internacional.

Interessava, portanto, à França
conseguir que fosse lançado um
novo apelo aos dois beligerantes,
susceptível de afastar esta amea-
ça, tornando inúteis, se o apelo
fosse aceite, os cinco «Super-
Etendard», consideram os obser-
vadores.

Redução de salários gera contestação na Holanda

Várias dezenas de milhar de
funcionários holandeses, em
particular polícias, manifesta-
ram-se ontem na Holanda a fim
de protestarem contra o projecto
governamental de baixar de 3,5 por cento a partir de
1 de Janeiro os salários na Fun-
ção Pública e os subsídios fami-
liares.

Estas manifestações surgem
na véspera das negociações
sindicato-governo.

Perto de Eindhoven os polícias
observaram uma greve de zelo
em controlos rodoviários, provo-
cando engarrafamentos mons-
truosos.

Em Roterdão, trabalhadores
municipais bloquearam, durante
várias horas, o túnel sobre o
Meuse, um dos mais importantes
pontos de passagem da cidade
portuária.

Em Amsterdão, eléctricos e
autocarros cessaram de circular
durante uma grande parte da
manhã.

Em Utrecht, os trabalhadores
da electricidade apagaram, de
noite, as luzes públicas, e mergu-
lharam a cidade na escuridão.

Em Enschede, perto da fron-
teira alemã, todos os trabalha-
dores do município fizeram feriado
a 1 de Novembro, dia que não é
feriado na Holanda.

Em Haia, cerca de cinquenta
polícias manifestaram o seu
descontentamento tomando
lugar nas tribunas do Parlamento
durante um debate consagrado
ao orçamento da Polícia.

Perante a hostilidade levan-
tada por estas medidas, o go-
verno parece disposto a procurar
uma fórmula de compromisso
nas negociações de quarta-feira,
com os sindicatos.

Foi assim que o primeiro-
ministro, Ruud Lubbers, decla-
rou ontem na Televisão, após
uma reunião do gabinete, que o
governo, estava disposto a re-
examinar com os sindicatos as
modalidades desta medida.

Com maioria absoluta no Colégio Eleitoral

Alfonsín é o novo Presidente argentino

Por seu lado, o dirigente radical,
numa entrevista concedida à Te-
levisão francesa, afirmou que
procurará formar «um governo de
União Nacional». No entanto, in-
terrogado sobre uma possível
presença de ministros peronistas
no novo governo, Alfonsín indicou
«não estar ainda nada definido».
O dirigente radical afirmou por ou-
tro lado, que esperava poder con-
tar com a «solidariedade das de-
mocracias ocidentais», nomea-
damente no plano financeiro.

«As democracias europeias —
disse — deverão compreender
que nós poderemos reembolsar a
nossa dívida (40 000 milhões de
dólares) em função das nossas
possibilidades de exportação». O
futuro chefe de Estado argentino
precisou ainda que o seu país
deve continuar a «ser membro do
movimento dos países não ali-
nhados».

Incidentes

Cerca de 650 detenções, três
feridos, uma jovem violada, car-
ros danificados e montas parti-
das é o balanço provisório dos in-
cidentes resultantes de confron-
tos entre radicais e peronistas, na
madrugada de 31 de Outubro.

O principal foco de violência foi
o obelisco do centro de Buenos
Aires, onde os primeiros festejos

Resultados finais

Os resultados finais provisórios das eleições argentinas
de domingo, fornecidos pelo governo militar são os seguin-
tes:

Sufrágios expressos — 15 179 849 — 82 por cento dos eleitores
inscritos

Partidos	Votos Colégio Eleitoral	Votos Deputados
União Cívica Radical	7 659 530	7 049 868
Partido Justicialista	5 936 556	5 630 549
Partido Intransigente	344 434	405 419
Mov. Integração e Desar.	179 589	240 633
Democrata Cristão	46 497	137 878

Após estes resultados, o número de eleitores e deputados
distribui-se da seguinte forma:

Partidos	Colégio Eleitoral	Deputados
União Cívica Radical	317	129
Partido Justicialista	259	111
P. Intransigente	2	3
Mov. Integração e Desar.	2	0
Democrata Cristão	0	1
Outros (p. provínc.)	20	10
	600	254

dos radicais provocaram a reac-
ção dos simpatizantes peronis-
tas, que atacaram os seus rivais
políticos.

Reacções

«A atitude de maturidade» do
povo argentino que constitui «um
exemplo e modelo de compor-
tamento democrático» foi elo-
giada pela Junta militar argentina
num comunicado oficial ontem
divulgado. Aí se afirma que os
comandantes chefes das Forças
Armadas se comprometem a ga-
rantir a democratização do país,
tendo porta-vozes militares afir-
mado que, na reunião, se estu-
dou a possibilidade de antecipar
a data de entrega do poder às
autoridades civis.

No entanto, o comunicado da
Junta, que pela primeira vez há
vários anos, não menciona a
hora e o local da reunião, nem
refere o nome dos participantes,
limita-se a dizer que a Junta se
congratula com as eleições.

Por seu lado, o secretário-
geral da Organização dos Esta-
dos Americanos (OEA) declarou
que a vitória de Raul Alfonsín,
nas eleições de domingo, consti-
tui «um exemplo de vocação de-
mocrática demonstrada pelo
povo argentino».

Moçambique

Samora Machel definiu funções dos sindicatos



O presidente moçambicano
Samora Machel afirmou
segunda-feira, em Maputo, que
os sindicatos socialistas deverão
assumir-se como estrutura or-
ganizativa dos trabalhadores na
realização dos objectivos defi-
nidos pela Frelimo.

Falando na abertura da confe-
rência constituinte da central
sindical de Moçambique, Machel
afirmou que o Partido e o Estado
vão «concentrar o essencial dos
seus esforços e recursos em
áreas que concorram directa-
mente para a eliminação da fome
e da nudez e liquidação dos
bandidos armados», objectivos
definidos como prioritários no
quarto congresso.

«A actividade imediata dos

sindicatos — acrescentou — para
além das tarefas específicas que
lhes são atribuídas, não pode
estar desligada dessas priorida-
des» e eles deverão «estudar
profundamente» a contribuição a
dar àqueles objectivos.

Apontou como prioridade dos
sindicatos a acção nos ramos e
centros de trabalho onde se pro-
duzem alimentos e roupa ou que
mais directamente se relacionem
com a sua produção e distri-
buição.

Samora Machel abordou
igualmente o papel dos sindica-
tos na mobilização dos trabalha-
dores para as milícias populares
e grupos de vigilância, criando
«condições para que cada traba-
lhador sinta que contribui efecti-
vamente para a defesa da pátria,
sinta que tem uma tarefa con-
creta no combate pela liquidação
dos bandidos armados».

Samora Machel considerou
por fim que o papel dirigente
«não é um atributo automático da
classe operária», mas é «con-
quistado na medida em que ela
se assume na prática como van-
guarda da revolução, como des-
tacamento avançado da batalha
de classes e como aliada do
campesinato».

Países de língua portuguesa aprofundam cooperação

Os ministros do Comércio e dos Transportes dos países africanos de língua oficial portuguesa reuniram-se nos últimos dias da passada semana, em Maputo, tendo decidido incrementar a cooperação entre os respectivos Estados. A reunião decorreu no âmbito das subcomissões de Comércio e Transportes criadas na sequência da terceira cimeira de chefes de Estado dos cinco países, realizada em Setembro de 1982.

Na abertura dos trabalhos o ministro moçambicano dos Assuntos Económicos, Jacinto Veloso, afirmou que o encontro deveria «estabelecer uma coordenação entre comércio e transportes, consolidar a cooperação e promover o desenvolvimento económico» dos cinco países. Um outro objectivo enunciado pelo ministro relaciona-se com a colaboração que os respectivos países podem dar «para uma ordem e económica internacional mais justa e para a paz e estabilidade do continente e do mundo».

O ministro dos Transportes e Comunicações de Cabo Verde, Herculano Vieira, declarou por sua vez que se torna necessário desenvolver «uma concertação permanente de actuação no que respeita aos pontos nevrálgicos que tocam as economias dos nossos países». Segundo o mesmo dirigente impõe-se «um esforço para que a nossa presença seja marcada nas principais reuniões da especialidade a fim de que as opiniões dos nossos países sejam consideradas e respeitadas sempre que os assuntos tratados nos afectem».

Os participantes na reunião estudaram a possibilidade de ser criado um sistema de troca de informações (cujas metodologias de recolha e difusão foi igualmente discutida) sobre questões de comércio e de transportes de interesse mútuo.

Industriais de borracha e plástico receosos da adesão à CEE

Abre amanhã e permanecerá patente ao público até ao dia 7, no Palácio de Cristal, do Porto, a primeira Feira Internacional de Borrachas e Plásticos. Trata-se de uma «oportunidade para mostrar à população as potencialidades e a capacidade das indústrias do sector», segundo disse na apresentação do certame o presidente da Associação Portuguesa dos Industriais de Borracha.

Antero Baldaia, que é também membro da Direcção da Associação Industrial Portuguesa — entidade organizadora da Feira — manifestou, na altura, sérias dúvidas sobre a vantagem da integração europeia de Portugal dado «o pe-

rigo que a admissão na CEE representa para a indústria portuguesa de borracha».

«Se abríamos o nosso mercado à concorrência estrangeira — disse — e houver uma invasão de artigos manufacturados a preços com que não possamos competir, poderá estabelecer-se uma situação calamitosa para a indústria nacional».

O dirigente da APIB e da AIP manifestou, entretanto, a esperança de que a entrada em funcionamento da empresa Carbogal, de Sines, venha a atenuar os problemas actuais da indústria a partir de Janeiro próximo.

Esta nova unidade — revelou

Antero Baldaia — deve produzir matérias-primas em quantidades suficientes para satisfazer o consumo nacional.

O vice-presidente da Associação dos Industriais de Plásticos, Nunes dos Santos, revelou por seu lado que o sector proporciona cerca de vinte mil postos de trabalho e vendas anuais superiores a 20 milhões de contos, total para que contribui, fundamentalmente, a exportação de moldes.

Situado em 12.º lugar na lista dos exportadores mundiais de moldes para plásticos, Portugal tem nome e prestígio neste sector.

A curva de crescimento das exportações nacionais de

moldes subiu de 162,9 milhares de contos em 1972 para 2,49 milhões dez anos depois.

Na lista dos países importadores de moldes portugueses, figuram à cabeça os Estados Unidos seguidos pela Inglaterra, Suécia, México, Alemanha Federal, Venezuela, França e União Soviética.

Os produtos a expor ocupam uma área de 3000 metros quadrados na nave central do Palácio de Cristal e vão desde matérias-primas a equipamentos e moldes, passando por artigos manufacturados em borracha e plástico.

A AIP propõe-se repetir a BORPLAS de dois em dois anos.

Da Venezuela

Crise económica precipita saída de emigrantes

A crise económica que afecta a Venezuela desencadeou um lento mas progressivo regresso aos seus países de origem dos imigrantes que entraram massivamente no país na última década, traídos pela riqueza petrolífera e pela estabilidade democrática.

Incipiente ainda para figurar nos registos oficiais, a partida dos estrangeiros é por agora um dado extraído da vida quotidiana onde se escutam, cada vez com maior frequência, as histórias dos imigrantes que regressam.

Alguns despedem-se com a esperança de voltar quanto a situação económica melhorar, mas a maioria é céptica e prepara-se para partir definitivamente.

Para lá dos matices, a tentação do regresso estende-se ao milhão e meio de estrangeiros radicados na Venezuela, que representam um pouco mais de um décimo do total da população.

Dessa cifra, 43,9 por cento procedem da América do Sul, 43,7 por cento da Europa, 3,9 por cento das Caraíbas e 2,9 por cento da Ásia, segundo uma investigação efectuada pelo Centro de Estudos da Pastoral e Assistência Migratória (CEPAN),

com sede em Caracas.

As correntes migratórias tiveram lugar em épocas diferentes e por diversos motivos.

Enquanto uma alta percentagem da população europeia, fundamentalmente espanhóis e italianos, se radicou nos anos a seguir à Segunda Guerra Mundial, o sul-americanos e caribenhos emigraram em massa na década de 70.

Se bem que o principal factor de emigração tenha sido o aspecto económico, nos últimos dez anos registou-se um forte movimento migratório por razões políticas, coincidente com a instauração de regimes militares na Bolívia, Argentina, Chile e Uruguai.

A estabilidade do ciclo democrático iniciado em 1958 e o sistema de amplas liberdades existente na Venezuela, atraiu um grande número de exilados do cone sul, que agora começa a regressar aos seus países ante a perspectiva de eleições na Argentina e a incipiente abertura política no Chile e Uruguai.

Mas a razão principal da partida dos estrangeiros está ligada às dificuldades económicas, do mesmo modo que no passado foram as excelentes condições

que determinaram a emigração massiva para a Venezuela.

Com o rendimento «per capita» mais alto da América Latina (2127 dólares) e os volumosos recursos provenientes do petróleo, a Venezuela constituía a excepção num continente que atravessava a sua pior crise económica.

Aos baixos níveis de inflação e à manutenção duma moeda estável e forte a 4,30 bolívares por dólar desde a década de 60, juntava-se a garantia de conseguir obter um emprego bem remunerado, duas condições que virtualmente haviam desaparecido do resto da região.

O maná do petróleo

O mito da «Venezuela Saudita», com trabalho para todos, transformou-se num poderoso íman que atraiu de igual modo imigrantes de baixo nível educacional (trabalhadores indiferenciados) e técnicos e profissionais de diversos países.

A maioria melhorou a sua posição económica ao obter soldos até 3 e 4 vezes superiores aos que auferiam nos seus países.

Alguns exemplos são eloquen-

tes: uma empregada doméstica, ganhava em Caracas 2500 bolívares por mês (600 dólares), salário equivalente a três salários de um jornalista em Buenos Aires, ao passo que dez horas de trabalho diário de um condutor de táxi na capital lhe proporcionavam rendimentos mensais superiores a 1700 dólares.

A vantagem duma boa remuneração juntava-se a vantagem adicional de ganhar numa moeda forte, o que permitia manter as famílias nos seus países, mesmo os imigrantes de menores recursos, com envios mensais oscilando entre 30 e 80 por cento do salário.

A partir do estabelecimento do controlo de câmbios, em Fevereiro último, em consequência da crise económica causada pela queda dos preços petrolíferos, pela fuga de divisas e pelo excessivo endividamento, a situação dos estrangeiros residentes na Venezuela mudou radicalmente.

O preço do dólar no mercado livre passou de 4,30 para 13 bolívares, por entre complexas dificuldades para obter divisas nas casas de câmbio, dada a escassez da moeda americana.

O escândalo Flick volta ao primeiro plano

O «escândalo Flick», caso em que políticos de primeiro plano, designadamente o ministro da Economia, Otto Lamsdorff, são suspeitos de ter recebido «luvas» substanciais do grande grupo industrial «Flick», volta a estar nas primeiras páginas da actualidade na RFA.

Não se passa um dia sem que sejam publicadas nos jornais do país fugas sobre a informação judicial em curso.

Nos anos 70, o grupo «Flick» tinha conseguido uma redução fiscal de cerca de 800 milhões de marcos sobre os lucros da venda de acções da firma automóvel «Daimler-Benz». Em contrapartida, teria entregue 165 mil marcos ao Partido Liberal (FDP), do qual Otto Lamsdorff era, nessa altura, o tesoureiro.

Os nomes do antecessor de Lamsdorff no Ministério da Economia, Hans Friedrichs (também do FDP), e de dois antigos ministros das Finanças, Hans Matthöfer e Manfred Lahnstein, ambos social-democratas (SPD), também teriam figurado na lista de beneficiários dos donativos do grupo «Flick».

A comissão do «Bundestag» (Câmara dos Deputados) encarregada de investigar o caso anunciou que vai ouvir o ex-chanceler Helmut Schmidt, «na qualidade de testemunha», para saber se ele dera o seu aval ao estorno fiscal concedido ao grupo industrial.

A comissão também quer ouvir todos os chefes de partidos alemães ocidentais — Willy Brandt (SPD), o chanceler Helmut Kohl (cristãos-democratas), Hans-Dietrich Genscher (liberais) e Franz-Josef Strauss (cristãos-sociais) — para determinar a eventual influência que o grupo «Flick» poderia ter tido sobre os partidos políticos.

O Ministério Público de Bona indicou que decidirá no fim deste mês se as inculpações serão anunciadas neste caso ou se o processo será parado. No entanto, acrescentou, a decisão não será divulgada antes de fins de Novembro.

O ministro da Economia, Otto Lamsdorff, o mais atacado nos testemunhos recolhidos pela imprensa, refutou mais uma vez, vigorosamente, as acusações de que é alvo. Uma antiga secretária do FDP afirmara à revista «Stern» que Lamsdorff tinha continuado a receber «luvas» quando já era ministro.

Susana Pezzano, da IPS

DISTRIBUIDORES REUNIDOS
ACÇÃO EMPOLGANTE !
Nada os deteve de cumprirem
a honrosa missão de salvarem
o rei e restabelecer a paz !



OS GUERREIROS DE CHINA-TOWN
(TEN BROTHERS OF SHAO-LIN)
com CHIA LING · WANG TAO · CHANG YI
realização de TING CHUNG
AMANHÃ ESTREIA **POLITEAMA**

CASCAIS 83
PORTUGAL 83
PAVILHÃO DOS SALESIANOS — ESTORIL
4,5 nov. 21,30 h/dia 6, as 16 h

PROGRAMA

SEXTA-FEIRA, 4 de Novembro, 21.30 h
1.ª sessão: «O Rei e os Guerreiros»
2.ª sessão: «O Rei e os Guerreiros»

SABADO, 5 de Novembro, 21.30 h
1.ª sessão: «O Rei e os Guerreiros»
2.ª sessão: «O Rei e os Guerreiros»

DOMINGO, 6 de Novembro, 16.00 h
1.ª sessão: «O Rei e os Guerreiros»
2.ª sessão: «O Rei e os Guerreiros»

BILHETES: Preço Único, Plateia, Bancada, Esc. 500000

ASSINATURA 1000500

LOCAIS DE VENDA: ABER, FRISA, ARCO-IRIS, VALENTIM DE CARVALHO, CASCAIS LIVRARIA GALILEU, INFORMACOES, CASCAIS JAZZ, TEL. 80 42 43

Central de Cervejas

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES NOVAS

ANÚNCIO

O DOUTOR JORGE MANUEL ROQUE NOGUEIRA, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL JUDICIAL DE TORRES NOVAS.

FAZ SABER que no próximo dia 22/NOVEMBRO pelas 10 horas no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória n.º 142/83, extraída da Execução de Sentença que o Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P. move a Abílio dos Reis Oliveira e mulher Teresa de Jesus Gonçalves Oliveira, residentes na Rua Latino Coelho, 155 — Entroncamento, vinda do 1.º Juízo Cível de Lisboa, com o n.º 9747/A — 2.ª secção, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido, acima do valor matricial que abaixo se indica o seguinte imóvel:

Prédio rústico, sito na freguesia de Orla, concelho de Torres Novas.

constituído por terreno de semeadura e mato, com 23 oliveiras e 152 pinheiros, confrontando de Norte com José Faria Rodrigues, do Sul com Feliciano do Pinhal, do Nascente com Damião Góes de Bocage e do Poente com a estrada, inscrito na respectiva matriz predial no Art.º 1273.º, com o valor matricial de 11 340\$000 (onze mil trezentos e quarenta escudos).

Deste imóvel é depositário o Senhor António Lopes, casado, comerciante, residente na Rua 25 de Abril — Torres Novas, que é obrigado a mostrá-lo a quem pretender examiná-lo.

TORRES NOVAS, 26/10/83

O Juiz de Direito

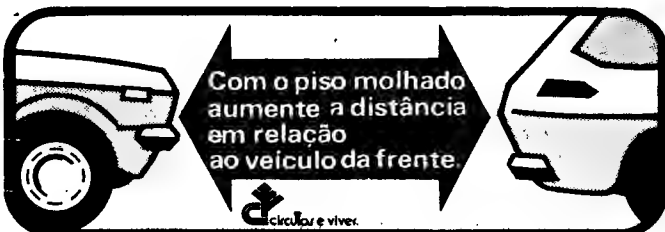
a) Jorge Manuel Roque Nogueira

O Escrivão de Direito

a) Eusébio Semedo Dias Castelo

D.L. — 2/11/83

2.ª Publicação



Função Pública**Federação exige novo decreto sobre o controlo de faltas**

Terminou no passado dia 31 de Outubro o prazo para a revisão do Decreto-Lei 219/83 que regulamenta o controlo das faltas por doença dos trabalhadores da Função Pública, «sem que o Governo — segundo afirma a Federação da FP — tenha elaborado e discutido com os sindicatos um novo diploma sobre a matéria».

Um comunicado emitido pela Federação recorda que o Governo havia suspenso a aplicação do decreto, considerando-o «de difícil execução e que, para além disso, contém soluções inaceitáveis e indefinições perigosas».

Sublinha que o Governo, desta forma, «falta mais uma vez aos seus compromissos e torna-se

responsável pela criação de uma situação absurda: permite a entrada em vigor de um decreto que ele próprio, fundamentalmente, suspendeu e que foi já rejeitado por todos os trabalhadores e pelas organizações sociais e sindicais mais representativas».

Depois de reafirmar «o seu total repúdio» pelo Decreto-Lei 219/83, de 26 de Maio, a Federação exige que o Governo prolongue a sua suspensão e dê início à negociação com os sindicatos de um novo diploma sobre a matéria.

Exorta finalmente os trabalhadores a denunciarem esta situação, rejeitando a entrada em vigor e a aplicação do decreto e exigindo a negociação de um novo decreto com os sindicatos.

Quimigal ainda não pagou salários de Outubro

Os trabalhadores da Quimigal poderão adoptar formas de luta se nos próximos dias não forem pagos os salários relativos ao mês de Outubro passado, em atraso.

Segundo um comunicado divulgado pela Federação dos Sindicatos da Química e Farmacêutica, são cerca de 11 500 os trabalhadores daquela empresa pública que não receberam o salário correspondente ao mês de trabalho «porque, segundo o conselho de gerência da empresa, não foi dada ainda autorização pe-

los Ministérios da tutela, da Indústria e Energia e das Finanças, para o processamento dos salários».

A meio da manhã, segundo um porta-voz sindical, a situação mantinha-se, não obstante o secretário de Estado das Finanças, no último contacto mantido com dirigentes da Federação, ter informado que «o problema seria solucionado na quarta-feira».

«De uma coisa temos a certeza — sublinha o comunicado sindical — os trabalhadores da Quimigal EP, não vão permitir

que esta situação se arraste, nem que casos destes voltem a acontecer».

Entretanto têm estado a decorrer plenários nas várias instalações da empresa, com objectivo de «caso seja necessário decidirem acções de luta».

A Federação, depois de lembrar que só no sector da Química e Farmacêutica «o número de trabalhadores com salários em atraso é já de cinco mil», apela a participação massiva dos trabalhadores nesta situação, na concentração convocada para amanhã junto à Assembleia da República.

Trabalhadores do MAFA lesados pela não aplicação de decreto de uniformização de carreiras

O Ministério da Agricultura, Florestas e Alimentação, segundo um porta-voz sindical, não está a aplicar o Decreto-Lei 110-A/80, publicado na folha oficial de 10 de Maio de 1980, situação que prejudica os interesses dos trabalhadores abrangidos, tanto mais que já vigora em praticamente todos os outros departamentos ministeriais.

O decreto em causa uniformiza as carreiras de Informática da Função Pública, estabelecendo regras de provimento, requisitos de nomeação e descrição dos conteúdos funcionais de cada uma das carreiras e impondo a classificação do pessoal de Informática de cada ministério.

No passado dia 7 de Outubro, os funcionários lesados enviaram uma exposição ao Presidente da República, com conhecimento a várias entidades governamentais e ao Provedor de Justiça, sobre esta situação.

Nesse documento afirma-se que, tendo sido elaborados desde a data da publicação do decreto vários projectos de portaria, para aplicação da lei naquele Ministério, «estes nunca chegaram à publicação no «Diário da República», visto que por razões várias, alheias aos funcionários, foram sempre recusados em alguns dos pontos do seu percurso».

O impasse criado, e que se arrasta já há mais de três anos, segundo os funcionários, provoca uma situação de desigualdade em relação aos outros ministérios e não se vislumbra «perspectivas de uma rápida solução do problema».

“Lay-off”**Decreto da redução de suspensão do trabalho publicado hoje**

Foi hoje publicado no «Diário da República» o Decreto-Lei 398/83, que regula a redução ou suspensão da prestação de trabalho (também conhecido por «lay-off»), regime este aplicável tanto nas empresas do sector público como nas do sector privado.

O diploma garante que, durante a redução ou suspensão, que não poderá ser superior a um ano, (prorrogável, no máximo, por igual período) «mantêm-se os direitos, deveres e garantias das partes, na medida em que não pressuponham a efectiva prestação de trabalho».

Os trabalhadores abrangidos pela medida têm direito a uma retribuição correspondente a dois terços do seu salário normal, nunca inferior ao salário mínimo nacional nem superior ao triplo deste mesmo salário. Mantêm-se igualmente todas as regalias sociais e as prestações da segurança social, calculadas na base da sua remuneração normal, sem prejuízo do impedimento temporário do trabalhador.

Em caso de doença, o trabalhador suspenso mantém o direito à

compensação salarial, não lhe sendo atribuível o respectivo subsídio pecuniário da segurança social e cessando o que, porventura, lhe esteja a ser concedido.

O trabalhador nestas condições pode exercer actividade remunerada fora da empresa, mas tem de a informar disso, pois, no total, não poderá receber mais do que o triplo do salário mínimo nacional para o sector.

Quanto aos critérios a seguir na aplicação deste regime, o decreto define que têm prioridade na manutenção do emprego em condi-

ções normais, os trabalhadores cujo agregado familiar tenha capacitação inferior a 60 por cento do salário mínimo, os deficientes e os mais antigos na empresa.

Por seu lado a empresa não pode, durante o mesmo período, fazer novas admissões ou renovar contratos de trabalho em lugares que possam ser preenchidos por funcionários abrangidos pelo «lay-off».

A empresa fica ainda proibida de proceder à distribuição de quaisquer lucros e de aumentar as remunerações de membros

dos corpos sociais.

Na introdução afirma-se que o espírito do diploma é precisamente o contrário dos despedimentos colectivos e assim só pode ser aplicado quando for indispensável para assegurar a viabilidade da empresa e a manutenção dos postos de trabalho.

Caso as estruturas representativas dos trabalhadores não cheguem a acordo com as administrações com vista a aplicação do regime àqueles órgãos tem 15 dias para recorrer para o Ministério do Trabalho.

Na introdução do decreto é ainda referido que o Ministério recebeu mais de um milhão de sugestões de alterações a introduzir na lei. Entre as que foram aceites encontra-se o princípio de que a suspensão de contrato só terá lugar quando se provar insuficiente a redução do período de trabalho, e ainda a participação no processo das estruturas sindicais.

Lisnave não cumpre acordo estabelecido com os trabalhadores**— denunciam os ORT's**

Os representantes dos trabalhadores da Lisnave acusaram a administração da empresa de não cumprir o acordo estabelecido em Julho com os trabalhadores.

Em conferência de Imprensa, os órgãos representativos dos trabalhadores (ORT's) da Lisnave, recordaram que aquele acordo previa, entre outros pontos, a recuperação de salários atrasados e o exercício efectivo do controlo de gestão.

Acrescentaram que a dívida da empresa aos trabalhadores, que deveria diminuir, tem estado a aumentar, atingindo a partir de agora três meses e meio de ordenado e um total de cerca de 600 mil contos.

Os representantes dos trabalhadores afirmaram que em Setembro a empresa recebeu 34 pedidos de orçamento para reparação de navios.

O número de pedidos tem es-

tado ao nível dos anos anteriores — acrescentaram.

Responsabilizaram a administração pela falta de trabalho, nomeadamente por manter um clima de instabilidade laboral por falta de pagamento de salários que não dá confiança aos armadores.

Afirmaram que a administração da empresa insiste no despedimento de dois mil trabalhadores, mas actualmente há sec-

ções com trabalhadores a prazo e empreiteiros, «o que mostra que os trabalhadores não são a mais».

A Lisnave paralisa amanhã, a partir das 15 horas para participar na concentração de empresas com salários em atraso dos distritos de Lisboa e Setúbal junto à Assembleia da República e os trabalhadores vão estudar a sua actuação face à evolução da situação da empresa.

Desemprego em Portugal atinge mais as mulheres

Os homens constituíam em 1981 66 por cento dos portugueses empregados, apesar da percentagem de mulheres empregadas ter vindo a aumentar nos últimos anos — revela o «Inquérito ao Emprego» conduzido pelo INE.

Quanto ao desemprego, a situação é a inversa: em 1974 os homens eram os mais atingidos pelo desemprego mas em 1981 representavam apenas 32 por cento, o que significa que 68 por cento dos desempregados são mulheres.

O inquérito relativo ao período 1974/1981 mostra, por outro lado, que aqueles que procuram o primeiro emprego são os que encontram maiores dificuldades.

Mário Soares recusou-se, na segunda-feira, a dialogar com um grupo de pessoas que o esperava à entrada da Fábrica Renault, em Setúbal, por ocasião da sua visita àquelas instalações, a convite da direcção da empresa.

O Primeiro-Ministro, que se fazia acompanhar do ministro da Indústria, Veiga Simão, considerou a constituição da Renault Portuguesa e o seu projecto industrial como «um bom exemplo de cooperação com o estrangeiro».

Depois de visitar as instalações, Soares considerou a fábrica da Renault («cujos níveis de produtividade são superiores aos europeus»), como «o exemplo de unidade industrial que, quando bem gerida e com disci-

plina laboral, assegura boas condições de vida aos trabalhadores».

Seguiu-se um almoço na empresa, com o embaixador de França em Lisboa, tendo o Primeiro-Ministro declarado aos órgãos de Informação que outros projectos luso-franceses estão previstos no domínio industrial, bem como o melhoramento das instalações da Renault na Guarda.

Relativamente ao grupo de cerca de 200 pessoas que, empunhando bandeiras negras, se dirigiram a Mário Soares, este considerou tratar-se de «profissionais da contestação». E acrescentou não poder «haver tolerância nem diálogo com pessoas que se nos dirigem com slogans injuriosos».

Soares recusou diálogo a trabalhadores de ORT's que o esperavam em Setúbal

Carmensol

Adquira o seu atrelado-tenda em prestações, sem encargos e até 12 meses

(Condições em vigor por tempo limitado)

VENDA DIRECTA AO PÚBLICO

Consulte-nos **FÁBRICA:**

**PONTE DA SILVEIRA
2615 ALVERCA**

☎ 2580348 (Rede Lisboa)



DESPORTO

Futebol: trio luso na grande Europa?

A história repete-se ciclicamente: hoje, nova 4.ª feira do futebol europeu, com equipas portuguesas envolvidas nas três principais competições uefeiras. Às 19 e 30, em Glasgow, a turma local recebe o Sporting, para a Taça UEFA. Pelas 21, na Luz, calha a vez do Benfica e dos gregos do Olympiakos esgrimirem pela Taça dos Clubes Campeões Europeus, enquanto meia hora mais tarde, nas Antas, o Futebol Clube do Porto

Afronta grega aos portugueses

Só faltava esta, caindo em cima dos pobres jornalistas portugueses que, pelos vistos, são cumpados de tudo o que de mau (ou pior) acontece no nosso país e mesmo por esse mundo fora: um telex da UEFA, enviado aos dirigentes do Benfica, é verdadeiramente indecoroso, para não lhe chamar pior. Reza o seguinte, conforme se pode ler no nosso colega «Gazeta dos Desportos»: «A Federação de Futebol Helénica está preocupada com a campanha que os órgãos de Comunicação Social portugueses estão a fazer contra a equipa grega, receando pela integridade física da comitiva. Solicitam, por isso ao Benfica, que tome as devidas precauções para evitar acidentes».

Espantoso e surrealista, se não fosse para rir às gargalhadas. Numa terra onde nunca se registou nenhum episódio desagradável em relação às embaixadas desportivas que nos visitam, onde toda a gente carrega ao colo os visitantes, caprichando em fornecer-lhe as melhores condições de estadia, onde há (mesmo) um manifesto tom de subserviência perante

quem chega de longe, a Federação Helénica do Futebol (talvez julgando pelo seu normal comportamento) atira para a fogueira uma acha que se impõe seja imediatamente devolvida, envolta no carinho e na alegria com que todos os adeptos do futebol sempre enquadram as exhibições dos nossos campeões.

Deixando no cesto dos papéis a ruim afronta grega, a que a UEFA conferiu tom formal (infelizmente) preocupamo-nos apenas em dizer que o técnico benfiquista Eriksson, embora não possa contar com o «capitão» Humberto Coelho e com o lateral Veloso (que estão convalescentes de delicadas intervenções cirúrgicas) está certo de que a turma sua comandada dará um recital de bola perante o magnífico e impressionante aliado que é o «Terceiro Anel», se possível conseguindo cedo o número de golos que faça convencer os homens do Pireu de que, por cá, nem se joga com bola quadrada nem de metralhadora à volta dos relvados, como é da história curta do Povo grego.

O presidente do Olympiakos (de seu nome Stauros Daifas)

abre as portas do seu estádio aos escoceses do Rangers, em confronto para a Taça dos Vencedores das Taças. Trata-se da 2.ª mão da eliminatória n.º 2 do triunvirato de provas e recorda-se como está o «placard» dos duelos de abertura: Olympiakos, 1-Benfica, 0; Rangers, 2-Porto, 1 e Sporting, 2-Celtic, 0. Toda a confiança nos nossos representantes, ainda que as suas tarefas se apresentem com muitos escolhos.

tem sido de flagrante indelicadeza desde que os seus seguidores pisaram a terra lusa; oferece a cada um dos seus chutadores coisa como 750 contos de prémio, garante que possui os melhores jogadores da Grécia (talvez mesmo do Mundo) e que naquele «plantel» não havia lugar para qualquer português, nem que fôsse o Eusébio-66. «Jogaremos para conseguir vários golos: e isso vai ser possível, porque a vossa defesa já poderia trazer 0-3 de

Atenas» — acrescenta Anastopoulos, o 2.º europeu em matéria de bolas nas malhas. Quer dizer: enquanto, triunfalistas e soberbos, os gregos nem sequer admitem qualquer resultado que não seja o seu êxito, o sereno e calmo Eriksson, certamente interpretando o pensamento da turma rubra, é educado e consiente: «faltam 90 minutos e vamos tentar que nos pertença o sinal final de um jogo que esperamos vencer com toda a correcção e dignidade».

Num encontro que será dirigido pelo árbitro Midgley, devem alinhar inicialmente:

BENFICA: Bento; Pietra, António Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Stromberg e Chalana; Diamantino e Manniche.

OLYMPIAKOS: Sarganis; Vamvakoulas, Gounaris, Papadopoulos e Michos (Lalas); Neymann, Albertsen, Mitropoulos e Kokolakis (Koyssylakis); Lemonis e Anastopoulos.

Pedroto: «Vamos atacar»

Vamos atacar e eliminar os escoceses, disse Pedroto aos jornalistas que o abordaram no final do último ensaio nas Antas. Depois foi a viagem até Ofir, onde decorre a concentração portista, até à hora de regresso ao seu anfitrião para a 2.ª parte» de um encontro com a turma escocesa do Glasgow Rangers, que está a ser aguardado com grande expectativa.

Evidenciando confiança nas possibilidades da sua equipa, o responsável «azul e branco» diria ainda: Já demonstrámos, na Escócia, que somos superiores ao nosso adversário. Dominámos completamente o Rangers e podíamos ter decidido lá a eliminatória. Falta-nos, porém, ponta de sorte nos momentos decisivos e, por isso, acabámos por perder quando justificámos plenamente o triunfo. De qualquer forma, 2-1 é um resultado que nos dá grandes possibilidades de rectificação e consequente passagem à eliminatória seguinte.

Posto perante a hipótese de o Glasgow Rangers vir jogar à deusa e, naturalmente, poder dificultar os seus planos, Pedroto afirmou: Estou certo de que a classe dos meus jogadores e a sua inspiração momentânea vão resolver todos os problemas que os escoceses possam levantar.

O FC Porto tem estado concentrado em Ofir e foi aí, no vasto pinhal que rodeia a unidade hoteleira, que os jogadores convocados se prepararam para o encontro de logo à noite. Ontem (dia feriado) Pedroto sujeitou os pupilos a duas sessões bastante puxadas e esta manhã, à hora de encerrarmos esta edição, decorria uma última sessão de desentorpecimento muscular.

Em conversa com o dr. Domingos Gomes submos que a equipa respira muita saúde e que não há qualquer problema especial. Apenas Lima Pereira e Inácio se mostraram um pouco fatigados devido ao esforço despendido na Polónia, mas deixaram de causar preocupação a partir do momento que o massagista Vítor Hugo os tomou à sua conta.

Dois pormenores da concentração a justificarem destaque: a convocação de Bobó (um jovem de inegáveis recursos que aguarda a sua oportunidade) e a celebração do 30.º aniversário de António Costa, anteontem à noite. Houve bolo e não faltaram os parabéns a você cantados num coro que se deseja igualmente afinado para a noite de hoje.

Tudo indica que sim: que, nas Antas o «coro» será mais afinado do que nunca, pese embora o grande número dos componentes. A propósito cabe aqui refei-



O Primeiro-Ministro foi convidado pelo presidente do Benfica a assistir, no Estádio da Luz, ao jogo de hoje com o Olympiakos. O dr. Mário Soares recebeu em São Bento uma delegação do Benfica (chefiada por Fernando Martins) que lhe apresentou cumprimentos e formulou o convite para o jogo da 2.ª mão da Taça dos Campeões Europeus. À saída, Fernando Martins referiu-se ao diferendo entre o clube e a televisão, sublinhando que o Benfica espera que a RTP pague pelo resumo filmado do encontro «o mesmo que já pagou ao FC Porto».

que se espera uma receita recorde, partindo do princípio de que a lotação do estádio (70 mil lugares) vai esgotar. Os responsáveis portistas acreditam que sim, não obstante o preço dos bilhetes (1500 escudos por cada senha de camarote ou bancada cativa; 1.200 escudos por uma arquibancada; 700 escudos por uma superior e 350 escudos cada peão). Isto para o público, porque os sócios desembolsarão 500 escudos por bancada e 300 por superior, enquanto os auxiliares ou aposentados pagarão apenas 150 escudos.

Refira-se, que em anúncios publicados nos jornais diários do Porto, se faz saber que vão ser

tomadas medidas rigorosas neste jogo com o Glasgow Rangers, pelo que se recomenda ao público em geral que não espere pela última hora para entrar no estádio.

A equipa do Glasgow Rangers chegou a Pedras Rubras, acompanhada por cerca de um milhar de adeptos. A comitiva escocesa seguiu para a Póvoa de Varzim. Ao fim da tarde de ontem, os escoceses estiveram no Estádio das Antas, efectuando um treino, que visou, não só o desentorpecimento muscular, mas também a adaptação à luz artificial e ao relvado do jogo. Encontro que terá início às 21.30 horas e será arbitrado pelo italiano D'elia.

As equipas deverão alinhar do seguinte modo:

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Jaime Pacheco e Rodolfo; Walsh, Gomes e Costa. Glasgow Rangers: McCloy; Dawson, McPherson, Paterson e McClelland; Russel, Prytz e Redford; McCoist, Clark e Cooper.

«Leões» estão confiantes

Um céu cinzento e a ameaça chuva aguardava os «leões» na chegada à capital escocesa, onde, logo à tarde (19.30) terão de lutar pela passagem à eliminatória seguinte, da Taça UEFA frente a um Celtic bastante moralizado pela retumbante vitória (5-1), obtida no sábado passado perante o Hibernian. Um jogo (aliás) ao qual assistiu Venglos que, no entanto, não se mostrou nada surpreendido: «Foi o fruto de uma 2.ª parte excelente, apesar de o terreno se encontrar bastante pesado. Não vi nada de especial, apenas muita força por parte dos jogadores do Celtic».

Foi chegar, largar a bagagem no hotel e treinar. Na circunstância, o Sporting utilizou as instalações do Queen's Park, tendo Venglos submetido os seus jogadores a uma sessão que durou cerca de uma hora e constou de recreação com bola, exercícios físicos, uma «peladinha» e remates à baliza, ora defendida por Katzitz, ora confiada a Melo.

Ontem, de manhã, o técnico leonino optou por um repouso absoluto, mas ao fim da tarde (e conforme estava previsto) sujeitou os seus pupilos a novo ensaio, desta feita, já no terreno do Celtic. Um treino que não forneceu qualquer indicação especial, mas que serviu às mil maravilhas para os jogadores se descontraiarem e evidenciarem mais uma vez a firme disposição em levar de vencida a forte formação escocesa.

Durante a viagem, em conversa com os jornalistas, os jogadores do Sporting não esconderam certo optimismo que os anima, pelo facto de à partida dispor de dois golos de vantagem. Avanço que poderá (entretanto) ser ampliado numa jogada genérica de Oliveira ou num «raid» de Manuel Fernandes ou Jordão. Essa parece ser, na verdade, a predisposição dos «leões» para o jogo de hoje.

A imprensa escocesa só ontem falou do encontro, adiantando que o Celtic «vai sentir grande dificuldade para ultrapassar a barreira defensiva do Sporting». Entretanto, e tal como foi referido por Venglos, os jornais da Glasgow salientam o bom momento de forma da equipa do Celtic, patenteado no jogo com o Hibernian. Por outro lado, é posta em equação a diferença de ambiente que se fará sentir e que poderá eventualmente beneficiar a equipa da casa. Caso se mantiverem as condições atmosféricas de ontem, estamos certos que o Sporting não terá problemas para se adaptar. Faz frio (é verdade) mas não tanto como a princípio se previa nesta época do ano. Logo a convicção generalizada de que não será por aí que os escoceses irão colher dividendos.

Depois do êxito de sábado, o Celtic foi «desviado» para os arredores de Glasgow para (conforme foi salientado na im-



Olympiakos em Lisboa: o capitão de malas é Anastopoulos, marcador na Grécia do tento que o Benfica e o 2.º atirador europeu

Carta de feireiro

Na jornada europeia de hoje destaca-se o embate da Taça dos Campeões entre o Hamburgo e o Dynamo de Bucareste. Os alemães, derrotados na Roménia por expressivo resultado, estão em perigo de não continuar em prova, cedendo o ceptro de campeão europeu. Cartaz total:

Taça dos Campeões: BENFICA (Portugal)-Olympiakos (Grécia), 0-1 na 1.ª mão; Atlético Bilbao (Espanha)-Liverpool (Inglaterra), 0-0; Hamburgo (RFA)-Dynamo Bucareste (Roménia), 0-3; Rapid Viena (Áustria)-Bohemians (Checoslováquia), 1-2; Dynamo Minsk (URSS)-Raba Győr (Hungria), 6-3; Dundee United (Escócia)-Standard Liège (Bélgica) 0-0; Roma (Itália)-CSKA (Bulgária), 1-0 e Partizan (Jugoslávia)-Dynamo Berlin (RDA), 0-2.

Taça das Taças: FC PORTO (Portugal)-Glasgow Rangers (Escócia), 1-2; Barcelona (Espanha)-NEC Nijmegen (Holanda), 3-2; FC Köln (RFA)-Újpest (Hungria), 1-3; Aberdeen (Escócia)-Beveren (Bélgica), 0-0; Valkeakosken Haka (Finlândia)-Hammarby (Suécia), 1-1; Juventus (Itália)-Paris St-Germain (França), 2-2 e Manchester United (Inglaterra)-Spartak Varna (Bulgária), 2-1.

Taça UEFA: Celtic (Escócia)-Sporting (Portugal), 0-2; Antwerp (Bélgica)-Lens (França), 2-2; Aston Villa (Inglaterra)-Spartak Moscovo (URSS), 2-2; Carl Zeiss (RDA)-Sparta Roterdão (Holanda), 2-3; Sparta Praga (Checoslováquia)-Widzew Łódź (Polónia), 0-1; Nottingham Forest (Inglaterra)-PSV Eindhoven (Holanda), 2-1; Banik Ostrava (Checoslováquia)-Anderlecht (Bélgica), 0-2; Laval (França)-Austria (Áustria), 0-2; Sturm Graz (Áustria)-Verona (Itália), 2-2; Hajduk Split (Jugoslávia)-Honvéd (Hungria), 2-3; Feyenoord (Holanda)-Tottenham (Inglaterra), 2-4; Werder Bremen (RFA)-Lokomotiv Leipzig (RDA), 0-1; Levski (Bulgária)-Watford (Inglaterra), 1-1; Bratislava (Checoslováquia)-Radnickie Nis (Jugoslávia), 0-4; Bayern (RFA)-Paok (Grécia), 0-0 e Inter (Itália)-Groningen (Holanda) 0-2.



Antas: a imagem que se deseja

DESPORTO

ponta esquerda

Estoril Praia: e o dinheiro?

Problema grave no Estoril Praia: os futebolistas recusam-se a continuar treinando se, até ao fim da tarde de hoje, não receberem uma parte dos vencimentos a que têm direito, alguns ainda dizendo respeito à última temporada.

UEFA: chuta-se melhor

A 1.ª eliminatória das taças europeias de futebol de clubes desta época rendeu mais golos em média que igual eliminatória da época passada — assinala uma nota distribuída pela UEFA (União Europeia de Futebol). Nos 128 jogos da 1.ª ronda deste ano da «Taça dos Campeões», «Taça das Taças» e «Taça UEFA», foram marcados 428 tentos, o que constitui uma média de 3,34 golos, contra 3,04 da última temporada.

A homologação dos recordes europeus de atletismo, apenas será feita após controlo anti-doping efectuado aos atletas que os tenham alcançado — decidiu o Congresso da Associação Europeia de Atletismo que decorreu em Madrid. A decisão que será aplicada em todas as competições oficiais de atletismo disputadas na Europa, foi anunciada pelo presidente da Associação (Arthur Gold). No próximo Congresso da Associação Internacional de Atletismo, o organismo europeu irá propor o alargamento da medida aos recordes mundiais. Arthur Gold confirmou Atenas como sede dos próximos campeonatos europeus de pista coberta, a realizar nos dias 2 e 3 de Maio de 1985.

Maradona recebe bicicleta de Merckx

Uma bicicleta oferecida pelo antigo ciclista belga Eddy Merckx, figura entre os numerosos presentes que o futebolista argentino Maradona recebeu pelo seu 23.º aniversário natalício. A prenda de Merckx, certamente a pensar na recuperação da grave lesão que afastou dos relvados o famoso avançado do Barcelona, demonstra a grande e diversificada popularidade do jogador.

Maradona, que anda já sem muletas, festejou os 23 anos acompanhado da noiva, dos mais directos familiares e amigos, aos quais ofereceu um churrasco no jardim de sua casa, no mais puro estilo argentino.



Luis Campos («internacional» do nosso basquetebol que se dedica actualmente a negociar futebolistas brasileiros para a Europa) e Mário Lino: o defesa de Alvalade que está na alta dos técnicos portugueses, agora ao serviço do Marítimo

“Gafanhotos” suíços desistem do andebol europeu

O Grasshoppers (de Zurique) anuncia a sua desistência, à Federação Internacional de Andebol, para a primeira volta da Taça dos Vencedores das Taças que deveria jogar com os dinamarqueses de Helsingor. Os dirigentes de Zurique explicaram a sua decisão pelo facto da sua equipa, em face de numerosas baixas, não estar em condições de defender cabalmente a sua oportunidade nesta competição.



Jaime Lopes: o dirigente do futebol sportinguista que, deixando o comando do Departamento de Alvalade, é agora figura da Rádio Comercial, inclusive como comentador futebolístico (ao lado de Abel Figueiredo).

Râguebi: agressão dá morte

Um jogador argentino de râguebi, foi condenado em Santa Fé (Norte da Argentina) a nove anos de prisão e a 62 mil dólares de prejuízos e custos, por ter provocado intencionalmente a morte de um adversário, durante um jogo particular, no passado mês de Abril. O Tribunal de Santa Fé não encontrou nenhuma circunstância plausível para Luis Colliard (terceira linha de um clube de Paraná) provocar, com um pontapé na cabeça, a morte de Caetano Massi (avançado de um clube local) que faleceu, sem ter retornado a consciência, 19 dias mais tarde. A principal testemunha foi o árbitro que expulsou o agressor do terreno.

Foram necessárias duras horas para a leitura da sentença, na qual foram usados frequentemente os termos «violento», «traidor», «inconcebível», «inútil» e «inexplicável».

Jogou-se para a “Taça”

Resultados dos jogos de desempate (ontem disputados) da 1.ª eliminatória da Taça de Portugal em futebol: Valenciano-Bragança: 3-4 (após marcação de grandes penalidades: 1-1 no tempo regulamentar); Marialvas-Bombarralense: 3-4; Cinfães-Vieirense: 5-6 (em grandes penalidades, após prolongamento em que o resultado do tempo regulamentar, 0-0, não se alterou); Moitense-Atlético: 1-2 (após prolongamento: 1-1 no tempo regulamentar); Juventude de Évora-Armazenenses: 5-1; Santa Clara-Vasco da Gama: 6-5 (em grandes penalidades, 0-0 no prolongamento); Lusitânia-Seixal: 5-0; e Sintrense-Oliveiras: 1-0. Apurados para a 2.ª eliminatória: Bragança, Bombarralense, Vieirense, Atlético, Juventude de Évora, Santa Clara, Lusitânia e Sintrense.

O encontro entre o Barreiros (dos Açores) e o Santacruzense (da Madeira) em atraso da 1.ª eliminatória voltou a não ser disputado. A partida entre os representantes das regiões autónomas dos Açores e da Madeira, marcada para ontem, em Angra do Heroísmo, voltou a ser adiada, pelo que fica por definir o adversário do Centro Paroquial de Fátima, equipa dos campeonatos distritais que o sorteio determinou para a 2.ª eliminatória ante o vencedor entre os representantes insulares.

Honra algarvia

O Portimonense conquistou a Taça de Honra da Associação de Futebol de Faro ao vencer no seu campo o Farense, por 3-0. Na 1.ª «mão», em Faro, a equipa local venceu por 2-1, pelo que o Portimonense conquistou a Taça com um total de 4-2.

O Portimonense venceu ao intervalo por 1-0, golo marcado (aos 9 minutos) por Norton de Matos. Na 2.ª parte, a equipa de Portimão elevou (aos 59 e 87 minutos) respectivamente por Nelson e Lucio, fixando em 3-0 o resultado.

Sob arbitragem de Júlio Santos (Faro) as equipas alinharam: Portimonense: Damas; Derinho, Simões, Freitas e Barão; Saura, Nelson, Fernando Martins; Cadoran (Lúcio, 45), Norton de Matos e Niromar (Pedro 65).

Farense: Meszaros; César, José Luís, Bio e Vilaça; Morgado (Heleno, 22), Óscar, Rogério; Nelson Borges, Ricardo e Bukovac.

Braga: meninos

A delegação em Braga da DGD vai organizar um torneio de futebol infantil, para crianças do concelho. O torneio, denominado «Natal 83», realiza-se em Novembro e Dezembro e destina-se a jovens nascidos nos anos de 1972 e 1973.

Golfe: “Open” de Portugal

Alguns dos melhores jogadores de golfe a nível mundial participam entre amanhã e domingo no «Open» de Portugal. Esta 27.ª edição do torneio, para o qual estão inscritos 129 jogadores, decorre no Clube de Golfe de Tróia, ao Sul de Lisboa. O campo (de 18 buracos) num percurso de 6.338 metros, foi desenhado pelo inglês Robert Trent Jones e é considerado pelos especialistas como um dos mais difíceis do Mundo, por o seu traçado incluir alguns sectores de areia.

O «Open» português será a

Espanha: «Taça»

O Saragoça foi ontem derrotado pelo Sabadell (da 2.ª divisão «B» do Campeonato Espanhol de Futebol) em jogo da 1.ª «mão» da 3.ª eliminatória da «Taça do Rei». Por sua vez, o Osasuna também não conseguiu passar no campo do Arosa, igualmente da 2.ª divisão «B». Os resultados registados nesta ronda foram os seguintes: Aragon - Real Sociedad, 0-2; Málaga - Eibar, 2-0; Arosa - Osasuna, 2-1; Sabadell - Saragoça, 2-1; Valladolid - Rayo Vallecano, 4-3; Oviedo - Real Madrid, 0-1; Múrcia - Castellón, 1-0; Mallorca - Barcelona Atlético, 0-0; Jerez - Las Palmas Atlético, 3-0 e Olot - Hércules, 0-4.

Antecipação

O Shakhter Donetsk (URSS) classificou-se para os quartos de final da «Taça dos Vencedores das Taças» ao vencer, em Genebra, o Servette, por 2-1. O jogo foi arbitrado pelo português Alder Dante. Na 1.ª «mão» desta 2.ª eliminatória o Shakhter Donetsk venceu em casa o Servette, por 1-0.

Los Angeles

Jogos eliminatórios para as Olimpíadas: China, 4-Hong Kong, 0 e Tailândia, 2-Coreia do Sul, 1.

S. Paulo

Segunda fase do campeonato estadual de futebol de São Paulo: Juventus-Comercial, 1-1; América-Taubaté, 2-1; XV de Jau-Marília, 0-1; Internacional-Corinthians, 1-1; Palmeiras-São Paulo, 1-2; São José-Santos, 1-0; Portuguesa-Santo André, 0-0; Guarani-Ferroviária, 2-0; São Bento-Ponte Preta, 0-1; Botafogo-Taquaritinga, 1-0; Classificação do grupo «A»: 1.º, Santos, 42 pontos; 2.º, Ponte Preta, 37; 3.º, Juventus, 33; 4.º, Marília, 32; 5.º, São José, 28. Grupo «B»: 1.º, Corinthians, 48 pontos; 2.º, São Bento, 37; 3.º, Taquaritinga, 34; 4.º, Botafogo, 33; 5.º, Ferroviária, 29. Grupo «C»: 1.º, São Paulo, 52 pontos; 2.º, Portuguesa, 42; 3.º, Internacional, 33; 4.º, XV de Jau, 30; 5.º, Taubaté, 29. Grupo «D»: 1.º, Palmeiras e Santo André, 45; 3.º, América, 34; 4.º, Comercial, 31; 5.º, Guarani, 30.

Rio de Janeiro

Jogos da 2.ª fase do campeonato estadual do Rio de Janeiro: Botafogo-Flamengo, 0-1; Vasco da Gama-São Cristóvão, 4-0; Americano-América, 0-0; Fluminense-Campo Grande, 0-0; Volta Redonda-Bangu, 0-1; Bonsucesso-Goytacaz, 0-1. Classificação: 1.º, Bangu e América, 11 pontos; 3.º, Flamengo, 10; 4.º, Fluminense e Americano, 8; 6.º, Botafogo, Goytacaz e Vasco da Gama, 7; 9.º, Campo Grande, 6; 10.º, Volta

Redonda, 3; 11.º, São Cristóvão, 2; 12.º, Bonsucesso, 1.

Mundial: recorde

O campeonato mundial de futebol de 1986, no México, registrará um recorde de países participantes. Com efeito, a 121 equipas tomam parte na fase preliminar, mais dez que as candidatas ao «mundial» de Espanha, em 1982. As eliminatórias realizam-se entre 1 de Maio de 1984 e 15 de Novembro de 1985, efectuando-se o respectivo sorteio em Zurique, a 7 de Dezembro deste ano. A Itália (actual campeã do mundo) e o México (país organizador) estão automaticamente apurados para a fase final, ficando os restantes 119 países distribuídos da seguinte forma: Europa, 33; África, 29; Ásia, 26; Concacaf, 18; Comenbol, 10 e Oceania, 3. O Liechtenstein (na zona europeia) devido à falta de qualidade do seu futebol, e o Líbano (na zona asiática) são os únicos países não inscritos para o campeonato mundial de 1986.

Bibliografia desportiva

Futebol

Bimestralmente editada pela Federação Portuguesa de Futebol a revista «Futebol», tal como as anteriores dirigida por César Grácio e com larga colaboração estrangeira: nomeadamente artigos da autoria de Christian Rytz, Vicente Miera e Walter Dufour, a par de temas específicos abordados por Olavo Malveiro e dr. Camacho Vieira. O editorial (da responsabilidade do prof. Mirandela da Costa) dá a sugestão de que algo vai mudar nos altos postos do nosso dirigismo desportivo.

Revisão do ténis

O Clube Escola de Ténis de Oeiras, navegando entre incompreensão e falta de apoio, prossegue na sua salutar luta, colocando nas bancas mais uma edição da Revista do Ténis, que tem trabalho aturado de Pedro Augusto Niny dos Santos, Joaquim Nunes, Augusto Filipe, Pedro Bogarim, Fonseca Vaz, Fernando d'Almeida, José Topa, A. Vaz Pinto e Eduardo Carona. A modalidade tenística é (como se calcula) dissecada e apresentada no seu momento actual.



Katzirz, Manuel Fernandes e Virgílio: optimismo e esperança na viagem a Glasgow

4.ª feira uefeira

Continuação da pág. 16

prensa) «escapar ao bulício da cidade». Recorde-se, a propósito, que a capital escocesa é um centro industrial por excelência, o que lhe confere um ar austero que contrasta, magnificamente, com o modo simpático e exemplar como os escoceses (a vários níveis) receberam a comitiva portuguesa.

Pelas informações entretanto recolhidas, admite-se que o Celtic Park possa esgotar os seus

MICROSCOPIO

Vela no Algarve

O primeiro Troféu Internacional de Vela de Távira (Algarve), realiza-se entre 6.ª feira e domingo próximos com o Ginásio Clube de Távira, como organizador da prova. O troféu integra o primeiro Torneio Ibérico de Fying Dutchman, no qual participa o campeão espanhol, Rafael Iturrioz. A regata está ainda aberta a outras classes (470, Fireball, Finn, Snipe, 420 Estel, Europe, Vaurien, Cadetes e Pranchas classe aberta (I e II) e fizeram já a sua inscrição seis dezenas de embarcações.

Atletismo: europeu no Algarve

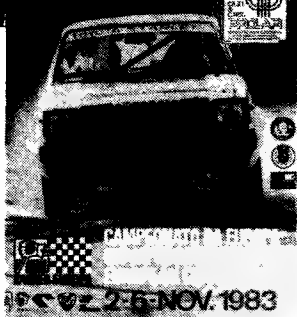
A região de turismo do Algarve informou que a próxima edição da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» de corta-mato poderá disputar-se simultaneamente com o «Crosse Internacional das Amendoeiras». Esta prova está marcada para o dia 5 de Fevereiro de 1984, na pista da aldeia das Açoteias. A iniciativa é da própria RTA, conjuntamente com a Direcção-Geral dos Desportos, Federação Portuguesa de Atletismo e Associação de Atletismo de Faro. Dezanove países já confirmaram a presença de atletas seus naquela prova, prevendo-se que o número ascenda a 21. O Sporting Clube de Portugal é o actual detentor da «Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato», disputada este ano em Varese (Itália), e Fernando Mamede venceu a última edição do «Crosse das Amendoeiras».

Hóquei eborense

O Grupo Desportivo Diana, (de Évora), continua a apostar no hóquei em patins e iniciou mais um ano de actividade nas categorias de promoção de infantis e iniciados. O clube eborense prepara jovens desde os 6 anos de idade e as suas equipas contam, este ano, com o apoio de várias firmas, através de publicidade nas camisolas, e a colaboração dos amigos do hóquei e da Câmara Municipal de Évora (transportes).

Ténis de mesa: expansão

A filial de Vila Real da Caixa Geral de Depósitos promove a 5 e 6 do corrente a 6.ª edição do torneio de ténis de mesa daquela cidade. O torneio irá movimentar cerca de 600 pessoas e a Câmara Municipal de Vila Real concedeu um subsídio de dez mil escudos.

RALLYE
SAGRES EUROPA

DESPORTO

Uma prova que decide vários títulos

O campeonato Nacional de Rallyes termina neste fim-de-semana com o Rallye Sagres Europa/Algarve, uma prova que tem vindo a impor-se de ano para ano por iniciativa do Raca Club de Silves, exemplo de uma colectividade a quem o Algarve deve as acções mais importantes da sua animação desportiva e cultural. Joaquim Santos e José

Pedro Borges discutem entre si o título nacional, que poderá manter-se na indecisão até aos últimos quilómetros.

Mas não é este o único motivo de interesse da prova algarvia. O facto de ter reunido mais de uma centena de inscritos confere-lhe por si só um interesse muito especial.



Manuel Mello Breyner o mais sério candidato ao título no Grupo N.

Se a isso juntarmos a presença de alguns estrangeiros, que não sendo primeiríssimos planos são todavia valores cotados internacionalmente, e se lhe juntarmos ainda a luta pelo título no Grupo N, entre Manuel Mello Breyner, Manuel Russo e Nuno Madeira, teremos todos os ingredientes para uma excelente prova a fechar a temporada de 1984.

De salientar ainda que os belgas Droogmans e Snyers discutem no Rallye Sagres Europa/Algarve, o título internacional do seu país.

Santos ou Borges?

Uma escassa pontuação separa os dois pilotos, com alguma vantagem para Joaquim Santos, mas isso é quase irrelevante para a condução táctica da prova por parte de um ou outro. Em princípio eles têm que apontar para a vitória. Fora disso, ainda que seja possível chegar ao título, sem vencer este Rallye, isso implica numa tal interdependência de classificações que se torna um jogo arriscado. Quer dizer: Joaquim Santos e José Pedro Borges têm, por força das circunstâncias, que dar tudo por tudo. Isso valorizará sem dúvida esta prova última de um campeonato que vai manter até ao fim um aliciante «suspense».

A boa forma de Joaquim San-

tos e a maneira como parece ter encarado a preparação deste rallye poderiam ser vantagens imediatas sobre o seu adversário, mas o piloto nortenho, que há vários dias se encontrava no Algarve a treinar, teve um espectacular acidente, de que resultou praticamente a destruição do seu carro de treinos. Felizmente não sofreu ferimentos graves nem fracturas pelo que já se encontra restabelecido.

De qualquer modo um acidente destes deixa sempre al-

gumas marcas. Quanto mais não seja altera significativamente a programação e o desenvolvimento de um treino bem estruturado.

José Pedro Borges tem uma certa experiência de discutir um título nacional no Algarve. Já passou por uma situação dessas em 1979 e que por coincidência lhe correu favoravelmente em termos de objectivo final — que era o campeonato — embora tenha desistido da prova, tal como aconteceu ao seu adver-

sário.

Este conjunto de factores parece autorizar a conclusão de que as coisas se encontram bastante niveladas entre estes dois excelentes pilotos, o que aumenta a expectativa.

A prova

Esta edição do Rallye Sagres Europa/Algarve disputa-se num percurso de cerca de 1293 quilómetros, divididos em três cxe-tapas, com um total de 465,2 km de classificativas em terra e 8,8 km em asfalto.

As classificativas caracterizam-se ainda, na maior parte, pela sua extensão. Duas delas têm 54,85 km e dez têm entre 18 e 27,4 km. Isto exige muito aos pilotos — aliás a prova vai ser indiscutivelmente dura — mas por outro lado, em muitos casos, possibilita a recuperação face a qualquer pequeno precalço que numa prova curta seria decisivo.

A prova deste ano apresenta três troços novos que os organizadores justificam pela necessidade de deixar os troços da região de Castro Marim e Alcoutim, cujos municípios fizeram pedidos nesse sentido, já que as estradas se encontram em mau estado e as verbas para cuidar delas são exíguas.

Este ano a zona viva da prova, digamos o seu «epicentro» vai ser no Alvor, o que fica a dever-se ao apoio dado pela Torralta à organização.

O que desde já pode dizer-se é



Joaquim Santos «leader» do campeonato

que este Rallye Sagres Europa/Algarve vai decorrer sob o signo da dureza, vai ser uma prova a sério, com dificuldades acrescidas pelas consequências

deixadas pelas últimas chuvas que caíram no Algarve e que deixaram muitas estradas esburacadas e outras transformadas em grandes lodaças.

Programa de amanhã

- 09.00 Partida de Faro (Salvador Caetano-Toyota) para a primeira etapa
 09.56 1.ª PEC — Santa Rita 1 (7,3 km)
 11.45 2.ª PEC — Salir 1 (23,1 km)
 12.26 3.ª PEC — Zambujal 1 (12,26 km)
 12.47 4.ª PEC — S. Barnabé 1 (21,5 km)
 13.31 Chegada a Faro e reagrupamento
 16.00 Partida de Faro
 16.56 5.ª PEC — S. Rita 2 (7,3 km)
 18.45 6.ª PEC — Salir 2 (23,1 km)
 19.26 7.ª PEC — Zambujal 2 (10 km)
 19.47 8.ª PEC — (21,5 km)
 21.30 — Final da 1.ª etapa na Torralta (Alvor)

Lista de inscritos

1. António Zanini/Pedro Garcia, (Talbot Sumbean), B; 2. Joaquim Santos/Miguel Oliveira (Ford Escort RS), B; 3. «Leonidas»/Tonia Pavli-Kokkini (Renault 5 Turbo), B; 5. Alain Coppier/Josepha Laloz (Citroen Visa Chrono), B; 6. Christian Dorche/J. Henuset, (Citroen Visa Chrono), B; 7. Francisco Romãozinho/Luís Alegria (Citroen Visa Chrono), B; 8. Rufino Fontes/Valdemar Guimarães (Citroen Chrono), B; 9. Rui Souto/Eduardo Ci (Ford Escort RS), B; 11. Patrick Snyers/Lambert Peeters (Porsche 911), 4; 12. Robert Droogmans/Ronny Joosten (Ford Escort RS), 4; 14. José Pedro Borges/Rui Bevilacqua (Ford Escort RS), 4; 15. João Santos/Almeida Marquês (Fiat 131 Abarth), 4; 17. Manuel Rolo/Álvaro Barreiros (Ford Escort RS), A; 19. José Miguel/Cândido Coelho (Ford Escort RS), 2; 20. Jorge Ortigão/João Baptista (Toyota Starlet), 2; 21. Inverno Amaral/Joaquim Neto (Cit. Visa Trophée), B; 22. Carlos Fontainhas/Rog. Seromenho (Ford Escort RS), B; 23. Robert Cat/Jacqueline Casamayou (Citroen Visa Chrono), B; 24. Olivier Tabatoni/Michel Cadier (Citroen Visa Chrono), B; 25. Jean Luc Marteil/J. Chaudet (Citroen Visa Chrono), B; 26. Christian Gachan/Gerard Lopez (Cit. Visa Trophée), B; 27. Jorge Bandeira/João Reis (Ford Escort RS), B; 28. Guilherme Roldão/A. Marcelino (Fiat 124 Spyder), 4; 29. Elisio Mirydar/Ant. Vilaça Tomaz (Datsun Violet 160 J), 4; 30. Eric Mayou/Jean Marie Guindon (Peugeot 504 V6), 4; 31. António Cirilo/Filipe Fernandes (Opel Ascona 400), 4; 32. Reinaldo Henriques/António Miguel (Ford Escort RS), 4; 33. Manuel Pereira/L. Ribeiro (Renault 5 Turbo), 4; 34. António Segurado/Ricardo Fernandes (Opel Ascona 2000), A; 35. Manuel Costa/António Araújo (VW Golf GTI), A; 36. Werner Schweizer/Siebert Schneider (Opel Ascona), A; 37. Ramiro Fernandes/Ant. Monteiro (Fiat Ritmo 125 TC), A; 38. Carlos Morna/Luís Morna (Opel Manta GTE), A; 39. Pedro Sena/António Guerra (Ford Escort RS), A; 40. Paulo Carvalho/José Jesuíta (Ford Escort RS), A; 41. Pascal Mouysset/Gabriel Drapeyrou (Ford Escort RS), A; 42. Rui Dias/J. Almeida (Ford Escort RS), A; 43. José Ahren Teixeira/Manuel Ahrens Teixeira (Ford Escort RS), A; 44. Martinho Pereira/Feleciano Júlio (Ford Escort RS), A; 45. Lucien Evaian/Weber-Modar (Datsun KHS 110), A; 46. Viana Ferreira/Pedro Abreu (Opel Kadett GTE), A; 47. Hervé Maheo/Yves Maheo (Peugeot 504), A; 48. Carlos Lopes/João Bento (Ford Escort RS), A; 49. Alberto Gonçalves/José Éloi, Ford Escort RS), A; 50. Bernard Cros/Serge Jalabert (Peugeot 104 ZS), A; 51. Alain Crozet/Tavet (Peugeot 104 ZS), A; 52. Jean François Roulot/Maria Latieule (Peugeot 104 ZS), A; 53. Pierre Monnier/Mário Bastelica (Peugeot 104 ES), A; 54. Jacques Jonquieres/Christian Tortelli (Peugeot 104 ZS), A; 55. Yvandre Bruel/Brigitte Bruel (Peugeot 104 ZS), A; 56. Jean Marc Dubois/Ludia Dubois (Peugeot 104 ZS), A.



José Pedro Borges, uma vez mais a decidir um título nacional no Algarve

Se chover temos casa para si
 Se não chover «SONDA SUL» encontra
 água onde você quiser
 Se não gosta dos centros urbanos
 construímos para si no local ideal

LOTES DESDE 1000 m² a 5000 m²

HABITAMUNDO

ALGARVE

Crise estrutural na indústria de lanifícios

O presidente da Assembleia Municipal da Covilhã, o socialista Pinto da Silva, afirmou nesta cidade que uma crise financeira e estrutural afecta a indústria de lã local.

A afirmação foi feita no decorrer da reunião extraordinária da Assembleia Municipal em sessão evocativa dos 113 anos da elevação da Covilhã à categoria de cidade.

Pinto da Silva referiu-se à situação da indústria têxtil e lanifícia que disse estar atravessando um período de crise.

Traçou uma panorâmica histórica da cidade dizendo que «é uma terra industrial desde o ano 41 antes de Cristo».

Autarca debate Ernesto Cruz

Estes, quando foi dada por encerrada a sessão pelo seu presidente, Pinto da Silva, e como não lhes foi permitida uma intervenção, impediram momentaneamente a saída dos membros da Assembleia Municipal e convidados.

No bloqueio, com duração aproximada de 30 minutos, apenas foi permitida a saída dos jornalistas presentes na sessão.

A saída dos deputados municipais só foi possível após reunião entre representantes dos trabalhadores, vereação e presidentes da Câmara e Assembleia Municipal da Covilhã.

Foi decidido neste encontro a realização de uma reunião para debate do problema da empresa Ernesto Cruz, que afecta cerca de 400 trabalhadores.

No decorrer da sessão, foi

apresentada uma publicação sobre toponímia da cidade, promovida e patrocinada pela edilidade local.

Trata-se de um livro que descreve os factos históricos e vida e obra das personalidades cujo nome foi dado a artérias da Covilhã.

As comemorações dos 113 anos da elevação da Covilhã a cidade, promovidas pelo Município, tiveram início a 15 de Outubro e prolongam-se até ao dia 23, com a realização de uma Feira do Livro, exposições de pintura, provas desportivas e conferências.

Oito meses e meio sem salários

Os cerca de 400 trabalhadores da empresa têxtil Ernesto Cruz, da Covilhã, encontram-se sem salários há oito meses e meio — afirma a Comissão de Trabalhadores da empresa em comunicado.

O documento, tornado público no decorrer das comemorações dos 113 anos da elevação da Covilhã a cidade, acusa o Governo de «jogar com o cansaço e a falta de dinheiro dos trabalhadores para os vergar pela fome».

A Comissão de Trabalhadores afirma: «desde Julho que, pacificamente, temos andado pelas entidades governamentais e quase a implorar que nos digam o que pretendem fazer com os trabalhadores da empresa».

Anuncia a adopção de «formas de luta radicais», dada a ausência de resposta por parte das entidades oficiais face ao futuro de viabilização ou não da empresa.

Gonelha aos jovens médicos

Vão para África rapidamente

Continuação da pág. 1

modelação através de uma carta hospitalar.

«A partir deste anteprojecto, vai ser possível organizar toda a classe médica hospitalar» afirmou o ministro da Saúde, que classificou de «escavacada» a reforma de 1968 que regula a actual organização hospitalar portuguesa.

«Sucessivos presidentes da Câmara exigiram ao Ministro do Interior que o seu hospital passasse a distrital e isso foi-se fazendo, muitas vezes através de uma simples portaria» disse Maldonado Gonelha.

O ministro da Saúde, no seu discurso reafirmou que «o Estado não tem capacidade para dar pleno emprego a todos os jovens médicos».

«Esse problema resulta de falhas de planeamento e de falta de estruturação do próprio Estado», afirmou.

Maldonado Gonelha classificou de «muito grave» a situação financeira no sector da saúde e disse que «em 1984 a situação não será melhor».

«O actual Orçamento Geral do

Estado atribuiu 66 milhões de contos ao sector e no próximo ano essa verba passará para 80 milhões de contos. No entanto, o novo Orçamento não incluiu o aumento da função pública que implica despesas da ordem dos 6 milhões e 400 mil contos».

Esse facto aliado à inflação de mais de vinte por cento, faz com que a situação em 1984 venha a ser «mais dolorosa ainda que a deste ano», afirmou o ministro.

A escassez de meios financeiros obriga a «uma alteração qualitativa dos processos», disse o ministro, que considerou «desejável garantir-se ao Hospital de Santa Maria a elasticidade necessária para a sua renovação».

Esta foi a primeira vez que o ministro esteve presente numa cerimónia oficial num hospital de Lisboa.

No simpósio, que hoje começou, participam cem médicos de cirurgia vascular, cirurgia geral e outros.

O encontro foi organizado pelo Serviço de Cirurgia Vascular e Angiologia dos Hospitais Cívicos de Lisboa, o mais antigo do género em Portugal.

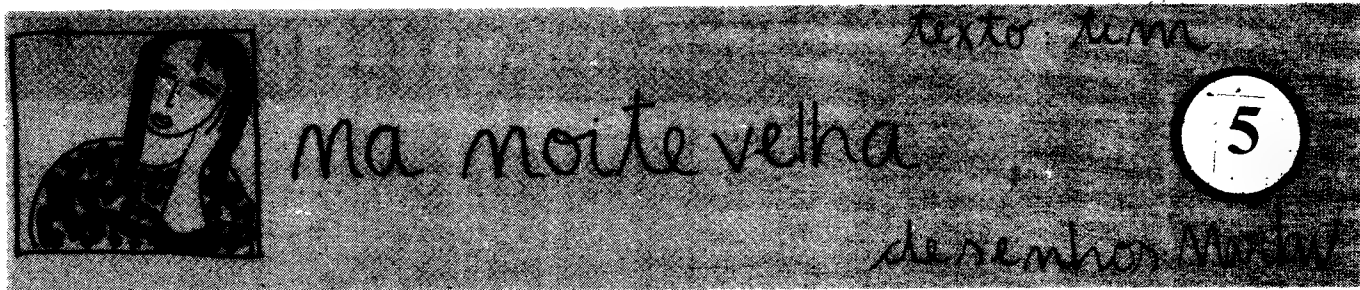
A Esquerda sem política?

Continuação da pág. 2

Chevenement é expressamente consagrada a definir uma acção «a médio prazo», baseada numa desvalorização forte, acompanhada de cláusulas de protecção limitativas da importação, durante cerca de dezoito meses. Nesse lapso de tempo, os ganhos da produtividade não serão possíveis senão através da limitação do poder de compra dos trabalhadores. É corajoso dizer isto e encarar assim uma restrição não menor do que a que actualmente é imposta por Jacques Delors. Ao abordar este problema a este nível, o Congresso de Bourg-en-Bresse poderia reduzir as incertezas e as confusões que rodeiam, hoje em

dia, a política industrial.

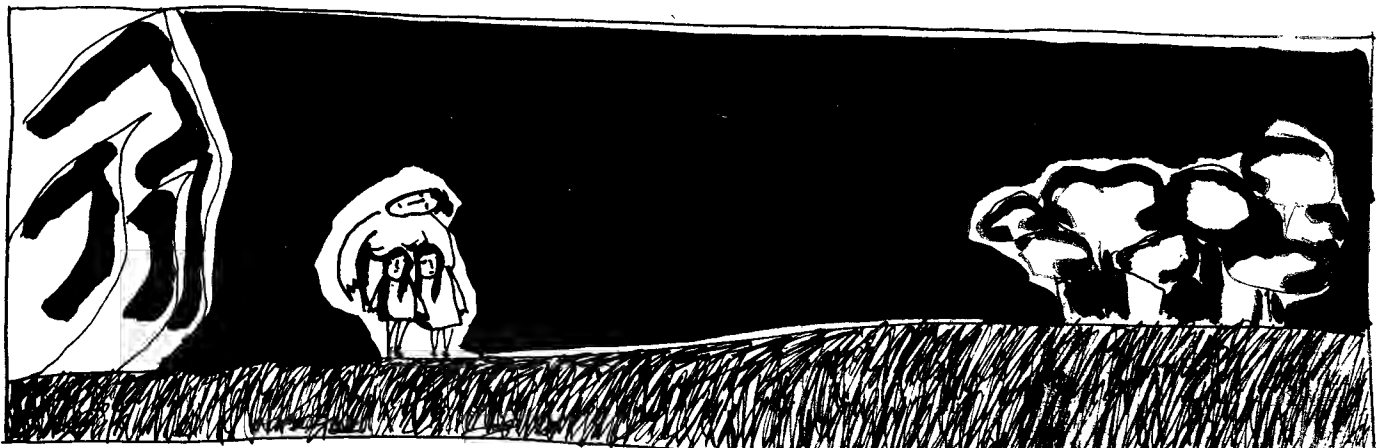
Pode verificar-se que os debates entre os socialistas, assentam sobre a base da navegação entre os recifes da crise mais do que sobre os objectivos da viagem, tais como foram determinados no início da legislatura. Infelizmente, à força de navegar junto à costa o governo perdeu um pouco de vista o rumo geral, o que acaba por explicar a anarquia das decisões referidas. Será preciso lembrar que as perspectivas a longo prazo se tornam puramente simbólicas, se se deixam desligar assim, da nossa vida quotidiana? Elas não reencontrarão a sua força de atracção a não ser que sejam ligadas a políticas a médio prazo, o que toda a gente, hoje em dia, tem tendência para esquecer.



Texto: TIM MAGALHÃES



Tu e Julieta tiveram uma sorte espantosa. Foram agarradas por uma velha.



Que fugiu com vós para um olival. Foram as irmãs que desapareceram.



O fogo durou toda a noite, deixou grande cheiro, dizem.

continua

breves

O FILME BRITÂNICO «EFEITOS ESPECIAIS» obteve o primeiro prémio no trigésimo sexto festival internacional de cinema científico realizado em Ronda, Espanha. O segundo prémio foi atribuído a «Ilusões em Arte» da Polónia e o terceiro a «Plantas em Movimento» da Austrália. Participaram no festival mais de 100 películas de 23 países.

OS ASTRÓNOMOS DESCOBRIRAM a existência de um anel

em torno do Sistema Solar, utilizando um satélite de infravermelhos — informa o jornal «Boston Globe». A Nasa, agência espacial norte-americana, anunciará essa e outras descobertas feitas graças ao satélite, no dia 9 de Novembro, em Washington — acrescenta. Dois astrónomos relataram ao «Boston Globe» que o anel rodeia o Sistema Solar para além do planeta Plutão, a 9,300 milhões de milhas do Sol. O sa-

télite já detectou outros factos espaciais que se desconheciam, como a existência de uma nuvem de resíduos em torno de uma das estrelas mais brilhantes, Vega, (o que reforça a teoria de que uma estrela pode ter planetas).

EQUIPAS DE BUSCAS procuram encontrar o corpo do norte-americano de 26 anos que sexta-feira saltou sem para-quedas do avião comercial em

que viajava da Pensilvânia para Washington. Um dos 27 passageiros a bordo do Bimotor onde ocorreu o caso afirmou que o autor do salto no abismo, identificado como Wilmer Stillman, natural do estado da Pensilvânia, cerca de cinco minutos depois da descolagem deslocou-se para a parte traseira do aparelho sem aparentar sinais de nervosismo, abriu a saída de emergência e saltou.

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DA
MOITA**

ANÚNCIO

No próximo dia 29 de Novembro, pelas 14 horas, neste Tribunal, nos autos de Execução Sumária n.º 1983/8777, da 1.ª Secção, que os Executores José Manuel Martins Alvarez e João António Martins Alvarez movem ao executado Custódio Severino Ramos Calhau, casado, comerciante, residente na Estrada Nacio-

nal 167/A, na Beira da Banheira, há-de ser posto em Praça para se arrematar ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, o seguinte bem móvel, respingarda de casa, marca National, Hartel, Beiga, de calibre 12 de dois canos sobrepostos.

Moita, 25 de Outubro de 1983
O Juiz de Direito,

a) Guilherme Augusto da Igreja

O Escrivão de Direito,

a) Amílcar Manuel Pata de Mira

D.L. — 2/11/83 — 1.ª Publicação

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DO BARREIRO**

ANÚNCIO

No dia 24 do próximo mês de Novembro, pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de carta precatória vinda do 3.º Juízo Cível de Lisboa, e extraída dos autos de Execução Sumária em que são executados BANCO PINTO & SOTTO MAIOR, E.P. e executados DAFIN-DAUTO, Lda., António Fernando Alves Araújo e Adolfo António da Luz Calisto, sendo o último residente na Av.ª Escola Fazendeiros Navais, Lote 1-A, 3.ª Esq. na Quinta da Lomba Barreiro, há-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, os seguintes bens: Uma mobília de sala de estar, composta de dois mapas e sofá, de cor castanha-clara, novos; e uma estante de cor branca, composta de três elementos, nova.

BARREIRO, 20 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito

a) Ezequiel Sanches Casanova

O Escrivão Adjunto

a) Maria Júlia Santos
Fadilha Fragoso

D.L. — 2/11/83
2.ª Publicação

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA**

11.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc.º N.º 4879

Pela 2.ª Secção do 11.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm termos uns autos de acção de despejo que João Manuel Baptista Pereira Azevedo e outros movem contra Sucessores Incertos de Cristina das Dores Pinguinhas e outros ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Carlos Mardel, 106 t/c Esquerdo em Lisboa, pelo que são por este meio citados, para comparecerem neste Tribunal no dia 28 de Novembro 83 pelas 14,15 horas, a fim de se realizar a tentativa de conciliação ordenada nos mencionados autos, devendo os réus comparecerem pessoalmente ou fazerem-se representar por procurador com poderes especiais para transigir.

No caso da tentativa se frustrar, poderão os réus contestar, querendo e, porventura reconvir benfeitorias e indemnizações a que se julguem por direito, no prazo de cinco dias a contar da data em que aquela tentativa se efectuou, sob pena de serem condenados no pedido. Lisboa, 24 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito

a) José Manuel Cardoso Borges Soeiro

O Escrivão Adjunto

a) Raul João Santos Pimenta

crítica de teatro

Carlos Porto



Uma cena de «Le Testament des Ogres» pelo Grupo La Carrerarie

À procura dos papões

«Le Testament des Ogres». Interpretação: Hélène Ninerola e Guy Villard. Grupo «La Carrerarie». SPA. 22-10-1983.

O teatro para crianças deve ser mais fortemente contaminado pelo jogo do que qualquer outro. Isto entende-se facilmente pelas características do público a que se dirige, um público mais disponível para a brincadeira do que para a mensagem, o que não implica a eliminação desta. Nem sempre isto é entendido por aqueles que produzem espectáculos do género, o que provoca muitas vezes o alheamento dos pequenos espectadores perante a obrigação de observarem

passivamente uma realidade, por vezes demasiado palavrosa, que têm dificuldade em entender.

O espectáculo do grupo francês que visita Portugal singulariza-se exactamente pelo facto de propor, antes do mais e acima de tudo, um jogo que pela multiplicidade dos registos utilizados agarra facilmente as crianças. Embora os dois intérpretes falem bem o português e digam parte do texto na nossa língua, é evidentemente através de outros meios de expressão que o espectáculo passa para a sala. A música, mas também a forma como os instrumentos são utilizados; a marcação. viva e inventiva; os achados da encenação;

a mímica; as brincadeiras; o próprio gozo dos dois únicos e jovens intérpretes fazem do espectáculo aquilo a que é uso chamar uma festa.

Há no espectáculo o pretexto de uma história que se conta. Como diz o programa, «o prof. Albanis Moyeux, eminente etnólogo, descobriu na biblioteca real de Sumblerland um documento antigo que prova a existência de papões na ilha de Adak. Ele parte logo no rastro desses seres desaparecidos na esperança de descobrir o seu segredo...»

O pretexto é, pois, a viagem, o desconhecido, a fábula, os seres imaginários, com os quais é ainda costume assustar as crianças. Mas o importante não é

a aventura imaginada, é a aventura de dois actores no palco com os seus instrumentos musicais, os seus fatos, os seus objectos, o seu jogo.

Com um pouco de imaginação, algum talento e técnica q. b. e contando com o apoio económico indispensável, não é difícil criar espectáculos para crianças fugindo aos estereótipos e aos lugares-comuns. Alguns grupos portugueses, aliás, já o demonstraram.

Este grupo francês não só o confirma como ajuda a conhecer outras pistas, a confrontar experiências, ideias, soluções. Trata-se portanto de um espectáculo altamente recomendável a crianças de qualquer idade.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2542, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Nisa, de uma linha aérea a 30 Kv, com 446 metros, do poste n.º 5 da linha para o P.T. da Serração de João M. Ventura & Filhos, ao posto de transformação n.º 954 da Zona Industrial de Nisa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 13 de Outubro de 1983

P.º Engenheiro Director,
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1528, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Boliqueima, concelho de Loulé, de uma linha aérea a 30 kV (30.06.43 Desidério J. Oliveira), com 1.453 metros, do poste n.º 58 da linha Loulé-Porto de Lagos, ao posto de transformação de Desidério José Oliveira, sito em Carvalhina.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 20 de Outubro de 1983

P.º Engenheiro Director,
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portimão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1594, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, de uma linha aérea a 30 kV (30.14.06.04 Alcalar), com 406 metros, do poste n.º 20 da linha para o P.T. de Monte Canelas, ao posto de transformação dos Serviços Municipalizados de Portimão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 20 de Outubro de 1983

P.º Engenheiro Director,
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portimão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1589, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, de uma linha aérea a 30 kV (30.14.06.04 Arão), com 2.125 metros, do poste n.º 49 da linha entre a subestação de Porto de Lagos e Portela, ao posto de transformação de Arão dos Serviços Municipalizados de Portimão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 20 de Outubro de 1983

P.º Engenheiro Director,
Joaquim Gonçalves dos Santos

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A mentira das palavras e a verdade das imagens

TUDO se tem feito na televisão portuguesa para minimizar a invasão de Granada pelos Estados Unidos. A pontos de se não saber já qual é mais imoral: se quem pratica o crime, se quem o perdoa.

A bambochata da servidão assume aspectos de... orgia caótica e cómica. Repare-se naquela divulgação dos temores americanos. Assim: os milhares de invasores receavam pela sua segurança devido aos cubanos que se teriam refugiado nas montanhas. Esclarecia-se depois que os cubanos eram em número aproximado de... quatrocentos...

No «Sumário» de ontem, contava-se que as tropas de Reagan tinham desembarcado ainda noutra ilha, pois diziam que havia cubanos lá. Afinal não havia. Era mentira. Mas como os americanos já lá estavam, deixaram-se estar...

No **Telejornal** contava-se uma história edificante. Era a respeito dos mortos em Granada. Mais do que ao princípio se supunha. Dezenas deles tinham sido retirados dos escombros de um hospital bombardeado pelos americanos. Esclarecia-se logo a seguir que se tratava de um bombardeamento... por engano. Claro. Sempre

bem informado, o **Telejornal**...

Telejornal informante de uma televisão aliada dos americanos, mais servil do que uma cortesã de pataco. Mas eu cá se fosse ao Reagan tomava medidas severas contra este tipo de aliados que só lhe trazem sarilhos. Tanto lhe querem engraxar os sapatos que lhe acabam mordendo os dedos. Como, uma vez mais, aconteceu ontem naquela reportagem sobre a América Central. nunca, talvez, como ontem, os americanos ficaram tão sujos, tão mesquinhos e tão perigosos.

Talvez por isso os apresentadores e responsáveis de «Grande Reportagem» se mostrassem tão solícitos em desaguar e defender os Estados Unidos. Como se temessem iras, represálias, conflitos. Como se pedissem desculpa. Porque, qualquer que seja a ideia que eu, pessoalmente, faça da cultura, da maturidade e da capacidade profissional do Barata Feyo e do Sousa Tavares Júnior, ninguém acredita que estivessem realmente convencidos do que disseram, depois de terem visto o que viram.

A sua tática (aplicada, aliás, por todos os escribas e publicações ao serviço dos americanos)

consiste em reduzir as tensões mundiais a um conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética. Na América Central, por exemplo, é a União Soviética quem ataca e os Estados Unidos quem se defende. A culpa é da URSS. Se ela não se metesse não havia problemas, estava tudo okeissíssimo...

No entanto, nós vimos. Vimos, com estes olhos, a miséria, a fome, o desemprego, o analfabetismo em que vivem os povos submetidos aos Estados Unidos. Só nas Honduras, 70% da população vive na degradação máxima. É terrível — confessa um soldado americano — ver toda esta miudagem que nos vem pedir esmola...

Há quem não se resigne a essa vida. Acordam para a luta. Em vez de morrer de fome, preferem viver para a transformação dessa realidade. Organizam-se em guerrilha. Depois vêm os americanos, dizem que são os russos os culpados. E que fazem? Ajudam esses povos a libertar-se da fome e da miséria? Mandam operários, médicos, agricultores, professores? Não, senhor. Mandam tropas para... combater a guerrilha. Ou seja: atacam a febre, não a doença...

Porquê os Estados Unidos odeiam Cuba? Porque Cuba é «mau» exemplo. Em Cuba desapareceu a fome, o desemprego, o analfabetismo quando desapareceu o domínio americano sobre a ilha, quando o povo tomou conta do seu destino. Com a ajuda da União Soviética? Claro. Mas quem ajuda quem? Quem ajudou a Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Etiópia, Zimbabwe? E quem ajudou Pinochet, Somoza, Salazar, Savimbi, Papa Doc, o apartheid, o terrorismo turco, o fascismo filipino?

Nicarágua não representa nenhum perigo militar para os Estados Unidos. Só que o povo da Nicarágua luta pelo seu futuro, pelo seu direito à dignidade e ao pão. Tem amigos, vimo-los ontem, que o ajudam com os médicos, os professores, os operários que a América, através de Somoza, nunca lhes deu. E agora que dizem os americanos? Dizem que os culpados são os soviéticos e os cubanos...

A suspeita de que os americanos se preparam para atacar a Nicarágua, ficou ontem amplamente confirmada. Atenção. Nicarágua precisa de ser defendida. Por todos.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

Pela 2.ª secção do 2.º Juízo desta comarca, correm editos de vinte dias, contados na segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Fábrica de Confeções Agata, de Pires & Silva, Lda., com sede na Praceta Carlos Mardel, 79A em Nova Oeiras, para no prazo de 10 dias pos-

terior àquele dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real, na execução movida por Companhia de Linhas Coats & Clark, Lda.

Oeiras, 24 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito

(Luís Flores Ribeiro)

O Escrivão

(José Luís Jorge Paiva)

D.L. — 2/11/83 — 1.ª Publicação



EXTERNATOS

SÉNECA SEBASTIÃO DA GAMA

CICLO PREPARATÓRIO — GERAL — UNIFICADO COMPLEMENTAR — 11.º E 12.º ANOS

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º — Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º — Telef. 82 27 76
1100 LISBOA

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO

ÀS EMPRESAS:

Lisnave-Estaleiros Navais de Lisboa, SARL
Mompur-Comp.ª Portuguesa de Montagens, Lda.
H. Parry & Son, Lda.
Bell's & Comp.ª, Lda.
Indústrias Térmicas Nunes Correia, SARL
Messa-Indústrias de Precisão, SARL
Fábrica de Portugal, SARL
Corame-Construtora Metálica, Lda.
Cim-Cacém Industrial Metalúrgico, Lda.
Unico-Indústria de Representação, Lda.
Presmalt-Soc. Portuguesa Prensagem e Esmaltagem, SARL
Metalacém-Emp.ª Metalomecânica, Lda.

PRÉ-AVISO DE GREVE

Nos termos e para os efeitos previstos na lei n.º 65/77, e designadamente no seu artigo 5.º, avisam-se o Ministério do Trabalho e as empresas acima referenciadas de que os sindicatos signatários decidiram recorrer à greve, para defesa dos legítimos interesses dos trabalhadores que representam, e que naquelas prestam o seu trabalho.

As paralisações de trabalho verificar-se-ão na:

**QUINTA-FEIRA
DIA 3 DE NOVEMBRO DE 1983**

das 15 h às 20 h

A greve, a que este pré-aviso se refere, abrange todos os trabalhadores das empresas acima referidas, no âmbito estatutário destes sindicatos, e tem por finalidade reclamar o pagamento das retribuições que, de há vários meses a esta parte, deixaram de ser pagas aos trabalhadores.

Lisboa, 31 de Outubro de 1983

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa
Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Trabalhadores da Portaria, Vigilância e Limpeza e Actividades Similares
Sindicato dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENNOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12h e das 14 às 18h.

Av. Almirante Reis 173 1.º (Linha 150/151)
VICTOR - telef. 53 82 20

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA 3.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio.

Execução Sumária n.º 5888, 1.ª secção.
Enquadrantes — Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P.
Executado — Espaço 17 — Boutique de Santos & Frazão, Lda., Amândio Manuel de Jesus Santos e mulher Elizabeth Almeida Santos Boavida, com sede e residência na Rua da Nazaré, 17, em Rio Maior.

Lisboa, 21 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito

Dr. Moura Cruz

O Escrivão de Direito

João António Aleixo

D.L. — 2/11/83
2.ª Publicação



O actor William Holden, principal intérprete do filme «Um Homem e Dez Destinos», que se exhibe esta noite na RTP-1

12.00 Meio-Dia — que inclui desenhos animados.

13.00 Jornal da Tarde

Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV

18.00 Sumário

18.10 Janela Mágica

19.00 Teleregiões

19.25 Três Tons

19.50 Vamos jogar no Totobola

20.30 Telenovela — «Pai Herói»

21.15 Cinema Lumiar — com o filme «Um Homem e Dez Destinos», realizado por Robert Wise

23.00 Últimas Notícias



Na RTP-2 exhibe-se o 3.º episódio da série «Estórias» da História

18.30 Basquetebol feminino

19.00 Desenhos Animados

20.00 Telejornal

20.30 Adágio — recital de piano.

21.00 Estúdio Aberto

21.30 «Estórias» da História — 3.º episódio.

22.30 Telenovela — «Gabriela» (12.º episódio).

23.00 Último Jornal

Amanhã



12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.15: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Teleregiões; 19.25: Memória de um Povo; 20.00: Telejornal; 20.30: «Pai Herói»; 21.40: «Contos de Agatha Christie»; 22.30: Golo Rei; 23.25: Últimas notícias.

19.30: Desenhos Animados; 20.00: Telejornal; 20.30: RTP/Brasil; 21.00: Animação; 21.30: Da Música... — homenagem a Brahms; 22.15: «Gabriela»; 23.30: Último Jornal.

GRUNDIG

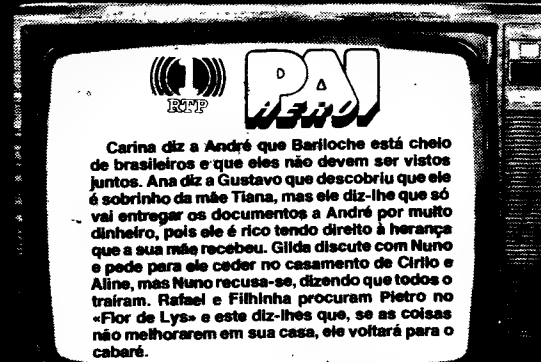
a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Um Homem e Dez Destinos» (21.15)



«Estórias» da História (21.30)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



foteiro cultural

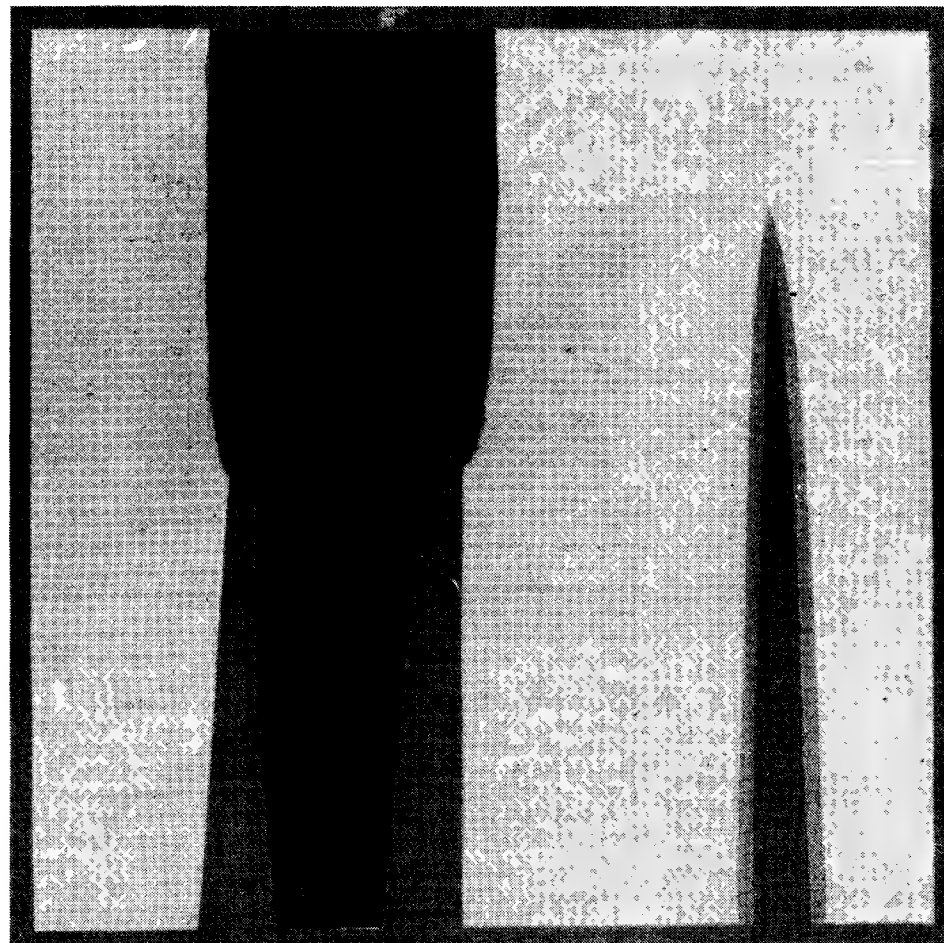
Cinema

Uma retrospectiva da obra de John Ford inicia-se dia 5 de Novembro na Cinemateca, onde serão exibidos até ao fim do mês todos os filmes existentes feitos por este realizador americano entre 1917 e 1939.

A segunda fase deste ciclo (1940 a 1971) terá lugar a partir de 9 de Janeiro na Fundação Gulbenkian.

«O meu nome é John Ford; faço westerns». Foi isto que Ford respondeu na entrevista a Bogdanovich quando este lhe pediu uma síntese da sua obra. Pelo «western» começou, e evocar títulos como *Stagecoach* (Cavalgada Heróica), *The Searchers* (A Desaparecida) ou *The Man Who Shot Liberty Valance* (O Homem Que Matou Liberty Valance) é evocar este género na sua máxima concisão: as origens da América, a vastidão da paisagem (de tal modo emblemática que muitos realizadores consideraram como plágio voltar a filmar em Monument Valley, a justamente chamada «terra de Ford»), os heróis ásperezos e dignos encarnados por John Wayne e Henry Fonda.

Mas um cineasta que encontra admiração e respeito junto de nomes como Eisenstein, Welles e Dreyer não poderia quedar-se na linearidade expressiva de um único género. Por isso ele passa também pela adaptação dos grandes romances sociais dos anos 30 — *The Grapes of*



Pintura de Jorge Martins em exposição na Galeria Arcano XXI

Warth (As Vinhas da Ira), *Tobacco Road* —, pelo interesse pela coisa militar e pela «arqueologia» de si mesmo através da inquirição das origens irlandesas — *How Green Was My Valley* (O Vale Era Verde).

Em todos os casos encontramos o mesmo fôlego narrativo posto ao serviço da revelação de valores como a coragem, a dignidade e a liberdade. Raríssimos serão os cineastas com uma tal adequação entre o seu credo e as

suas imagens, fundamento afinal da harmonia que impregna a obra de John Ford.

Teatro

«O Fim», de António Patrício, numa encenação de José

Gil, vai ser reposto a partir de hoje pelo CCD do Banco Borges & Irmã, para uma curta série de espectáculos às terças e quartas-feiras às 17 horas e 20. Marcação de convites pelo telef. 325228.

Música

«I Solisti Veneti», dirigidos por Cláudio Scimone, dão hoje um concerto, às 18.30, na Gulbenkian, interpretando obras de Pergolesi, Vivaldi, Passiello, Rossini e Verdi. Amanhã, à mesma hora e no mesmo local, o grupo toca obras de Vivaldi, Albinoni, Mozart e Schoenberg.

Conferências

François Gros, director do Instituto Pasteur, professor do Colégio de France e conselheiro científico do primeiro-ministro francês encontra-se em Lisboa para proferir uma série de conferências, falando amanhã, às 18.30, no Auditório 3 da Gulbenkian sobre «Aperçus sur la politique française dans le domaine des sciences et technologies», e no dia 4, no Instituto Gulbenkian de Ciências, em Oeiras, às 14.30, sobre «Biochimie du cytosquelette au cours de la différenciation des cellules nerveuses».

Exposições

Jorge Martins expõe na Galeria Arcano XXI, ao Príncipe Real, trazendo-nos de

Paris, onde se encontra desde 1961, a afirmação de uma obra de sensibilidade e inteligência que o situa na órbita mais evoluída de entre os modernos pintores portugueses. A mostra está aberta de 2.ª a sábado, das 15 às 20 horas.

Boavida Amaro expõe aquarelas, a partir de hoje, na Galeria «Diário de Notícias». Artista que fez os cursos de gravura dirigidos, entre nós, por Alice Jorge e João Hogan e na Bélgica por Dacos, com a apresentação de numerosos trabalhos, quer em Portugal, quer no estrangeiro, sobretudo depois da exposição individual que realizou em Lisboa, em 1971, na Galeria Opinião, Boavida Amaro obteve uma posição de evidência entre os artistas portugueses da sua geração.

Mo Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, encontram-se patentes ao público as seguintes exposições: «Pintar Setúbal», aquarelas de Augusto Júlio que documentam aspectos do património edificado e natural de Setúbal; «Levantamento cultural de Sines: uma perspectiva» e «Património arqueológico da área de Sines».

Uma retrospectiva da obra de Henrique Medina, constituída por 250 peças que englobam o retrato, paisagem, desenhos e trajos regionais, principalmente da região de Esposende, encontra-se patente na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian.

ANTÓNIO JUSTINO MONTEIRO QUEIROZ DE ABREU

Engenheiro químico

AGRADECIMENTOS E MISSA DO 7.º DIA

Arlete dos Anjos Monteiro Queiroz de Abreu e Pedro Canhoto de Queiroz Abreu, agradecem a todas as pessoas que os acompanharam no seu profundo desgosto e participam que se celebrará missa do 7.º dia em sufrágio de seu querido marido e pai, no sábado dia 5, às 18.30, na capela de N.ª S.ª da Conceição — Olivais Sul

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.15: Informativo de trânsito; 18.30: Catequese semanal do Papa João Paulo II; 18.45: Especial desporto; 19.45: Notícias alargado; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Curiosidades musicais; 16.40: Solos de órgão; 17.00: O canto e os seus intérpretes; 18.05: Cultivando; 19.30: «Dez Prelúdios para Piano», dedicados a Vianna da Mota, de Luís de Freitas Branco; 20.15: A voz de Roma; 20.30: Trio em ré menor, de Mendelssohn; 21.00: Ciclo Wagner; 22.30: Panorama da música antiga; 23.10: Música para harpa; 23.30: Série B; 00.30: Cantata «Non Sa Che Sia Dolore», de João Sebastião Bach; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.30: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Comemoração de Fiéis Defuntos, missa transmitida da Basílica dos Mártires em Lisboa; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Paju.

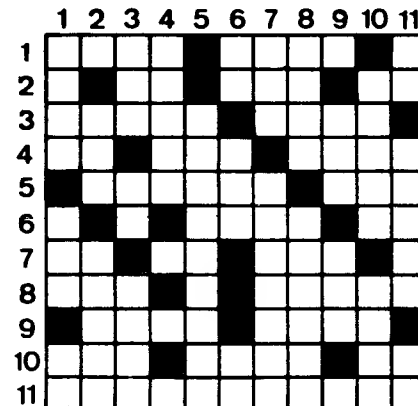
Tiragem média por mês anterior: 43.100

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 874

HORIZONTAIS:

- De preferência. Estica.
- Satélite de Júpiter. Pau-ferro. Cério (s.q.).
- Quebrada. Qualquer porção de uma curva.
- Brisa. Cólera. Palmeira da Amazônia.
- Afectos. Passado.
- Tempo do verbo ir. Clima.
- Artigo indefinido. Post scriptum. Nome de planeta.
- Aqui está. Falhas.
- Encoleriza. Anéis.
- Nome de mulher. Dança popular. Sua Majestade.
- Confrontassem.



VERTICAIS:

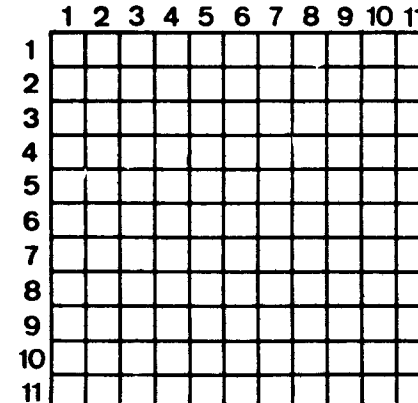
- Rapariga. Pronome relativo. Antes de Cristo.
- Arara. Mio.
- Terceiro. Moderato. Fecham as asas para descer mais depressa.
- Corpo simples metálico, muito espalhado na natureza, que constitui unido ao cloro o cloreto de sódio.
- Aventurava.
- Letra grega. Prefixo que designa ar. Distar.
- Joieira. Pulara.
- Espécie de avestruz (Bras). Transpiras.
- Tomba. Cincho.
- Cabo. Toste.
- Cério (s.q.). Gorgulhos tropicais. Milímetro.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o proverbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9726

HORIZONTAIS:

- Cidade da Jugoslávia.
- Género de peixes ósseos do Atlântico.
- Entre os Sirios o último mês de Verão. Apelido. Ruim. Alumínio (s.q.).
- Sede de concelhos ou jugado (ant). Arteria. Patrão.
- Fimbrina. Furiosos.
- Retirar.
- Matiza. Nome de mulher.
- Gavinha. Altar cristão. Seguias.
- Gálio (s.q.). Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Ba-tráquio. Reis.
- Talo de couve, ou o pedicelo de plantas herbáceas. (Prov).
- Tem. Tn.
- Então. Tanga.
- Mais. Mas. As.



VERTICAIS:

- Medida dos Hebreus que levava três módulos romanos. Vala.
- Logro. (fig.).
- Antes do meio-dia. O mais. Cobalto (s.q.). Pronome pessoal.
- Em as. Fileira. Larva das feridas dos animais.
- Erguer. Meter em mala.
- Autores. Gritar (fig.).
- Aperfeiçoara. (fig.). Arão.
- Larva das feridas dos animais. Rezo. Genro de Maomé.
- Centiare. Carta de jogar. Cinquenta e um em romano. O lado do vento. (inv.).
- Achatar.
- Gritos de agonia. (Bras). Tosto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9725

HORIZONTAIS:

- QUEM. NÃO. Sa.
- Ur. Afio. Tem.
- ED. Mio. Mera.
- Ri. Al. Temas.
- Ira. Hora. SS.
- Aa. Balada.
- Ca. Eva.
- Rosnais. Ms.
- Te. Tara. Ria.
- Então. Tanga.
- Mais. Mas. As.

VERTICAIS:

- Querias. TEM.
- Urdira. Rena.
- Co. Ti.
- Mama. Bastas.
- FILHA. NÃO.
- Nio. Olear.
- Ao. Traviata.
- Meadas. As.
- Tem. Tn.
- Serás. AMIGA.
- Amasso. Saas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 873

HORIZONTAIS:

- Estava. Acer.
- Irem. Rizoma.
- Tomar. Pés.
- Secos. Orno.
- Samoa. Ati.
- Ab. Ra. Cf. Ar.
- Mós. Ópera.
- Acém. Aneia.
- Ralar. Ascrea.
- Otão. Caos.
- Ouso. Umas.

VERTICAIS:

- Mit. Camarão.
- Ares. Boca.
- Temes. Selos.
- Amagar. Mato.
- Romão. Rã.
- Ar. Só. Pá. Ou.
- Iu. Acena.
- Az. Fresca.
- Copra. Aicas.
- Ementa. Aro.
- Rasvira. Asa.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	101\$45	107\$45
ALEMANHA FED (marco)	47\$15	48\$25
ÁUSTRIA (xelim)	6\$60	6\$80
BÉLGICA (franco)	2\$150	2\$350
BRASIL (cruzeiro)	\$050	\$120
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)	100\$45	102\$45
(notas de 5 a 1000)	100\$95	102\$95
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45
ESPAÑA (peseta)	\$776	\$896
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	123\$95	125\$95
(notas de 5 a 1000)	124\$45	126\$45
FINLÂNDIA (marika)	21\$80	22\$40
FRANÇA (franco)	15\$45	16\$15
HOLANDA (florim)	41\$95	42\$95
INGLATERRA (libra)	185\$80	189\$80
IRLÂNDIA (libra)	146\$90	150\$95
ITALIA (lira)	\$070	\$080
JAPÃO (yene)	\$502	\$537
NORUEG. (coroa)	16\$75	17\$25
SUÉCIA (co. se)	15\$80	16\$40
SUÍÇA (franco)	57\$90	59\$00
VENEZUELA (bolivar)	7\$35	8\$35

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 18 anos
A SERPENTE VERMELHA

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
JULIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19.00, 21.30
Para maiores 12 anos
O CÉU NÃO PODE ESPERAR

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OH, AMIGOS MEUS (PARTE II)

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O CÉU NÃO PODE ESPERAR
Às 24
AVENTURA É AVENTURA

CINE BLOCO 556824

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
DIFAMAÇÃO
Às 24
A CONSPIRAÇÃO DO URÂNIO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 18 a.
VINGANÇA FORÇADA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
2.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30, 21.30
Int. men. 13 anos
OS TRÊS DIAS DO CONDOR

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
65.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
PAI DE 13 ANOS

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 18 a.
TERROR NO HOSPITAL

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.
O SEGREDO DO AMOR

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEJA-ME... E ADEUS
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 13 a.
A FÚRIA DE VENCER
Às 24
O SONO DERRADEIRO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15, 21.30
M. 12 anos
LAS VEGAS

ÁVILA 539930

Av. Duque de Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desha Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
- Maiores 18 anos -
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
A FUGA DO CACA SOVIÉTICO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ESQUECI-ME DE VIVER



Uma cena do filme português «FIM DE ESTAÇÃO» realizado por MÁRIO BOTAS, em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16, 18, 20 e 22

M. 12 anos
FIM DE ESTAÇÃO
Às 23.30
M.A.S.N.

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15

QUERELLE
Às 23.30
O HOMEM QUE VEIO DO ESPAÇO

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.00,

A NOITE DE S. LOURENÇO
Às 23.30
BLOW-OUT (A EXPLOSAO)

SALA 4

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15;
N. ac. men. 13 anos
LOLA MONTES
Às 23.30
O CASAMENTO DE MARIA BRAUN

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
UM PAI DE 13 ANOS

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

- Maiores 12 anos -
HEAT AND DUST (Verão Indiano)
Com Julie Christie
12.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
9.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Int. men. 13 anos -
QUATRO AMIGOS
6.ª semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
UM DIFÍCIL ADEUS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15.15, 17.20, 19.30, 21.30
e 23.30
CORRIDA DE LOUCOS
c/ Michael Sarrazin e Norman Burton

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackford
5.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
OH, AMIGOS MEUS (PARTE II)

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
TERROR NO HOSPITAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Juventude sem Freio», às 21.30 (18 anos)
ALFA-2 - «Os Aventureiros do fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «Oficial e Cavaleiro», às 21.45 (18 anos)
QUINTETO - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
RESTELO - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.30 (18 anos)
CITY-CINE - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
CAPITÓLIO - «A Virgem Insaciável», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «Bringing Up Baby», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Exorcista», às 21.30 (18 anos)
APOLLO 70 - «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)
OLIMPIA - «Sonhos Selvagens», sessões permanentes (18 anos)
ESTÚDIO ACS - «O Pequeno Lord», às 21.15 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Academia» - «Os Machos», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - «Pavilhão Jardim» - «Jogo Duplo», às 21.15 (18 anos)
SETUBAL - «Júpiter» - «007, Operação Tentáculo», às 21.15 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - «Silcine» - «A Província», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «O Braço de Ferro», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - «Oeiras-Cine» - «Vem aí os Caloiros», às 21.15 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - «Cinelândia» - «Dois Amigos em Apuros», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Casino» - «Perigo no Espaço», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS - «Oxford» - «Iniciação Carnal», às 21.30 (16 anos)

ALGÉS - Stadium - «Kramer Contra Kramer», às 21.30 (13 anos)
PARADE - Royal-Cine - «Brigada do Vício», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «A Perseguição do Anjo do Fogo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Os Aventureiros do fim do Mundo», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «Flash Gordon», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «A Maldição do Vale dos Faraós», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Dorot-hea», às 21.30 (18 anos)
ERICERA - Cinestúdio - «Ben e Charlie», às 21.15 (13 anos)

Porto

SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)
VALE FORMOSO - «O Dragão Invenível Ataca», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Android, Quase Humana», às 21.30 (12 anos)
FOCO - «Os Ladrões do Tempo», às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - «Os Cavalos de Valdez», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)
JÚLIO DINIS - «Revak, o Rebelde», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-A - «Campeão de Lotaria», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L - «Iniciação Carnal», às 21.45 (16 anos)
PEDRO CEM - «Zeppelin», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI - «O Homem do Rio Nevado», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Octopussy», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - POTE D'ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS** - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS**: Góis, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREIRO** - APEADEIRO: Ideal, Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA**: Teixeira Lopes, R. do Ouro, 154-156 (T. 324816); **CAMINHOS DE FERRO**: Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE**: Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS**: Lda, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA**

teatros

Lisboa

CASA DA COMÉDIA - «Marlowe», às 22.00 (13 anos)
VARIADADES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Quem Acaba o Resto», às 21.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO - «Comédia à Moda Antiga», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - Sala Experimental - «Play» e «Eu Não», às 22.00 (13 anos)
D. MARIA II - «Auto de Santo António» e «Auto de São Vicente», às 21.30 (13 anos)
ABC - «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA MATOS - «Annie», às 21.00 (6 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «Há mas São Verde», às 21.30 (18 anos)
CAMPO ALEGRE - Seiva Trupe - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Florânia ou a Perfeita Felicidade», às 21.30 (13 anos)
CARLOS ALBERTO - «O Suicidário», às 21.30 (13 anos)

DO RESTELO - MOINHOS: Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **SAL-DANHA**: Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS**: Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (T. 780841); **ALGÉS**: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161); **BRANDOA**: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 933220); **ODIVELAS** - PATAMEIRAS: Amaral, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 925455).

REFORÇO

ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, Cç. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE**: Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776313); **BENFICA** - PORTAS DE BENFICA: Progresso, Est. A-de-Maia, 64-C, Esq. (T. 702228); **CAMPO D'OURIQUE**: Fındor, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **CAMPO PEQUENO**: «APOLLO 70: Campo Pequeno, Av. Júlio Diniz, 10, lojas 18-19 (T. 771861); **CHILE** - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis, R. Moraes Soares, 69-C (T. 841779); **LUMAR**: Nicolau, Cç. do Carricho, lote 4, loja, Esq. (T. 798727); **OLIVAIS SUL**: Antunes Rosas, Pç. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PICHELEIRA**: Mariz, Cç. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PEDROUÇOS**: Soc. Higluz, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **RATO**: D. João V, R. D. João V, 16-C (T. 682722); **SÃO VICENTE**: Rosa e Viagens, R. São Vicente, 31-37 (T. 864351); **BURACA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Agóres, 11-A (T. 910305); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão (T. 993912); **PRIOR VELHO**: Matos, Tv. Prioras (T. 821671).

Outra banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2780565). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Até às 22 horas; **LARANJEIRO**: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T.

2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO**: Picarra, Av. do Bocado, 65-A (T. 2074771). Permanente; **AMORA**: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emílio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEXUAL**: Lusitano, P. Cândido dos Reis, 10, Arrendela (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTUJO**: Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETUBAL**: Alice, P. do Quebedo, 6. Permanente; **OLIVEIRA**, R. da Misericórdia. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ**: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2680363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Godinho, Av. Patrão Lopes, 30 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS**: Villar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE**: Mendes Junqueira, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477828). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL**: São João, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOIEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA**: Madeira, até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Nova, Est. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Permanente; **Dias &**

farmácias

Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A

PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:

RENASCENÇA GRÁFICA, SARLAdministração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos**RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA**

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 368740

Serviço de noite (depois das 21):

Porteiro: 321154

Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA

Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO

Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO

Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS

Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA

Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

0,48 3,9 m 6,32 1,2 m

13,04 4,2 m 19,02 0,9 m

Dia 3

2,17 4,2 m 7,58 0,9 m

14,35 4,3 m 20,21 0,8 m

**TEMPERATURAS DO AR
AS 6 HORAS**

VIANA DO CASTELO	6°
BRAGANÇA	2°
VILA REAL	5°
PORTO	10°
COIMBRA	10°
CABO CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	13°
ÉVORA	12°
BEJA	13°
FARO	18°
SAGRES	—
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	20°

tempo

**PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ**Céu geralmente muito nublado;
vento fraco ou moderado de Sul; pe-
ríodos de chuva especialmente nas
regiões do Centro e Sul; pequena
subida de temperatura.*Confirmado esta manhã*

OLP vai abrir escritório em Lisboa

FOI ESTA MANHÃ eleito o novo Conselho de Redacção do «Diário de Lisboa», que passa a ser constituído pelos jornalistas Ernesto Sampaio, José António Cerejo, Aurea Sampaio e José Manuel Vilaça. Esta lista, única a apresentar-se à eleição, recebeu 19 votos a favor e 7 contra, num total de 26 votos validamente expressos. Os jornalistas citados foram respectivamente eleitos com 18, 17, 17 e 17 votos a favor.

CINCO BARCOS DE PESCA ESPANHÓIS, com base no porto de Ilha Cristina, província de Huelva, foram hoje apresados por barcos patrulha portugueses. Quatro destes barcos, «Bar Plaza», «Rio Ebro», «Rio San Pedro» e «Alfonso Francés» foram levados para o porto de Faro. Sobre o «Loyola Uriarte» não se indicou em que porto se encontra. Os cinco barcos encontravam-se a pescar na zona denominada «El Labirinto» que os pescadores espanhóis afirmam se encontra em águas internacionais. Cada um destes barcos tinha entre seis e oito tripulantes.

MENOR DESAPARECEU de casa dos seus familiares na Rua Barão de Sabrosa, 110, porta um ao Alto do Pina em Lisboa. Tem 12 anos o Álvaro Artur Ferreira Mendes Moraes, de olhos castanhos e cabelo preto. Vestia calças de ganga azul, camisa branca, casaco de malha cinzenta com listas vermelhas nas mangas e gola, bem como calçava sapatos pretos.

SUSPEITA DE HOMICÍDIO envolve o desaparecimento do septuagenário Henrique de Jesus Vieira, ocorrido no dia 2 do mês findo da sua residência em Vale de Bispo, Fundeiro, em Ponte de Sor, conforme na altura noticiámos. O corpo foi agora encontrado em adiantado estado de putrefacção.

A Organização de Libertação da Palestina (OLP) vai abrir brevemente um escritório em Lisboa — afirmou hoje, em conferência de Imprensa, Hussein Al Khaliq, que passará a chefiar a representação palestina em Lisboa, depois de ter exercido funções idênticas em Madrid.

O dia 2 de Novembro foi propositadamente escolhido para dar esta conferência de Imprensa, como meio de assinalar o aniversário da Declaração de Balfour, de 1917, a qual, como se sabe, permitiu a criação de um «lar nacional judaico» na Palestina, abrindo o conflito insanável que desde então tem vindo a ensanguentar o mundo árabe.

Khaliq afirmou que há dois dias que as populações dos territórios ocupados se vêm manifestando, para recordar esta «página negra da história do povo palestino» e protestar contra o despotismo do ocupante.

A intenção da OLP, ao abrir uma representação em Portugal, é pôr termo ao afastamento que tem caracterizado as relações entre os dois povos — português e palestino. Ainda não está definido, porém, o estatuto da representação palestina no nosso país. Mas se o momento escolhido foi este, isso deve-se à circunstância de terem entre tanto amadurecido as condições para que esta represen-

tação venha a constituir-se, preenchendo assim uma lacuna que muito se estava a sentir.

A problemática do Médio Oriente, e, muito em especial, os conflitos internos da OLP e a situação no Líbano foram abordados por Khaliq e alimentaram um vivo debate, ao qual não pudemos assistir até ao fim, por imposição da hora de fecho da nossa edição.

Khaliq pôs em relevo que as divergências existentes na OLP são salutares, naturais e decorrentes do carácter democrático da Organização. O que é preocupante e lamentável — disse — é que essas divergências sejam instigadas e avolumadas do exterior, com o

único objectivo de fazer perder à OLP todos os ganhos que esta tem obtido na frente política, vector essencial de uma luta, que, não rejeitando as armas, não se cinge a elas. Khaliq desmentiu também quaisquer conflitos entre a OLP no Líbano e o Partido Comunista Libanês, acentuando as boas relações dos palestinos com os comunistas em geral e com os libaneses — elementos essenciais das forças progressistas daquele país — em especial. Sobre o Congresso da Reconciliação, Khaliq afirmou que a sua organização desejaria que todas as partes libanesas chegassem a um verdadeiro acordo susceptível de restituir

a paz a um Líbano independente, soberano e árabe, mas lembrou que a complexidade do problema é tal que o optimismo neste caso deve ser substituído por um prudente realismo.

Por fim, Khaliq falou da representatividade da OLP e do seu dirigente, Yasser Arafat. Lembrou que nem os detractores nem os instigadores da cizânia nas fileiras da OLP conseguem desfazer este facto incontroverso: quando as populações palestinas, hoje, como ontem, lutam contra o ocupante sionista nas terras ocupadas, fazem-no à sombra de cartazes com a inscrição OLP e de fotografias de Yasser Arafat.

Com medo que alguém esqueça, ele insiste...

“Vou recandidatar-me!”

— repete Alberto João Jardim

Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, anunciou, uma vez mais, segunda-feira em Estocolmo, aceitar recandidatar-se ao cargo de chefe do Executivo madeirense por mais quatro anos. Para João Jardim, «ser eleito ou não, dependerá agora da resposta do eleitorado da Madeira».

Falando aos jornalistas que o acompanham na sua visita oficial à Escandinávia, João Jardim referiu que ao tornar pública esta sua decisão — já anunciada an-

teriormente... —, o fazia «visto que daria mau aspecto andar a brincar ao 'suspense' até ao Congresso regional do PSD».

«Duas questões — disse — levaram-me a tomar esta decisão: o País está numa situação absolutamente grave pelo que o retirar-me neste momento poderia significar uma fuga às responsabilidades; quis assim responder às críticas da oposição regional».

Alberto João Jardim disse ainda que «as instituições de-

mocráticas devem ser aperfeiçoadas» e afirmou «não concordar com o sistema político-constitucional em vigor» pelo que a sua candidatura «será uma candidatura de oposição ao sistema».

Associando a sua decisão a críticas que foram feitas pela oposição, nomeadamente ao facto de ter «governado em circunstâncias fáceis» e que, perante o aumento de dificuldades, iria fugir, disse:

«Esse é o maior desafio que

me podem fazer e porque, em princípio, não fujo nem me retiro, aceitei recandidatar-me», sublinhou.

O presidente do Governo revelou que, em seu entender, «não existem actualmente razões para proceder a uma remodelação no executivo madeirense» mas adiantou que «no entanto, o Congresso é soberano, pelo que qualquer indicação que nesse sentido venha a ser aprovada terá forçosamente que ser considerada».

na margem

Duas bofetadas

A distribuição de gestores entre o PS e o PSD continua demorada e a causar crescente irritação nos sectores interessados dos dois partidos. Da banda do PSD a viagem misteriosa (?) de Ângelo Correia ajudou ao atraso. Quanto ao PS diz-se nas Federações Regionais que o homem da «máquina» António Campos — não se recompôs ainda das bofetadas que um seu camarada da Figueira da Foz lhe pregou em pleno congresso Campos à defesa?

«Escravos?»

As gazetas dos séculos XVII e XIX publicavam frequentes anúncios de escravos para venda ou troca. Este anúncio que reproduzimos é do século XX (ano: 1983, mês de Setembro). Foi descoberto pelo «Canard Enchaîné» no «JIC Narbonne», jornal regional de anúncios.

Pinard de vivre

Cette annonce n'est pas parue dans la gazette du négrier mais dans «JIC narbonnais» (23/9), un journal d'annonces gratuites:

«Cada après vendanges en Minervois 6 portugais avec contrat - Début Octobre»

Est-ce que les esclaves sont de meilleure qualité que le vin?

cios gratuitos. O «Canard» perguntava na sua legenda: «será que os escravos são de melhor qualidade que o vinho?» Tradução do anúncio: cedem-se após as vindimas em Minervois seis portugueses com contrato — começo de Outubro.

E viva a CEE!

Falta decisão de Constâncio

Comissão Permanente do PS só com “soaristas”

As minorias do Partido Socialista não deverão ficar representadas na Comissão Permanente do partido. Apenas restam algumas dúvidas sobre a posição que Vítor Constâncio vai adoptar, depois de ter sido convidado por Mário para integrar aquele órgão.

Como já revelámos na nossa edição de segunda-feira, tanto Jorge Sampaio como Luís Filipe Madeira recusaram qualquer hipótese de assumir responsabilidades na direcção quotidiana do partido.

De acordo com informações recolhidas pelo «DL» é o próprio processo de formação da Comissão Permanente que inviabiliza a presença das minorias naquele órgão. «A pesca à linha» a que Soares procede, convidando individualmente cada um dos elementos que pretende ver na Comissão Permanente, sem que haja uma negociação global, mesmo no seio dos órgãos do partido, faz com que os antigos membros do ex-secretariado não se sintam especialmente inclinados a participar naquele órgão.

IPTT reúne Comité Mundial

«A actividade da Secretaria de Estado das Comunicações tem-se exercido precisamente sob os lemas de operacionalidade e de tecnologia com recurso aos grandes projectos nacionais, quer no campo da investigação quer no da indústria» — afirmou o seu titular, Raul Junqueiro, no discurso de boas-vindas que esta manhã introduziu a reunião do Comité Mundial da Federação Internacional dos Trabalhadores de Correios e Telecomunicações (IPTT) a decorrer em Lisboa.

O secretário de Estado das Comunicações realçou depois as dez orientações políticas para o sector que assentam naqueles dois princípios, e designadamente a que situa Portugal como um importante centro de transições internacionais de comunicações, a prática de uma política de preços que reflecta os custos da produção e ganhos de produtividade sem prejuízo de tarifas sociais, a salvaguarda dos direitos

constitucionais dos cidadãos (particularmente quanto ao sigilo das comunicações), o seu desenvolvimento com os países de língua portuguesa com o objectivo de permitir adequado aproveitamento das potenciais vantagens mútuas e a descentralização regionalizada da gestão dos operadores de comunicações.

Após recordar que a Secretaria de Estado das Comunicações tem apenas quatro meses de vida e pôr o acento tónico na

importância que o Governo português atribui ao sector, Raul

Junqueiro abordou os «extraordinários avanços» verificados na electrónica, na informática, nas telecomunicações, bem como as possibilidades que nos são oferecidas pela telemática, pela robótica, pela robótica, as novas técnicas espaciais de transmissão, das fibras ópticas, dos raios laser, que «colocam autênticos desafios ao homem e às sociedades».

Em Caneças banco assaltado

Três indivíduos ainda novos assaltaram esta manhã, pelas 10 horas e 40 minutos a filial do Crédito Predial Português, fugindo pouco depois num automóvel marca «Citroën» (tipo boca-de-sapo) em direcção a Sintra.

Como já vem sendo habitual os três assaltantes, embaçados com meias de senhora apresentaram-se armados de pistola. Sob a mira das armas obrigaram os empre-

gados a entregar-lhes o dinheiro existente em caixa. A totalidade da importância roubada ainda não foi determinada até à hora do fecho do nosso jornal.

Na rua esperava-os a viatura com um quarto elemento ao volante, tendo o assalto demorado escassos minutos, não dando tempo à intervenção das autoridades que chegaram ao local já muito depois.

Sete Ponto Sete

Escreve Jorge Leitão Ramos:

Quatro dias no Funchal em torno do Cinema



Um momento dos trabalhos da 2.ª Comissão, vendo-se ao centro o cineasta Artur Ramos

Pág. 3



Demais para não serem levados a sério

Pacifistas já são cidadãos da Europa

Págs. centrais

Carta aberta a António da Cunha Telles

M

Problemas relacionados com os meus gatos que, tal como eu, não tocam piano nem falam francês, impediram-me (é conhecida a doce tirania dos bichanos que, aliás, é a única que aceito e estímulo) de figurar na 1.ª Assembleia Mundial de Realizadores que, recentemente, teve lugar na tua querida ilha da Madeira, esse pequeno

magos. Outros virão? Sem dúvida, mas a mudança de cor torna os olhos férteis. E se parece ser verdade que para a generalidade dos cidadãos portugueses não se antevê nada de risonho, estou em crer que, no nosso casinhoto cinematográfico, há pelo menos indícios de uma administração mais justa e dolorosamente honrada. Por estranho que pareça. Eu sei que são qualidades que tu e eu não apreciamos mas temos que nos acomodar, meu caro António, temos que nos acomodar, e vai ser duro de roer.

Segui atentamente através dos jornais os trabalhos da nossa Assembleia (em espírito estive sempre convosco) e não entendi o ataque cerrado ao nosso mi-

João César Monteiro

paraíso terrenal de onde nunca deverias ter saído.

Verdade se diga que não iria lá fazer coisíssima nenhuma, a não ser um pouco de turismo e de má língua. Finório não sou e, pensando bem, antes factotum de mimada gataria do que capaz de multinacionais ou angariador de sóis e de mãos-de-obra ao preço de mijonas malvasias.

Folgo, contudo, por te saber encarniçado campeão e subscritor universal de direitos de realizadores. Fica bem ao realizador que és e, melhor ainda, ao produtor que pretendes ser. De igual modo, torno o meu folgar extensivo a todos aqueles que, desde os irmãos Lumière, se têm lixado nestas andanças e sobretudo a todos os nossos colegas portugueses que se vão sentar no banco dos réus por terem ousado defender os seus direitos, comezinhos e locais, quando estes foram ameaçados por uma recente administração fascistóide (em saldo, diga-se de passagem) do Instituto Português de Cinema. De meia-tigela, terei escrito então e, desde já, me arrependo, a indignação sufocava-me, ter-me-á roubado justiça e discernimento. Sinto agora, quicá tardiamente, que devo curvar-me, emendar a mão, prestar-me ao público e confrangedor desagradado. Assim, onde se lia «administradores de meia-tigela» deve doravante ler-se «administradores de tigela e meia» para que todas as contas fiquem saldadas. Morreria de vergonha se alguém pudesse pensar que eu era devedor de uma tigela inteira de merda.

Era previsível, meu Caro António: não ia perder o ensejo de prodigalizar uma pequena carícia a mim próprio mas, como é óbvio, não foi para isso que aqui vim nem sequer para te recordar que vais ser minha testemunha abonatória. Abonará livremente e livre de quaisquer encargos. Em boa hora o farás.

Cá pelo continente nada de novo pelos cinemas, a não ser o fim do jogo daquele simpático cineasta colorido que tem posto e disposto a seu bel-prazer dos sucessivos poderes políticos para nos massacrar corações e, nalguns casos, cabeças e estô-

nistro da Cultura. Mande-se o homem à fava por todas as razões do mundo, excepto por aquelas de que a maior parte da Imprensa se fez eco. Desde quando é que os nossos direitos têm que ser apadrinhados pelo poder político? O Jardim, vá que não vá: deve ter sido figurante num filme dos Marx e não se pode dizer que seja pior actor que o Reagan, antes pelo contrário; mas desde quando é que um ministro da Cultura tem que meter o nariz em assuntos que não lhe dizem respeito? Agiu bem, em meu entender, o dr. Martins não pondo o sapatinho numa Assembleia para a qual, é certo, havia sido convocado, embora não sejam claras, essas sim, as razões por que o foi. Tacto político e delicadeza não ficam mal a ninguém e, ao fim e ao cabo, esta notória e tão notada ausência não deixa de me recordar o final de «A Tempestade», quando o Prospero decide abdicar de todos os seus poderes e apela para a solidariedade dos outros: toda a minha força está em vós, etc. Não tenho notícia, perdoar-me-ás, de atitude mais douda, de silêncio mais prodigioso em toda a história da política cultural portuguesa. Extravagante me parece o facto de a nossa Assembleia ter propiciado a ingerência de um ministro da Cultura «Lang só há um, o Fritz e mais nenhum» sem que ninguém tenha feito reparos sonantes ao substracto colonialista do seu discurso. Lamentável, tanto mais que este pavão está teso e dali não vai pingar nenhum. Já demos para a França que o pariu.

Para finalizar, meu caro António, atendendo a que o pesado Lucas Pires já lá vai, que o secretário do Gungunhana está a caldos de galinha e bolacha araruta, que a força das circunstâncias te impede o cantar de galo (curiosa esta associação de galináceos), que não sei quê, não sei que mais, estão reunidas as condições para que entre nós se estabeleça uma colaboração duradoura e frutuosa, assim tu-queiras.

E só entendo a tua iniciativa de rescisão do contrato que firmámos, ainda nos tempos da

Administração Pires, antes de a nossa Associação ter esboçado a regulamentação da nossa caótica actividade, como o reconhecimento tácito do seu carácter caduco e obsoleto. Concorro, que remédio, seria de facto absurdo prolongar por mais tempo o pesado carregamento que a minha pessoa constituía para o teu generoso mecenato.

Temos de convir que, e sem menos apreço pelo folclore madeirense (e a propósito: por que foi publicamente ocultada a demissão de última hora da Comissão de Honra formada por René Clément e pelos meus queridos anciãos, os sempre-jovens e irrequietos Ivens e Oliveira?), talvez para o cinema português, mais do que o financiamento selvagem a curto-prazo, seja infinitamente mais preciosa a criação de uma base legal que faculte alterações substanciais no modo de produção de filmes. Pessoalmente, estou-me nas tintas para as *royalties* e para o *final cut*. Não vivo em Hollywood (nem quero) mas em Lisboa, no Anno Domini 1983: tenho uma máquina de escrever e, se necessário for, um pouco de coragem física. Ninguém defende os meus filmes e

dos maus livros de cheques e das contabilidades viciosas, e essas eventualidades assustam-me como o raio.

Assim, meu caro António, julgo ir ao encontro dos teus designios ao sugerir-te a introdução do seguinte clausulado, mais de harmonia (recondita harmonia) com os tempos que correm, isto se quiseres ter a bondade de encomendar à Sociedade Portuguesa de Autores um novo contrato com este pobre judeu errante:

1 — O realizador (eu) e o produtor (tu) são co-responsáveis na elaboração do orçamento do filme, caso a fonte de financiamento seja o Instituto Português de Cinema.

Esta cláusula tem, como tu bem sabes, inconvenientes grandes para o produtor mas é excelente para o realizador e para o Estado. Precisaré de explicar porquê?

2 — O projecto de filme X (título a encontrar) de que é realizador fulano de tal (eu) deve ser apresentado à entidade financiadora, o IPC, em nome do realizador (eu) e nunca do produtor (tu);

3 — No caso de o projecto ser assistido financeiramente pelo

IPC o eventual produtor (tu) não poderá assinar qualquer compromisso com esta entidade sem o acordo do realizador (eu);

4 — No caso da fonte de financiamento ser o IPC o produtor (tu) não poderá utilizar o bom nome do realizador (eu) para recorrer a outras fontes de financiamento sem prévio consentimento deste;

5 — A propriedade material do filme financiado ou é da entidade financiadora, o IPC, ou do realizador (eu). Num caso ou noutro, o legítimo proprietário compromete-se a ceder ao produtor (tu) o usufruto **exclusivamente** comercial do filme por um prazo a acordar entre ambos;

6 — O usufruto da cláusula anterior será retirado ao produtor (tu) se se fizer prova que é nocivo para a circulação do filme;

7 — Cabe ao realizador (eu) a exclusiva responsabilidade pela escolha dos actores e dos principais técnicos da equipa, devendo os nomes destes, bem assim como os respectivos vencimentos, figurar no pedido de assistência financeira ao IPC, excepto se houver circunstâncias de força maior que justifiquem a sua não inclusão;

8 — Cabe ao realizador (eu) a escolha dos laboratórios de som e de imagem;

9 — Cabe ao realizador (eu) a escolha dos materiais sensível e eléctrico, depois de ouvido o parecer dos técnicos;

10 — Cabe ao realizador (eu) a escolha da tecnologia que considera mais adequada à montagem do seu filme;

11 — O realizador (eu) e o produtor (tu) assumem, face ao IPC, o compromisso de apresentar um filme de acordo com o guião aprovado em concurso público, bem assim como o de satisfazerem prazos de entrega e o de não ultrapassagem o orçamento previsto.

Estou ciente, meu Caro António, que estas propostas calarão fundo em ti, tanto mais que algo me diz que só elas garantem a plena liberdade do meu trabalho e, consequentemente, o bem-estar de uma relação, a nossa, cujo objectivo primordial é, sem dúvida nenhuma, o empenhamento no filme que pretendemos levar a bom porto. Seja como seja, é pegar ou largar.

Teu admirador,



João César Monteiro



António da Cunha Telles

Infernos

Quatro dias no Funchal em torno do Cinema

Findos os trabalhos, feitas as malas, embarcados para os quatro cantos do planeta a mais de centena e meia de cineastas convidados, que ficou da 1.ª Assembleia Mundial de Realizadores de Filmes?

Jorge Leitão Ramos

U

MA reunião deste tipo, congregando gente e cinematografias as mais díspares, sobretudo se pioneira — como foi a do Funchal — não pode ser isenta de falhas.

Aliás a própria palavra *falha* exigiria uma precisão: falhas em relação a quê? Não sei se alguém tinha uma ideia concreta do que devia ser, como devia funcionar, uma assembleia como esta. Daí que o facto de os resultados da 1.ª Assembleia Mundial de Realizadores de Cinema não serem espectaculares e constituírem apenas uma base mínima de trabalho e de consenso seja, em simultâneo, decepcionante e pragmático.

Quando, nos dias 19 e 20, largas dezenas de cineastas desembarcaram no Funchal julgou que ninguém sabia exactamente o que ia encontrar. O primeiro dia de trabalhos (20) decorreu de forma pouco animadora. De manhã, as discussões sobre o número de comissões a criar e a sua denominação e objecto foram inconclusivas. De tarde, após a mesa ter reformulado as propostas iniciais de modo a obter consenso, a Assembleia conseguiu, após horas mortas de discussões terminológicas, fazer aprovar a constituição de sete comissões que, no dia 21, reuniram durante todo o dia para elaboração de documentos conclusivos.

Logo a 21 se reparou que a delegação portuguesa, de longe a que englobava maior número de cineastas, não estava muito motivada para os trabalhos. Se no plenário da véspera só Artur Ramos tomara a palavra, nas comissões verificou-se, com espanto, que nem a frágil associação de classe que agrupa alguns realizadores portugueses (a Associação de Realizadores) e que se encontrava, em peso, no Funchal, tinha algum elemento da sua direcção inscrito nas comissões ou apresentara qualquer documento ou proposta de trabalho.

Artur Ramos, Lopes Ribeiro, João Mário Grilo, Manoel de Oliveira, António Faria, António Campos e episodicamente, Fonseca e Costa estiveram presentes nas comis-

sões mas a generalidade dos restantes cineastas ou esperava uma intervenção concreta da Associação de Realizadores ou se alheava do que ia acontecendo com alguma displicência.

No dia 22 três factos relevantes ocorreram. De manhã a Federação Europeia de Realizadores do Audiovisual acolhia favoravelmente o pedido de adesão da Associação Portuguesa de Realizadores de Filmes. À tarde a discussão e aprovação dos relatórios das comissões levantou alguma polémica. O documento elaborado pela 6.ª Comissão (sobre a «responsabilidade pública do realizador» — já no 1.º dia, se trocara o termo *política* por *pública* para serenar ânimos) foi rejeitado. O documento era um conjunto de afirmações genéricas de carácter normativo sobre o que devia marcar a conduta pública e até estética face a alguns problemas políticos mundiais, com relevo para a questão da paz.

Após uma intervenção de Joris Ivens, aplaudida de pé, que se pode resumir na ideia «se são contra os 'Pershing II' façam um filme a dizê-lo em vez de assinar manifestos», a Assembleia recusou o documento por quase unanimidade.

Dos relatórios das restantes comissões o que ficou de relevante?

Cinco actas onde se reivindicam medidas genéricas de combate à hegemonização cultural, se afirma, o direito de cada povo à sua própria expressão cinematográfica e a conhecer a dos outros povos, se reclama o dever de preservar e defender a liberdade de expressão, se assume o direito à investigação da linguagem cinematográfica e a luta contra a standardização do gosto, se propõem medidas aos governos para assegurar uma igualdade nos domínios do audiovisual e, em particular, na difusão do cinema do Terceiro Mundo; se exprimem inquietações várias sobre as novas tecnologias de difusão do audiovisual (como as redes de televisão por cabo e os satélites de televisão continentais).

De um conjunto piedoso de votos (onde, porém, se resume, com bastante acuidade, a problemática genérica das cinematografias não dominantes) sobressai a Acta n.º 6, dedicada aos direitos do autor, onde, em 12 pontos, se ergue o esqueleto de um verdadeiro código de direito de autor cinematográfico, profundamente renovador em relação às

práticas dominantes e constituindo uma plataforma de futuro que pode vir a ser bem produtiva. Foi aliás a 2.ª Comissão, encarregada desta matéria, a que mais participantes congregou, entre os quais Luís Francisco Rebello, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores.

Mas o sábado, 22, não iria terminar sem aquilo que constitui um dos dois acontecimentos mais significativos da Assembleia: o discurso informal do ministro francês da Cultura Jack Lang que, perfeitamente sintonizado com os trabalhos da Assembleia apresentou a França e o seu próprio pensamento de política cultural, como o país que mais perto estava de satisfazer todas as reivindicações contidas nos documentos aprovados. Foi um discurso brilhante, bastante aplaudido e que, com a ausência de Coimbra Martins, caiu que nem uma bomba na delegação portuguesa.

De facto ninguém duvidava que se o ministro da Cultura português se chamasse António Ferro ou Lucas Pires certamente teria estado presente na Madeira. Foi preciso chegar ao poder um ministro socialista e francófilo para que acontecesse a bizzaria protocolar que ocorreu no Funchal.

Este acontecimento parece-me significativo porque frisa, com grande nitidez, o desnorte político, de política cultural, de política cultural cinematográfica que define a actividade actual de Coimbra Martins.

O dia de trabalho acabaria com Seixas Santos, presidente da direcção da Associação de Realizadores demitindo-se do grupo de trabalho para redacção final das conclusões, para que fora indigitado, marcando publicamente distância em relação aos resultados da Assembleia.

Domingo de manhã encerrava-se a 1.ª Assembleia Mundial de Realizadores de Filmes, com as actas aprovadas por aclamação, não que sem antes oito realizadores portugueses, sob a égide da Associação de Realizadores, tivessem feito uma declaração, abstenendo-se na votação final. Nesse documento (subscrito por Seixas Santos, António Pedro Vasconcelos, Fernando Matos Silva, António Campos, António Faria, Alfredo Tropa, Rui Simões e Costa e Silva) exprimia-se reserva, teciam-se acusações e assumia-se um tom altaneiro que espantou grande parte dos cineastas presentes.

Este foi, para mim, o segundo mais significativo acontecimento que ocorreu no Funchal.

À primeira vista é infantil. Como é que a direcção de uma Associação de Realizadores que nem preparou previamente a sua actuação na Assembleia, nem nela interveio positivamente, tem autoridade para redigir um documento criticando a não existência de trabalho prévio ou hegemonias que outras delegações, mais atentas e eficazes,

não deixaram de tentar pôr em prática?

Mas, se se olhar mais atentamente, verifica-se que a falta de elegância para com a Organização da Assembleia ou o canhestro «coice» dado nas delegações «hegemónicas» (como a francesa e a alemã) que, ainda na véspera, tinham recebido de braços abertos a Associação de Realizadores no seio da FERA, só pode ter uma explicação política: a de dar cobertura à ausência de Coimbra Martins (apesar de um telegrama de protesto pela mesma ausência, enviado por essa Associação, numa atitude a que não podia eximir-se).

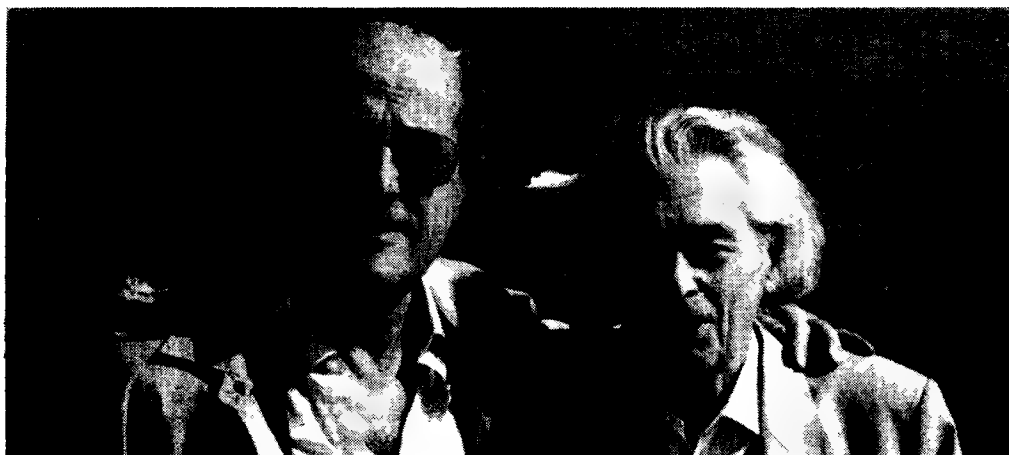
Foi um mau passo e creio bem

que os dividendos de clientelismo a obter não vão compensar o agravar de tensões no seio dos realizadores que esse acto, de imediato provocou. Há rumores de que Manoel de Oliveira, indignado, se irá afastar da Associação, aumentando o peso de um sector crítico dos cineastas onde já se encontram nomes como os de Fonseca e Costa, Luís Rocha, António de Macedo ou Monique Rutler.

Em termos de cinema português, a declaração final dos oito cineastas pode ter sido o princípio de um haraquiri da Associação de Realizadores, ainda por cima acentuada pelo grave lançamento sobre Cunha Telles (um dos membros da organi-

zação da Assembleia), o mais activo dos produtores que gravitam no peso institucional da Associação.

Com a política de subsídios do IPC em indefinição completa, podemos estar em vias de assistir a uma pulverização de influências, ao salve-se quem puder. Não seria nada de novo e é talvez inevitável num país onde abundam os cineastas em *part-time* onde há filmes por concluir há anos, onde a moralização do sector, privilegiando os realizadores/produtores que cumprem os seus contratos e querem, de facto, fazer filmes e penalizando os dilettantes do cinema, já tarda.



Manoel de Oliveira (à esq.) e Joris Ivens, duas das mais importantes figuras presentes na Assembleia.



José Fonseca e Costa e Monique Rutler durante um dos «almoços de trabalho»: alegria não falta a algum cinema português

A propósito de um artigo de Manuel Carvalho

Na passada sexta-feira, 28, publicou o «Diário de Lisboa», um artigo, assinado por Manuel Carvalho, sob o título *Atenção à verba do Instituto Português de Cinema*.

Habitado à peculiar escrita de Carvalho — quiçá a figurar em lugar de destaque em qualquer antologia do disparate crítico lusitano — não me ocorreria sair a terreiro perder tempo com tais prosas se, num processo que é comum nesse senhor, o meu nome não viesse nele citado, aparentemente a corroborar uma série de afirmações sobre a política editorial da

Cinemateca.

Diz Carvalho que o valor intínscio dos catálogos da Cinemateca foi «já bem analisado pelo crítico do «Diário de Lisboa», Jorge Leitão Ramos». E acrescenta, logo de seguida: «São catálogos e publicações quase sempre pedantes, escritos na maioria das vezes por indivíduos sem formação autêntica de base, de culturalismo cinéfilo de duvidosa reputação internacional, mesmo por vezes à beira do plágio» e etc, num arrazoado infrene contra as tais edições que eu já teria analisado bem.

Como tudo o que tenho escrito sobre as publicações da Cinemateca está, em geral, nos antípodas das opiniões expressas por Carvalho, de duas uma: ou Carvalho não sabe ler português (e eu procuro es-

crever o mais explicadinho possível, para até Carvalho entender) ou sabe e usa o meu nome com má-fé, no intuito de arranjar companhia à pressa.

Em qualquer dos casos, adeus minhas encomendas.

De maneira que, se o senhor Carvalho não nos quer poupar aos seus escritos de noites de insónia, é lá com ele. Afinal de contas sempre enriquece o anedotário nacional. O que não lhe admito é que cite o meu nome para corroborar os disparates que lhe vêm periodicamente à cabeça.

Agradeço, ainda, ao senhor Carvalho que não venha entrar em polémica. Tenho muito que fazer para dar atenção aos dislates avulsos que se publicam neste país, sabe Deus porquê.

Jorge Leitão Ramos

O movimento pacifista europeu adquire foro de cidadania

Depois das manifestações pacifistas de Lisboa, Porto e outras cidades portuguesas, no passado fim-de-semana, vale a pena reavaliar a experiência do "Outono Quente" europeu, particularmente no que toca ao estado do movimento nas duas Alemanhas. Decerto, o primeiro balanço exprime um crescente desejo de independência em relação aos EUA. Mas tratar-se-á apenas disso? E quanto ao movimento, no seu conjunto: é ele sobretudo uma "turbulência passageira", ou representa uma possibilidade de alternativa ao discurso e à prática dos partidos políticos convencionais?

Foi em 1958. O movimento de protesto «contra a morte atômica» estava no máximo, e 150 000 pessoas desfilarão em Hamburgo. A cidade nunca mais conheceu reuniões tão grandes até este sábado 22 de Outubro, com um fluxo de pacifistas vindos de toda a Alemanha do Norte. A polícia mostrou-se supercooperativa. Levou mesmo a sua diligência a fazer cálculos muito superiores aos dos organizadores: 250 000, diz ela, quando eles se consideravam satisfeitos com 150 000 ou 200 000 pessoas. Eles seriam numerosos em Estugarda, um pouco menos em Berlim-Oeste, mas mais ainda em Bona. O movimento pela paz faz uma demonstração da sua força, perante os que na RFA e não só, se obstinam a só ver nele uma turbulência passageira.

Foi decerto em Berlim-Oeste que esse dia de manifestação foi sentido como o mais injusto e até o mais absurdo por aqueles que não se lhe associaram. As potências aliadas podiam ter alguns motivos de amargura do ouvir os protestatários gritando à porta dos quartéis onde se encontram as tropas americanas, francesas ou britânicas, que não lhes interessam a sua protecção e que têm novos amigos: os pacifistas que, nestes três países, se associam à sua contestação.

O movimento pela paz alemã ocidental tem os seus excessos, o seu simbolismo, a sua maneira por vezes cega de refazer a história, as suas irresponsabilidades, os seus erros tácticos. Os exemplos podiam multiplicar-se. Seria necessário fazer em Hamburgo, como o fizeram os Verdes, o bloqueio do edifício do grupo Springer? Ou, no dia 20, cercar a escola de guerra da Bundeswehr? Queria isso dizer que estavam contra toda a instituição militar?

Seria preciso impedir os pacifistas dissidentes da R.D.A.,

de falar, em Berlim-Oeste? Decisão sem dúvida chocante tomada por uma assembleia geral onde — devido à democracia directa e vigor no movimento — todos estão na sala para votar.

E os comunistas estavam presentes. Eles tomaram, na organização dessa campanha, uma parte desproporcionada em relação aos 0,3% de votos que recolheram com dificuldades durante as eleições. Mas, quando se tratava de decisões importantes acerca das orientações políticas do movimento, nunca estiveram em situação de impôr aos outros o seu ponto de vista.

Mesmo que não faltem os erros, mesmo que o movimento da paz dê aqui e além o flanco às críticas e às desconfianças, passou a hora de ele ser denegrido. É que se trata de um milhão de manifestantes. O problema já não está nas violências eventuais. Ele vai mais além: procura saber onde se estabelecerá o novo «consenso» que se sente nascer entre os alemães, mas cujos contornos ainda são bastante fluídos.

Represálias maciças

Se nos fiarmos nas sondagens, três quartos dos alemães do oeste — Kohl ainda recentemente o recordava — continuam fiéis à aliança atlântica. Mas estes inquéritos também mostram que, dois terços ou mais desses mesmos alemães são hostis à instalação de novas armas da NATO e que 75% deles desejariam o prolongamento das negociações de Genebra, sem implantação de euromísseis, pelo menos de momento, 61% dos quais são eleitores da C.D.U.-C.S.U. e 68% do F.D.P., os dois partidos da coligação no poder, segundo o último estudo do Instituto Sinus.

Os inquéritos também mostram que o carácter dissuasivo destas armas é cada vez mais fraco, e que há agora uma maioria que pensa que elas aumentam o perigo de guerra nuclear na Alemanha. Paradoxalmente, o que se sente é que uma superioridade nuclear americana é perigosa ao passo que a superioridade soviética não o foi durante os últimos anos.

Claire Tréan

O movimento pela paz pôde florir na Alemanha nos anos 50, quando ainda se estava no belo tempo da dissuasão, e a teoria das represálias maciças não era contestável. Se ele hoje renasce, em parte com os mesmos apoios — o protestantismo, — o antimilitarismo alemão (que continua a ser uma reacção àquilo que foi o militarismo alemão) e também, finalmente, a social-democracia — é que essa teoria das represálias maciças é reposta em causa pelas novas armas nucleares. Como o que atrai primeiro já não seria, na argumentação do movimento pela paz, certo de ser destruído o frente a frente nuclear podia ser jogado num terreno limitado, em particular o da Europa e das duas Alemanhas. Por incerto que pareça, no plano militar, é este o argumento mais forte e portador de mudança.

É ele que cria uma visão cada vez mais crítica da política americana, e uma nova discussão, cada vez mais ampliada, da «soberania limitada» da Alemanha Ocidental.

As sondagens também mostram que, embora já não pensem que ainda é possível impedir a instalação de novas armas, há cada vez mais alemães do oeste a entrar no movimento pela paz. Quer dizer que esse dia de protesto não foi o canto do cisne, e que ultrapassa o estrito problema dos Pershing e dos mísseis de cruzeiro.

Mesmo que alguns antigos maoistas berlinenses que abandonaram a China ponham agora na Europa as suas ambições de vencer a hegemonia dos dois Grandes, mesmo que alguns intelectuais — que escrevem muito mas são pouco numerosos — se ponham a pensar na Alemanha como num todo, estas correntes ainda são localizadas, e a nostalgia da nação alemã não é o que hoje faz movimentar as multidões. Em todo o caso o veneno está preparado para uma redefinição do papel da Alemanha nas relações internacionais.

O desvio do S.P.D.

O movimento pela paz encontrou até agora a sua unidade

de na recusa, mas ele sempre fugiu — a pretexto de se tratar de um movimento popular e não de um partido político — a uma formulação unitária dos seus objectivos. O «novo dado» que é hoje ilustrado pela participação de Willy Brandt no grande comício de Bona parece ser importante para a futura configuração do movimento.

É-o em primeiro lugar para os sociais-democratas, cujo desvio no que trata dos problemas de defesa se acelerou nos últimos meses. Em Outubro de 1981, a participação do pastor Eppler na primeira grande manifestação pacifista de Bona, quase provocou a ruptura entre Willy Brandt e o chanceler Schmidt, que ainda

tinha atreído de si a maioria do partido. Depois disso, a base falou (dez das onze federações regionais pronunciaram-se contra a instalação dos mísseis), e Vogel, que nisto era julgado herdeiro do chanceler precedente, depressa alinhou nestas novas posições.

Este novo dado também é importante para o movimento pela paz, cujo único representante parlamentar era, até agora, o partido «verde». Por isso, o convite feito a Brandt, deu lugar a vivos debates, até porque os Verdes suspeitavam

o S.P.D. de estar pronto a aceitar um desenvolvimento parcial dos mísseis (o que Brandt teria desmentido) e preocupavam-se sobretudo com a política de integração levada a efeito pela social-democracia. Esta, absorveu e desnaturou sucessivamente, segundo eles, o movimento antinuclear dos anos 1950 e a contestação estudantil do fim dos anos 60.

Os Verdes foram pois, um pouco marginalizados durante essa semana da paz



Do outro lado do muro

DEPOIS deste Outono quente a Oeste, teremos um Inverno frio a Leste prognosticou Rainer Eppelmann. Eppelmann é o pastor da igreja do Samaritano, um edifício de tijolo vermelho, com fachadas tristes. Berlim-Leste é o ponto de encontro de todos os que recusam a «paz armada» do discurso oficial.

O Samaritano abriga um grupo de paz evangélica, como mais umas quarenta paróquias na RDA. Os adeptos de uma «paz sem armas», quer sejam escritores, enfermeiras ou operários num «Combinat», têm, todos eles, algumas dificuldades de emprego. Como Helke, uma paroquiana de vinte e três anos que não conseguiu lugar na Universidade e que o patrão ameaça com o despedi-

mento por ela não ser «politicamente da confiança».

De momento, a Polícia mostra-se relativamente simpática: as prisões diminuíram, as penas parecem menos severas, e alguns pacifistas aproveitaram para arvorar de novo o seu emblema: «Transformar as espadas em charruas», segundo as palavras do profeta Michée. Nos degraus da igreja do Samaritano, sacos de lixo artisticamente dispostos, evocam o betão conquistador, a poluição dos rios e as chuvas ácidas que destroem a floresta. No «hall», no meio de exposição de telas contestatárias, um desenho intitulado: **Conversa a dois** mostra dois extraterrestres escutados por um terceiro.

Tanto quanto se pode lembrar, Helke pensava na Igreja Evangélica, como num local «onde se pode falar sem se ser julgado». Na República Democrática Alemã, um cidadão em dois é cristão, um em três é protestante. A Igreja não é só um abrigo para os pacifistas. Ela também é um balão de oxigénio num universo onde o consumo, a disciplina e o valor militar são constantemente elogiados. Na

Philippe Demenet

igreja do Samaritano reúnem-se também grupos de mulheres, ou os homossexuais a passou da paz.

No passado dia 30 de Setembro, Rainer Eppelmann encheu a sala na Igreja do Renditor. Em Junho de 1979, a sua primeira «missa-blues» só atraía duzentas e cinquenta participantes. Dessa vez eram nove mil, em volta do tema «Ousar a vida». Um grupo de teatro representou «O Fim do Mundo», cantores de «rock» e poetas falaram da «militarização» e da poluição, enquanto que, no adro, «punks» e «rockets» que não tinham podido entrar bebiam cerveja.

Enquanto que o Estado socialista celebra com grande fausto o ano Lutero, os protestantes organizam sete congressos sinodais, que lhes permitem encontrar-se e conversar.

Mas, logo que se afastam das igrejas, as manifestações perdem força. Em Junho, a Polícia apanhava, à saída do comboio, um bando de ecologistas berlineses, com as suas bicicletas,



que iam protestar em Schwerin, no Norte, contra o traçado de uma nova auto-estrada no meio da floresta. No dia 1 de Setembro, algumas dezenas de pacifistas encontravam-se na polícia por terem tentado formar, de velas na mão, uma corrente humana entre as Embaixadas americana e soviética, em Berlim-Leste.

Enquanto a televisão da Alemanha de Leste transmite os bloqueios e as marchas pacifistas do Oeste, os de Leste não se preocupam muito, «mas se hoje se é preso por causa de uma vela, o que será quando os pacifistas do Oeste já não tiverem actualidade?» Para os «medias» ocidentais ou os mensageiros que atravessam o muro, os pacifistas do Leste conhecem perfeitamente as lutas de influência que agitam o movimento alemão do Oeste. Mas quando vêm aqui todos concordam, entre alemães conscientes, em pertencer ao mesmo «campo de batalha».

A confusão não é, no entanto, possível: o humor negro, a confiança, as reuniões e as blagues sobre a repressão criaram, a Leste, outra mentalidade. Os

pacifistas da Alemanha do Leste não são candidatos à emigração: «Nós somos cidadãos da RDA. É aqui que queremos mudar qualquer coisa», afirmam eles, apesar da total ausência de diálogo com o poder. «Em todo o caso continuo fundamentalmente optimista», diz Rainer Eppelmann. Os nossos governantes sabem que, na Europa, não há solução sobresselente para a discussão.

* Em Berlim-Leste, os ministros da Defesa do Pacto de Varsóvia publicaram, no dia 21 de Outubro, depois de uma «reunião extraordinária», um comunicado sibilino em que dizem «ter tomado uma decisão apropriada sobre os problemas abordados». Essa reunião, que se segue à de várias instâncias do Pacto, foi, segundo toda a verosimilhança, consagrada ao exame das contramedidas já tomadas ou encarradas em resposta ao desenvolvimento previsto dos euromísseis americanos. Uma reunião do Comité Militar do Pacto, encarregado, em princípio, das questões técnicas, foi convocada para fim de Outubro, em Moscovo.

As duas gerações do Movimento Francês

O

pacifismo em França tem duas caras, que as reuniões dos dias 22 e 23 sucessivamente ilustram. A primeira é a mais conhecida, por um lado devido à sua antiguidade e por outro aos estreitos elos que a unem ao partido comunista: é o Movimento da paz, herdeiro das campanhas dos anos 50, que opõem, segundo a terminologia comunista, da época, o «campo da paz» (a União Soviética, os países do bloco e os P.C. do Oeste) ao campo «imperialista» (os Estados Unidos e os seus aliados).

O vocabulário evoluiu, e as concepções que exprime são menos esquemáticas. Claro que a «agressividade» se situa sempre, para os comunistas, a Oeste, mas os animadores do Movimento da Paz, procuram manter, nas suas declarações, um certo equilíbrio, que subentende que a dinâmica do confronto, alimentada pelos Estados Unidos, encontra um abridor do outro lado. Assim, o bureau nacional do Movimento da Paz tinha condenado, em Janeiro de 1980, a entrada das tropas soviéticas no Afeganistão. Aproximara-se depois, da posição do P.C.F., atribuindo a responsabilidade dessa intervenção às «ingerências» do campo adverso neste país. Mas, para os euromísseis, o Movi-

mento da Paz adoptou, quando da manifestação que patrocinou em Outubro de 1981, o slogan: «Nem Pershing, nem SS-20».

Hoje, o Movimento da Paz não hesita em exprimir as suas dúvidas quanto ao real significado da proposta de «congelamento nuclear», formulada por Yuri Andropov, e evita

Patrick Jarreau

pronunciar-se sobre a tomada em conta, na negociação de Genebra, das forças francesas e britânicas, reclamadas pelos soviéticos e aprovadas pelo P.C.F. Os animadores do movimento esforçam-se por pre-

servar as condições de um diálogo com todas as forças políticas e sindicais, através dos «estados gerais para o desarmamento» de que tomaram a iniciativa.

Uma das correntes associa-

das, desde a origem, ao Movimento da Paz, é representada por Témoignage Chrétien, que, no entanto, adopta um tom mais vivo perante François Mitterrand. O director deste semanário, George Montaron, escreve (no número datado de 24-30 de Outubro) a propósito das declarações do presidente da República na Bélgica: «Não será chocante que um francês, o primeiro de todos, para mais socialista, dê lições a um povo que já não quer ter um campo de batalha(...) Falta uma parte essencial à política de François Mitterrand, da negociação (...) Há dois anos que esperamos e, ai de nós, só ouvimos árias marciais».

Estas frases exprimem, mais do que as declarações oficiais do Movimento da Paz, o sentimento dominante entre aqueles que se reconhecem nessa tendência. A política de Mitterrand provoca, nestes meios, uma irritação que o P.C.F. tenta canalizar em seu proveito. Mas os elos deste partido com a União Soviética, sublinhados quando da visita de George Marchais a Moscovo, no passado mês de Julho, e as precauções a que o obriga a sua participação no governo, explicam, em parte, que se afirme o outro rosto do pacifismo francês, mais recente, mais diverso, menos conhecido.

A manifestação de Larzac, no passado mês de Agosto, mostrou que o antimilitarismo saído dos acontecimentos de Maio de 1968 encontra, na denúncia da corrida aos armamentos, e no modelo proposto pelos movimentos de paz dos outros países

européus, um segundo fôlego. O P.S.U., os ecologistas, uma parte da extrema esquerda, os partidários da não-violência encontram-se nesta corrente que, segundo as palavras de Serge Depaquit, secretário nacional e porta-voz do P.S.U., se quer, antes de tudo, «não alinhada».

As acções de carácter antimilitarista, em que certos militantes desta corrente tinham participado no passado, já tinham mostrado que estes temas tinham eco no seio da C.F.D.T. Não é pois de espantar que a central de Edmond Maire tenha sido sensível à emergência de um pacifismo independente do Partido Comunista francês.

Ao apoiar oficialmente a manifestação organizada em Paris pelo Comité para o Desarmamento Nuclear na Europa (CODENE) — e não a que foi realizada pelo Movimento da Paz — a C.F.D.T. quis dar mais estatura a essa tendência em face do Movimento pela Paz e também em face do Apelo dos Cem, iniciativa pilotada pelo P.C.F. e que tinha em vista atrair, através de um leque de personalidades diversas os pacifistas mais desconfiados perante a União Soviética.

A reacção pacifista é assim, por vezes, reforçada. Isto explica que o Partido Socialista tenha pedido aos seus militantes que não se associassem a nenhuma das manifestações deste fim-de-semana. É preciso, disse Jacques Huntzinger, membro do secretariado nacional do P.S., «aguentarmo-nos sobre os princípios fundamentais do equilíbrio estratégico na Europa». É preciso, repetiu Charles Hernu, «dizer não à co-bardia e à ignorância».



Sociedade

Novembro

N

OVEMBRO, do latim novem-brus porque nono mês no calendário romano, é o mês em que a formiga começa a bater a cigarra aos pontos. Inicia-se o consumo da grande armazenagem feita nos meses anteriores e é a altura de se desenrolarem os frascos de doce e compota, de se dar vazão aos barris de cereais e barricas de peixe, de se sacudirem da naftalina as meias de lã, os cachecóis, os sobretudos, as luvas. Novembro é o mês dos frutos secos, das nozes, castanhas, passas, avelãs e das fragâncias outonais: água-pé com castanhas e nozes, os vapores misturam-se com os fumos e é inevitavelmente Novembro, mês de digestões demoradas e gaseificadas, de bebedeiras suaves, da amostragem de cavalos em passeadeiras de terra batida, a lezíria enche-se do ruído de cascos e multiplicam-se as comunhões em torno de uma mesa: «Copos, gargalhos, giricopos, copos cá, quem três vezes não disser copos, gargalhos, giricopos, copos cá, deste vinho não beberá».

É o mês em que se marcam com pétalas amareladas as páginas de livros maravilhosos e os homens enfiam cartuchos nas caçadeiras e instruem os cães na senda da presa, são homens, os nascidos em Novembro, activos, entusiastas e vigorosos,

amantes da caça e da força física e mulheres irrequieta, vivas, devotadas ao trabalho, que sabem o que querem.

É ainda, este mês dos mortos, a época do semeio de cebolas, couves, agrião, ervilhas, espinafres, favas, nabos, salsa, rabanetes, coentros, uma horticultura doméstica que chegou a invadir a cidade quando as casas tinham quintais. Preparam-se as sementeiras e podam-se os arbustos, as roseiras e as árvores de carço e pevide. Juntam-se os galos com as galinhas e reparam-se as capoeiras. O Inverno vem aí!

...Novembro, dia 1, dia de Todos os Santos, a terra treme em convulsões violentas e tudo cai como um baralho de cartas. Casas, igrejas, palácios, os edifícios vão ao chão no primeiro dia do mês, em 1755. Primeiro, o tremor brutal, e inesperado, depois, a investida do Tejo que galga as margens e as inunda, finalmente, os incêndios, os saques, os mortos, as pestes. Deus voltara as costas à capital do Reino e Lisboa era uma cidade amaldiçoada na véspera do dia de Finados. Afugenta-se o medo com a fórmula: «enterrar os mortos, cuidar dos feridos e fechar os portos».

Feriado nacional e dia mundial do futebol, «muito do que sei devo-o ao futebol» — afirmou o Albert Camus e Borges dirá que não, que o futebol não passa de uma cretinice.

Em 1907 morre Alfred Jarry. Novembro é o mês fatal para o conhecimento das ciências ubescas e consequentes invenções do guarda-chuva, das pantufas e das luvas («carta confidencial de Dom Ubu a Mr. Possível, Gabinete de invenções e

Luís Andrade de Sá



patentes»). De Alfred Jarry, editado em Portugal pela Presença, «As noites e os dias», pela Afrodite, «O Supermacho» e na Minotauro, «Mestre Ubu», dirá, em 1958, António Maria Lisboa: Jarry sabe que o sonho é este que vivemos da forma mais sábia: «dormir acordado, estar acordado quando dorme, viver responsabilmente o sonho, não desculpar, não ter razões nem dar razões, e acontecer com a precisão sucessiva do que acontece é o traço de união».

...Novembro, dia 2, dia de Finados, «Noite e dia. Verão e Inverno, rapazes. Sementeira e colheita. Vida e morte. É isto afinal a véspera de Finados. Meio-dia e meia-noite, rapazes. Nascimento e morte, moços. E o renascer uma vez mais, a corrida ao longo de milhares de mortes todos os dias e noites de véspera de finados, todas as noites escuras, até se obter des-

canso eterno em qualquer cidade», Ray Bradbury.

1877, em Amarante nasce o poeta, «lembras-te, meu amor / das tardes outonais / em que íamos os dois / Sózinhos, passear / para longe do povo / alegre e dos casais, / onde só Deus pudesse / ouvir-nos conversar?». O calendário aguarda impaciente a descoberta de Teixeira de Pascoaes, um homem mais amaldiçoado que maldito, um morto à espera da sua hora.

...Novembro, dia 6 de 1933, o pintor austríaco proclama: «o teu filho já nos pertence e a Jungvolk ensina o novo catecismo aos rapazinhos de 10 anos: «na presença desta bandeira de sangue, que representa o nosso Führer, juro devotar todas as minhas energias ao salvador do nosso país, Adolf Hitler. Estou desejoso e pronto para dar por ele a minha vida, juro-o por Deus».

...Novembro, dia 7 de 1917, a palavra mágica é enunciada, a senha transforma-se numa multidão que acorre ao Palácio de Inverno: Todo o poder aos Soviéticos! Conta quem sabe que, para Lenine, o dia 6 era demasiado cedo e o dia 8 demasiado tarde. Expectante e incrédulo, o mundo assistia ao desaforo. A não eternidade das pessoas torna impossível a pergunta: terá valido a pena a epopeia? Poucos anos depois, o mais celebrado dos repórteres portugueses, Reinaldo Ferreira, andou (ou não?) por lá, pela pátria de Lenine, perguntando, pesquisando, coligindo apontamentos para mais uma reportagem de sucesso, embora a má língua nacional assegurasse que ele não tinha ido além de Paris.

...Novembro, dia 11, «por S. Martinho, lume, castanhas e vinho» nos quais o prazer de beber se sente mais na ausência que na presença de festa. De vez em quando, contudo, alguém se lembra: o primeiro bebe-se inteiro, o segundo até ao fundo, o terceiro é como o primeiro e o quarto é como o segundo, o quinto bebe-se todo, o sexto do mesmo modo, o sétimo bebe-se cheio e o oitavo duas vezes e meio e, para com isso acabar, vem o nono para atestar.

...Novembro, dia 12, é a vez de, em 1915, Roland Barthes vir ao mundo, «du passé, c'est mon enfance qui me fascine le plus; elle seule, à la regarder, ne me donne pas le regret du temps aboli. Car n'est pas l'irréversible que je découvre en elle, c'est l'irréductible: tout ce qui est encore en moi, par accès».

...Novembro, dia 18 de 1893, nasce Mao Tsé Tung. Se

fosse vivo teria 90 anos, atravessaria a nado o rio Amarelo, a sua quinta mulher não estava presa e as crianças diriam: longa vida ao presidente Mao.

...Novembro, dia 25 de 1956, um grupo de cubanos embarca no navio Granma, melhor, num barco restaurado e pintado de novo chamado Granma. O destino é Cuba, e só doze deles chegariam à montanha de onde partiria, vitoriosa, a guerrilha. Entre eles, Fidel, Che e Raul Castro.

Portugal, 1975, «quando a nossa festa se estragou / e o mês de Novembro se vingou / eu olhei para ti / e então eu entendi / foi um sonho lindo que acabou / houve aqui alguém que se enganou», José Mário Branco.

...Novembro, dia 29 de 1935, morrem Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares. «Vem Soleníssima / Soleníssima e cheia / de uma oculta vontade de soluçar / talvez porque a alma é grande e a vida é pequena / e todos os gestos não saiam do nosso corpo / e só alcançamos onde o nossos braços chega / e só vemos até onde chega o nosso olhar». Até 1985, cinquentenário da morte do poeta, não parará a devassa da pessoa, que já não da obra, nem que para isso se desenterrem mais uns bilhetes de eléctrico ou as biografias de quem lhe vendia as canetas, o papel, os selos. No meio de tanta coisa, sempre aparecerá, certamente, algo interessante.

...Novembro, dia 30, dia de St.º André, «no dia de St.º André quem não tem porco mata a mulher». Faltam 31 dias para a passagem do ano.



I

maculada Enunciação vai ficar por aqui. Ao longo de onze semanas procurou a crónica introduzir o leitor em algumas actividades frequentemente desprezadas pelos roteiros, como se fossem de todo desconhecidas das gentes. Daí que não tenha sido uma viagem de descoberta, mas, antes, o aproveitar de ventos que sopram para enunciar tipograficamente os parâmetros pelos quais se move a facturação de

certos prazeres ou indicar percursos esquecidos no meio de tanto filme de qualidade, de tantas exposições de pintura, das inúmeras aberturas de bares.

Privilegiou-se a literatura como suporte do texto, paciência, alguma coisa tinha que ser e não foi por aí que a narrativa se empobreceu, e, da mesma forma, foi a droga o único tema repetido na crónica, não numa concepção de causa e efeito, isso ficará para quem ainda se preocupe com o assunto, mas numa asserção de preços. Mais não fosse, teria servido a droga para falar nesse velho, Ernst Jünger e não em Carlos Castaneda.

Um roteiro é isto, a unificação de um público, pela identificação de analogias comuns, pela descoberta da mitologia

fundamental que agrupa e organiza uma certa camada predisposta para o consumo, porque tempo livre é, quase sempre, igual a tempo de consumo. Logo, pode-se jogar com ele, manobrar o roteiro, introduzindo-lhe o que se quiser, que o público, fiel como qualquer colecionador da Corin Tellado, lá estará, fazendo o que não quer, consumindo o que não sabe e, se calhar, não gosta.

Há pois uma fidelidade ideológica dos leitores ao seu guia de utilização de tempos livres, suportado por um polimento cultural que justifica o acto, e que se pretende, o roteiro, o mais eclético possível de forma que leve o seu peregrino a visitar o palácio certo na semana certa, a ver a ópera aconselhada, a comprar o disco do momento, a entusiasmar-se com o filme da semana, a beber o gin no bar da moda. E eis que somos, quais cegos sem bengala, forasteiros no indigenato, à rasca na cidade sem o manual da sua utilização. E eis que, portanto, nos encontramos todos nos mesmos acontecimentos, nas mesmas audições, nos mesmos copos, nos mesmos «foyers».

Imaculada Enunciação, airosamente designado de antiroteiro, andou por outros caminhos, enumerou actividades solitárias: drogas, comprimidos, casas de banho, graffiti, repartições, urbanizações, banhos, dormidas, cemitérios, etc.

Se o não conseguiu também não se perdeu nada, o mesmo é dizer que, se alguém se guiou pelo enunciado dos textos, fez mal, embarcou na mistificação dos tempos modernos, nos quais a verdade só está naquilo que se lê, emana das rotativas, das ondas hertzianas, das videocassetes.

Imaculada Enunciação vai ficar por aqui e fá-lo da melhor maneira, ou antes, faz-se bem acompanhar na despedida. Tomando a efeméride como pretexto, ir-se-á falar da impossibilidade de desconhecer Dostoiévsky, hoje que são passados 162 anos e um dia do seu nascimento.

«Sou um escritor cheio de defeitos (...) Quantas vezes, após um exame de consciência, verifico que não exprimi a vigésima parte do que pretendia; e talvez mesmo do que podia ter dito». É este escritor «cheio de defeitos», nascido em 1821, que irá interrogar

como ninguém o fizera a espécie, mergulhando nos abismos da alma humana, do subconsciente, da dor. Autêntico forjado de uma psicanálise anterior a Freud, pela sua vasta obra desfilam as misérias, o grotesco, o pecado, o elemento trágico que impregna as páginas dos seus livros, inconfundindo-as e tornando o seu autor, tal como Allan Poe, Nietzsche, Lautréamont, um dos precursores da inquietação pela fragilidade da espécie. Ele mesmo de inquietante personalidade, dividida por Freud em quatro aspectos: o escritor, o neurótico, o moralista e o pecador, dos quais apenas uma quarta parte o escritor chegou para influenciar toda uma geração literária que lhe foi beber à obra muito do que produziu.

Numa curta ronda pelo que de Dostoiévsky há nos alfarabistas, sobretudo nos do Bairro Alto, a ideia com que se fica é que não é pelo preço que as pessoas ignoram ou não lêem o escritor russo.

Assim, «O Jogador», ed. Crispos de 1940, 50\$00; «Está Morta», Inquérito, 1940, 30\$00; «Alma Simples», Col. Económica, 1904, 30\$00; «Coração Débil», Portugalá,

30\$00; «O Eterno Marido», Guimarães, 50\$00; «Humilhados e Ofendidos» Progredior, 75\$00; «O Idiota», ed. Crispos, 3 vol. 150\$00; «O Sonho do Tio», Gleba, 60\$00; «Recordações da Casa dos Mortos», ed. Cor, 250\$00; «Crime e Castigo», Portugalá, 250\$00; «Contos», Portugalá, 1969, 80\$00; «Noites Brancas», Inquérito, 30\$00; «Os Possessos», Minerva 4 vol. 200\$00; «Algumas Notas Sobre os Irmãos Karamazov», de Pedro Nascimento, Portugalá, 1949, 50\$00; «O Adolescente», Ed. Cor, 2 vol. 150\$00; «Os Irmãos Karamazov» Círculo de Leitores, 250\$00; «A Voz Subterrânea», Civilização, 40\$00; «O Crocodilo», Inquérito, 600\$00; «A Mulher do Outro», 30\$00; «Dostoiévsky Artista», Leonid Grossman, Civilização Brasileira, 400\$00; «Magazine Literário», n.º 134, Março de 1978, 350\$00; etc.

Enfim, enquanto as editoras massacram o bolso do leitor, a tal ponto que merece honras de notícia o baixo preço das recente reedição de «Memórias» de Raul Brandão (200\$00) não é de enjear a oportunidade de «comprar» Dostoiévsky ao preço da uva.

L.A. de S.

Desmontagens

A importância do quotidiano

Ana Fernandes
Luís Baptista

A PESAR da vida quotidiana nos ser apresentada pelos seus intervenientes como desinteressante e sem história, o facto é que a rotina dos dias iguais é reflexo de qualquer coisa que não surge evidente a nossos olhos. O pequeno espaço de cada um, onde se desenvolvem os mais diversos melodramas, onde as mais diversas preocupações confluem, é um espaço de sobeja importância e que não pode ser descurado se quisermos compreender o que somos, o que fazemos e para onde vamos. O espaço privado — elemento cultural comum — aparentemente desligado dos grandes acontecimentos do Mundo reflecte-se e é reflexo das especificidades de cada sociedade. O banalizado, o rotineiro, aquilo que parece fazer parte do que todos sabem, é, no entanto, um vasto campo onde o conjunto dos valores dominantes se cruza com as diferentes estratégias pessoais e de grupo.

A ideia de desmontar o quotidiano vem assim no seguimento da preocupação de utilizar o que usualmente é tratado como material de segunda ordem e fazer das questões levantadas a partir das mais distintas significações, que em tudo se encontra, um possível ponto de partida para reflectir o que nos rodeia e ao fim e ao cabo tanto nos condiciona. É que as normas e as regras de que falamos e que conhecemos explicitamente em condicionamentos considerados normais (faltar regularmente ao trabalho pode conduzir à perda dum emprego, doutra forma o não cumprimento duma incumbência social condiciona os nossos meios de sobrevivência) não são exclusivas dessas situações mas antes fazem parte duma mais ampla lógica social que se reproduz distinguindo os Homens nas suas possibilidades enquanto membros duma mesma sociedade. Desmontar o quotidiano tem como principal razão de ser levar (esperamos!) os leitores a questionarem, a levantarem hipóteses, a reflectirem, partindo de passagens das nossas vidas comuns e sempre particulares e que por norma não aparentam merecer qualquer atenção especial. Ler uma mensagem escrita na parede, ouvir um diálogo, observar atitudes quantas vezes vulgares ou bizarras consoante a forma como surgem e são vistas por nós, quotidianamente disponíveis e exercitáveis para a reflexão do que fazemos e por que reagimos dum determinado modo. Desmontar é de algum modo relativizar o que nos parece uma evidência ou a única maneira possível de ver, de pensar qualquer coisa. Desmontar é compreender que

pode haver outras formas de perspectivar, outras maneiras de ver, e nesse sentido entendemos que a nossa contribuição é acima de tudo válida pelo facto de apresentarmos uma possível leitura. As nossas desmontagens são uma possibilidade de entender o que nos rodeia. Não são teorias, não são definitivas, são pistas que queremos abertas e não esquecidas de falar, só porque mexem demasiado conosco, e por isso, mesmo, difíceis de aprofundar. Todavia, sem entrar nelas e as discutir, para além das conversas de hábito, pensamos que a vivência colectiva se reduz continuamente a monólogos que em nada contribuem para novas condições de relacionamento e entendimento entre as pessoas e que parecem manter-se visivelmente deficientes. É pois partindo da dualidade norma-/margem, que se vive no nosso dia-a-dia, e que sistematicamente se presta a rotulagens e a definições simplistas do que uns e outros são, ou fazem, ou pensam, que vamos procurando levantar o véu sobre as privacidades e publicidades recheadas de conteúdos e significações que a cada momento se nos deparam.

Somos também observadores parciais, isto é, não podemos desligar do que somos e do que pensamos; só por si a escolha dos temas, o método que usamos, os fins a que nos propomos são questionáveis. No entanto isso é próprio de viver em sociedade tendo determinado tipo de motivações e de interesses pe-

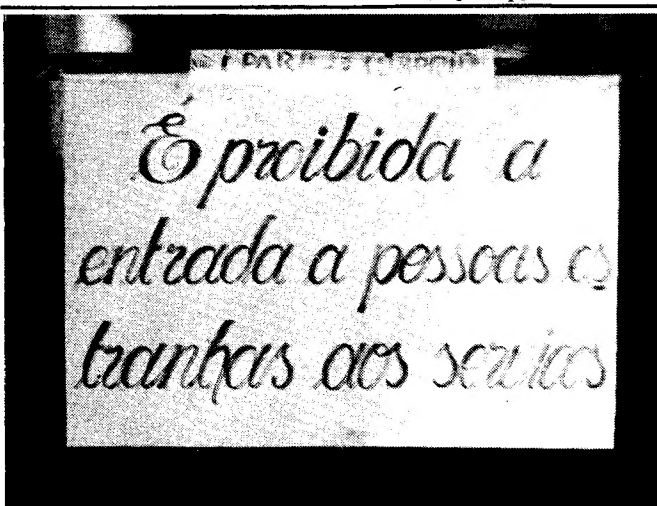
rante uma imensidade de opções possíveis. Este alerta não impede é que obviamente procuremos a cada instante adaptar a análise que mais desmistifique as diferentes posições. Pensamos ainda, por isso, que a melhor forma de tratar os problemas é apontar hipóteses sob a forma de questões, como linhas utilizáveis para o despertar de reflexões individuais e colectivas.

Desmontar o quotidiano é vencer a preguiça de ver as coisas que nos rodeiam de forma mais simples. É ultrapassar a barreira de deixar que os valores, os princípios que nos regem nos leiam a realidade sem que nós próprios a pensemos e apenas a identifiquemos pelas cómodas etiquetas que nos ensinam a colar nas pessoas. Apelamos, enfim, ao vício de pensar e reflectir.

Potencial espaço de liberdade de actividades diversas não desenvolvidas embora embrionárias, o quotidiano apresenta-se pela sua continuidade e pela amplitude de questões, de opiniões de vivências, que abarca, como uma dimensão a não esquecer de cada vez que se lançam para a frente o eventos e as medidas conjunturais, políticas, sociais, económicas, sem que o que se mantém sedimentado a nível de mentalidade seja efectivamente abalado.

A sugestão da imagem

Apresentamos de seguida dois exemplos que encontramos



pela cidade, ilustrativos do que se pode tornar objecto duma desmontagem. Como quaisquer outros objectivos de análise são susceptíveis duma enormidade de explicações, de interpretações, de comentários.

Podemos começar por nos questionar sobre a eminência da violação das regras sociais que a cada passo domina as preocupações gerais. Neste caso a proibição é reforçada dando-nos a entender a debilidade do estabelecido legalmente. Que se pode depreender daqui? Não será que o simples facto de proibir o cartaz, induz à sua violação? Ou pelo facto de proibir pessoas «estranhas»? Ou com todos os constrangimentos da sociedade portuguesa, com todo o peso do salazarismo, quebrar uma regra tão simples como ultrapassar uma porta, mais ainda quando ninguém nos vê, não será um aliciente tentador para qualquer um?... Estaremos perante o prazer da fuga à coerção duma sociedade onde ainda domina o controlo de vizinhança?

Como se pode justificar o aparecimento dum «não» por detrás do reforço da proibição? (ver fotografia).

Até que ponto houve uma adaptação da estrutura mental dos portugueses onde ainda encontramos características nítidas da sociedade de interconhecimento às novas condições determinadas pelo desenvolvimento das sociedades burocráticas? Ou até que ponto a nossa sociedade já não conhecia uma progressiva burocratização numa estrutura arcaica em que predominava a ineficácia organizativa?...

O que podem sugerir os dizeres que a cada passo se podem ler nas paredes da cidade transformadas quantas vezes em meio de comunicação? Neste caso a imagem da indignação, da raiva. Perante um acto consumado como reage o sujeito incapacitado de actuar? O facto de encontrarmos esta inscrição pode-nos referenciar o autor? Em que grupo ou grupos sociais podemos encontrar este tipo de atitude? Ou será ela possível a qualquer nível social? Não terá a posse do automóvel um significado diferente de grupo para grupo social? Parece-nos neste caso estar perante a especificidade da posse dum objecto ostentatório, símbolo de todo um esforço e duma preocupação de preservação que não é necessariamente semelhante em todos os tipos sociais, e que é especialmente empolado numa situação de violação a que outros poderiam reagir de forma mais ou menos espectacular.

Deixamos uma última pista comum às duas fotografias: o anonimato será neste caso específico da situação ou próprio de quem comunicou? Serão as situações especiais ou antes estaremos perante uma dificuldade individual (mas remetida para o colectivo) de expressar e assumir ideias?



EXPRESSO «PINHAL»

HORÁRIO

06H35	FUNDÃO	18H00
06H45	CASTELEJO	17H50
06H50	LAVACOLHOS	17H45
07H00	SILVARES	17H35
07H10	BARROCA	17H25
7H30	ORVALHO	17H05
07H45	A. GIRALDO	16H50
08H00	ESTREITO	16H35
08H15	OLEIROS	16H20
08H45 C		P 15H50
09H00 P	SERTÁ	C 15H35
09H15	C. BONJARDIM	15H20
09H45	FER. ZÊZERE	14H50
10H10 C		P 14H25
10H15 P	TOMAR	C 14H20
	T. NOVAS	
	PERNES	
11H15	SANTARÉM	13H20
11H20		13H10
12H30 C	CARTAXO	
	LISBOA	P 12H00



Diariamente

Entra em vigor em 01/11/83

Caminhos de Ferro
Portugueses

LISBOA - PORTO - LISBOA

«RÁPIDOS»

AGORA COM 2.ª CLASSE

3	7		4	8
08H25	14H25	Lisboa (Santa Apolónia)	11H50	18H10
—	15H27	Entroncamento	—	17H04
10H33	16H34	Coimbra B	09H39	16H01
11H07	17H08	Aveiro	09H05	15H27
—	17H38	Espinho	—	14H57
11H50	17H50	Vila Nova de Gaia	08H24	14H44
12H00	18H00	Porto (Campanhã)	08H15	14H35

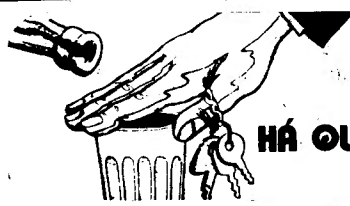
Desde o dia 25 de Setembro de 1983 os comboios rápidos com os horários acima indicados, passaram a incluir, também, carruagens de 2.ª classe.

Esta medida traduz-se numa melhoria do serviço prestado ao Público já que visa uma maior adequação do transporte oferecido à procura verificada.

Chama-se a atenção dos senhores passageiros que as carruagens de 2.ª classe atrás referidas, não poderão ser utilizadas por portadores de títulos de transporte com reduções especiais não insertas na Tarifa Geral de Transportes.

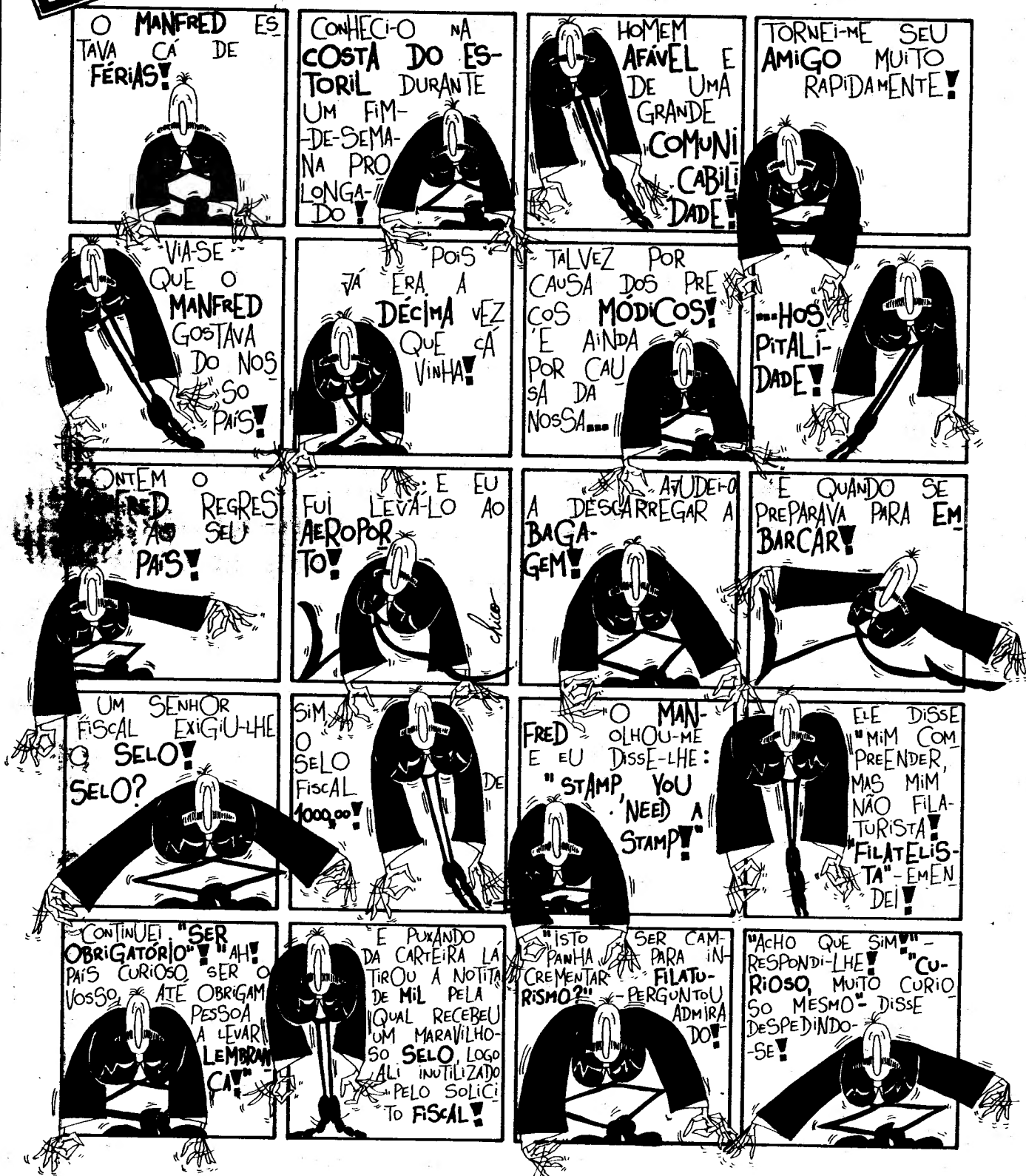
NOTA: Nestes comboios, tanto em 1.ª como em 2.ª classe, é obrigatória a marcação prévia de lugar e a sua lotação é limitada ao número de lugares oferecidos.

Para informações mais detalhadas devem os senhores passageiros dirigir-se às estações ou às Secções de Informações.

CONDUZIR
OU
BEBER
HÁ QUE ESCOLHER!

**Sete
Ponto
Sete**

doces crônicas



Cientistas americanos afirmam

Guerra nuclear provocaria a extinção de todo o género humano

A extinção do género humano é «uma eventualidade eventualmente possível» se uma guerra nuclear mesmo limitada, vier um dia a rebentar, afirmaram 2.ª feira vários cientistas americanos.

«Temos boas razões para estar com medo», declarou o prof. Paul Ehrlich, da Universidade de Stanford (Califórnia), numa conferência organizada em Washington sobre o tema: «O Mundo Após um Conflito Nuclear».

Segundo o prof. Paul Sagan, da Universidade de Cornell (Nova Iorque), uma guerra atómica entre as duas superpotências, traduzir-se-ia pela morte imediata de 1,1 mil milhões de indivíduos. Um número igual de pessoas ficariam mortalmente feridas, acrescentou.

A deslocação do ar produzida por uma série de explosões nucleares provocaria também a dispersão na atmosfera de gigantescas nuvens de poeira que transformariam a Terra num planeta glacial e sem luz, acrescentou o prof. Sagan.

A atmosfera, por outro lado ficaria saturada por emanações radioactivas e tóxicas, indicou o prof. Sagan, célebre em todo o Mundo pelos seus trabalhos astronómicos e os raros sobreviventes

deste holocausto ver-se-iam reduzidos a errar por terras onde toda a vegetação e toda a vida animal teriam desaparecido para sempre.

A maior parte dos estudos realizados até agora, salientaram os cientistas que participam na conferência, deixavam supor que as consequências de um conflito nuclear não se fariam sentir senão no Hemisfério Norte. No entanto, declarou o prof. Ehrlich, os fenómenos de hiperpoluição da atmosfera e as graves perturbações climáticas que provocariam, afectariam todo o globo.

«Se houver uma guerra atómica a grande escala, podeis dizer adeus ao Hemisfério Norte, exclamou, e as consequências para o Hemisfério Sul seriam catastróficas».

Em caso de conflito nuclear, acrescentou o prof. Ehrlich, «todo o Mundo sofrerá». A partir daí, afirmou, «não podemos excluir a extinção do género humano».

O prof. Sagan precisou que estas previsões aterradoras se baseavam numa guerra com bombas ou ogivas de uma potência global de 5.000 megatoneladas ou seja, cerca de um terço do arsenal respectivo dos EUA e da URSS.

Há dez milhões de refugiados em todo o mundo

Há actualmente cerca de 10 milhões de refugiados políticos no mundo e a comunidade internacional deve reforçar os seus esforços para ajudar essa gente, disse terça-feira em Washington o alto-comissário das Nações Unidas para os refugiados (HCR), Paul Hardling.

Lembra ele que o número de pessoas obrigadas a abandonar o seu país por motivos políticos não passava de 1 milhão e meio há 30 anos e que, desde a sua fundação em 1951, o HCR já obrou para ajudar perto de 25 milhões de pessoas.

Segundo Hardling, enfraqueceu entretanto a capacidade de assistência a estes refugiados, nomeadamente por causa da recessão económica, da pobreza de certos países de acolhimento, da atitude restritiva das nações industrializadas e de um relativo esgotamento da faculdade de «compreensão» dos governos.

Calcula ele que o problema actual mais importante e perante o qual se multiplica em esforços o Comissariado das Nações Unidas é o dos «refugiados do mar» vietnamitas e o das pessoas que fugiram do Camboja e do Laos.

Segundo o alto-comissário, o número de «barcos do povo» já subiu a mais de 40 mil e o dos refugiados cambojanos e laocianos a várias dezenas de milhares.

Ao felicitar-se pela ajuda financeira dada pelos Estados Unidos ao HCR e à intenção de acolher 50 mil refugiados durante o ano fiscal de 1984, Hardling acentuou que muitos outros milhares esperam ainda que seja tomada a sua respectiva decisão.

Segundo o alto-comissário, a melhor solução, e desde que o permitam as condições, será o regresso dos refugiados ao seu próprio país. Foi esta solução aliás a adoptada em certos países de África (Sudão, Angola, Zaire, Zimbabwe, Chade), da Ásia (Birmânia e, em certa medida, Camboja e Laos) e da América Central, nomeadamente a Nicarágua. Paul Hardling sublinhou, a propósito, que está actualmente em curso um programa de regresso de refugiados da Etiópia que se encontram em Djibuti.

Uma outra opção consistiria em integrar localmente os refugiados num país de cultura próxima do deles. O alto-comissário lembrou todavia que tais países de asilo atravessam também sérios problemas económicos e que, enfim, a sua capacidade de acolhimento não é propriamente infinita.

A última possibilidade seria ainda a instalação de refugiados num país longínquo, de clima e cultura completamente diferentes. Mas, segundo Hardling, ela não deve ser utilizada senão em última instância, nomeadamente, por causa dos problemas de integração.